



RE 102 310



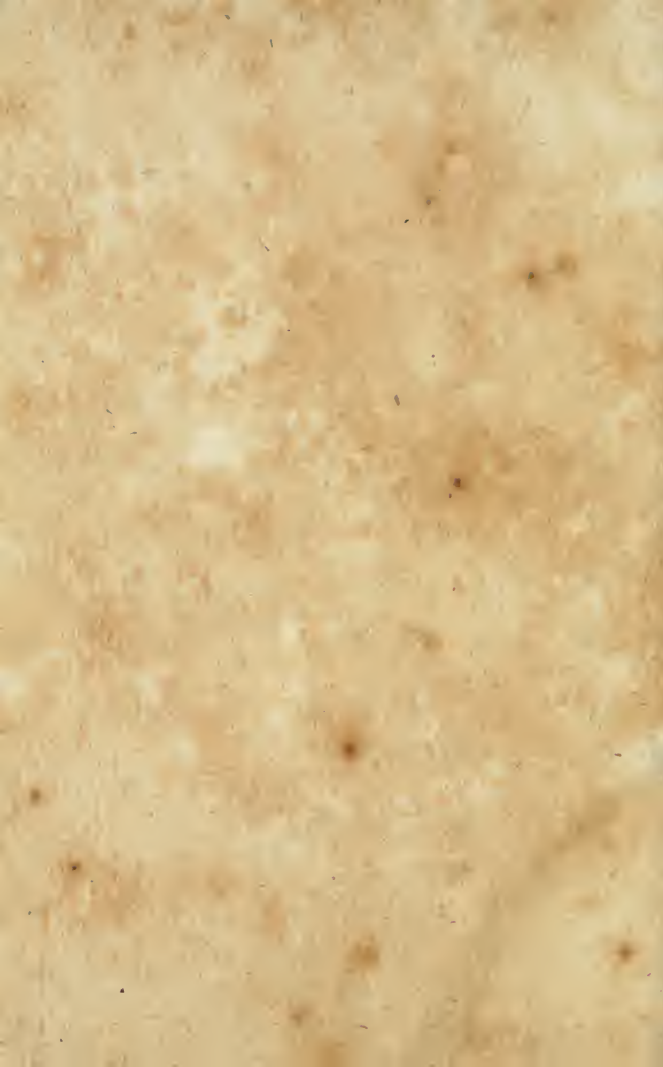
Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by

Dr. Antonio Gomes
Da Rocha Madahil









NOTÍCIAS
DE
PORTUGAL
ESCRITAS POR
MANOEL SEVERIM
DE FARIA

Chantre, e Conego da Sé de Evora.
EM QUE SE DECLARAÕ AS GRANDES
commodidades, que tem para crescer em
Gente, Industria, Commercio, Riquezas,
e Forças Militares por Mar, e Terra, as Ori-
gens de todos os Appelidos, e Armas das
Famílias Nobres do Reyno, as Moedas,
que correrão nesta Provincia do tempo dos
Romanos até o presente, e se referem vari-
os Elogios de Principes, e Varoens Illus-
tres Portuguezes.

ACRESCENTADAS
PELO P. D. JOZÉ BARBOSA
CLER. REG., ACAD. DO N. DA AC. R.

Terceira Edição augmentada por
JOAQUIM FRANCISCO MONTEIRO
DE CAMPOS COELHO, E SOIZA.

Do 6.º M.º 2.º TOMO II. 1.ª edição de
*Com**tra*

LISBOA
NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.

ANNO M. DCC. XCI.
Com lic. da R. Mez da Com. Ger. sobre o Exa-
me, e Censura dos Livros,

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

INDEX

DOS PARAGRAFOS QUE SE

contém neste Livro.

DISCURSO IV.

S O B R E as Moedas de Portugal.	
§. 1.	pag. 1.
Moedas Romanas. §. 2.	p. 3.
Moedas Gotticas. §. 3.	p. 6.
Leovigildo. §. 4.	p. 7.
Hermenegildo. §. 5.	p. 10.
Recaredo. §. 6.	p. 14.
Liuva. §. 7.	p. 17.
Uviterico. §. 8.	p. 18.
Gundemáro. §. 9.	p. 20.
Sisebuto. §. 10.	p. 21.
Sventhila. §. 11.	p. 24.
Sissenando. §. 12.	p. 26.
Tulgan. §. 13.	<i>ibid.</i>
Chindasvindo. §. 14.	p. 27.
Recesvinto. §. 15.	p. 28.
Uvamba. §. 16.	p. 32.
Ervigio. §. 17.	p. 35.
Egica. §. 18.	p. 37.
Uvittiza. §. 19.	p. 39.
D. Rodrigo. §. 20.	p. 40.
Moedas Arabigas. §. 21.	p. 43.
Moedas dos Reys Portugueses. §. 22.	p. 49.

INDEX.

Dobras delRey D. Sancho. §. 23. p. 51.
 Moedas delRey D. Affonso IV. §. 24.
 p. 52.

Moedas delRey D. Pedro. §. 25. p. 53.
 Dos Gentis, Barbudas, Graves, Pilar-
 tes, e Fortes delRey D. Fernando. §.
 26 p. 55.

Moedas delRey D. Joaõ I. §. 27. p. 58.

Moedas deRey. D. Duarte. §. 28. p. 60.

Moedas delRey D. Affonso V. §. 29. p. 62.

Moedas dleRey D. Joaõ II. §. 30. p. 66.

Moedas delRey D. Manoel. §. 31. p. 68.

Moedas delRey D. Joaõ III. §. 32 p. 72.

Moedas delRey D. Sebastiaõ. §. 33.
 p. 75.

Moedas delRey D. Joaõ IV. §. 34. p. 77.

Moedas delRey D. Affonso VI. §. 35.

p. 79.

Moedas DelRey D. Pedro II. §. 36.

p. 80.

Moedas DelRey D. Joaõ. V. §. 37. p. 83.

Moedas do Senhor Rey D. Jozé o I.
 §. 38. p. 85.

Moedas da Rainha Nossa Senhora D.

Maria I. §. 39.

p. 86

Das Livras. §. 40

ibid.

Das Livras de dez soldos. §. 41. p. 89.

De outras Livras, que valiaõ dez Livri-
 nhas

INDEX.

nhas sómente. §. 42.	p. 91.
Dos Soldos. §. 43.	p. 94.
Dos Dinheiros. §. 44.	p. 95.
Das Mealhas. §. 45.	p. 102.
De outras Moedas Estrangeiras, que corriaõ no Reyno. &c. §. 46.	p. 103.

DISCURSO V.

S obre as Universidades de Hespanha §. 1. p. 106.	
Principio das sciencias na Lusitania. §. 2. p. 108.	
Catalogo das Universidades de Hespanha. Universidades de Portugal. Universidade de Coimbra. §. 3. p. 116.	
Universidade de Evora. §. 4. p. 121.	
Leão, e Castella. Salamanca. §. 5. p. 122.	
Toledo. §. 6. p. 124.	
Siguença. §. 7. p. 125.	
Alcalà de Henares. §. 8. <i>ibidem</i>	
Osma. §. 9. p. 127.	
Avila. §. 10. p. 128.	
Valhadolid. §. 11. p. 129.	
Oropesa. §. 12. p. 130.	
Andaluzia. Ossuna. §. 13. <i>ibidem</i>	
Sevilha. §. 14. <i>ibidem</i>	
Granada. §. 15. p. 131.	
Baeça. §. 16. <i>ibidem</i>	
	Mur-

INDEX.

Murcia. §. 17.	p. 132.
Galiza. Compostella. §. 18.	<i>ibid.</i>
Biscaya. Onhate. §. 19.	p. 134.
Asturias. Oviedo. §. 20.	<i>ibid.</i>
Aragão. Huesca. §. 21.	p. 135.
Çaragoça. §. 22.	p. 136.
Catalunha. Lerida. §. 23.	<i>ibid.</i>
Perpinhão. §. 24.	p. 137.
Barcelona. §. 25.	<i>ibid.</i>
Tarragona. §. 26.	p. 138.
Girona. §. 27.	<i>ibid.</i>
Reyno de Valença. <i>Valença.</i> §. 28.	<i>ibid.</i>
Luchente. §. 29.	p. 139.
Origuella. §. 30.	<i>ibid.</i>
Gandia. §. 31.	p. 141.
Navarra. Hirache. §. 32.	<i>ibid.</i>
Estella. §. 33.	p. 142.
Pamplona. §. 34.	<i>ibid.</i>

DISCURSO VI.

S Obre a propagação do Evangelho nas Provincias de Guiné ; das condições , com que os Summos Pontifices de-
raão aos Reys de Portugal o Senhorio de Guiné. §. 1. p. 143.

Das causas porque em tantos annos se tem feito tão pouco fructo na conversão dos Povos de Guiné. §. 2. p. 150.

De

INDEX.

De como se pòdem remediar todas estas tres causas , havendo Seminarios destas naçoens. §. 3. p. 156.

Do proveito temporal, que resultará à Coroa de Portugal de se fazerem estes Seminarios. §. 4. p. 162.

Como se poderáo fazer os Seminarios com pouco custo. §. 5. p. 170.

DISCURSO VII.

Sobre as causas dos muitos naufragios , que fazem as Nãos da Carreira da India, pela grandeza della. p. 178.

DISCURSO VIII.

Sobre a Peregrinaçaõ. p. 193.

ELOGIOS.

Memorial de alguns Cardeaes Portugueses. p. 215.

S. Damaso Summo Pontifice. §. 1. *ibid.*

O Cardeal D. Payo Galvaõ. §. 2. p. 220.

O Cardeal D. Joaõ Froes. §. 3. p. 221.

Joaõ XX. dito XXI. Summo Pontifice §. 4. p. 222.

O Cardeal D. Martinho. §. 5. p. 226.

O Cardeal D. Joaõ Affonso de Azambuja. §. 6. *ibidem.*

INDEX.

- O Cardeal D. Pedro da Fonseca. §. 7. p. 229.
O Cardeal D. Antão Martins de Chaves. §. 8. p. 231.
D. Luiz do Amaral. §. 9. p. 234.
O Cardeal D. Gemes. §. 10. p. 238.
O Cardeal D. George da Costa. §. 11. p. 240.
O Cardeal D. Afonso. §. 12. p. 247.
O Cardeal D. Miguel da Silva. §. 13. p. 249.
O Cardeal D. Henrique. §. 14. p. 254.
O Cardeal D. Verissimo de Lancastro. §. 15. p. 255.
O Cardeal D. Luis de Souza. §. 16. p. 260.
O Cardeal Nuno da Cunha de Ataide. §. 17 p. 268.
O Cardeal D. Jozé Pereira de Lacerda. §. 18. p. 272.
O Cardeal D. Joaõ da Mota, e Silva. §. 19. p. 278.
O Cardeal D. Thomàs de Almeida. §. 20. p. 279.

As Estampas citadas no Discurso IV. deste Livro se seguem de paginas 296. por diante.



NOTICIAS

D E

PORTUGAL.

DISCURSO IV.

SOBRE AS MOEDAS DE PORTUGAL.

§. I.

A NOTICIA , e ponderação das Moedas , e Medalhas antigas tem occupado a grandes engenhos , e vemos hoje muitos volumes , que tratão sómente deste argumento , por quanto nas imagens das Moedas , e suas inscripçoens se conserva a memoria dos tempos mais , que em nenhum outro monumento. Os livros depressa se conformem , se senão copêão , as fabricas , e estatuas não passaraõ de hum lugar , e ahi mesmo acabaraõ , as pyramides , e obeliscos , em que se esculpiraõ os hieroglyphicos mysteriosos , que continhaõ as propriedades occultas , já delles não

A

ha

ha memoria. Pelo que nenhuma cousa conserva tanto a antiguidade, como as Moedas, e medalhas, que pela incorrupção dos metaes perseveraõ perpetuamente, e por seu grande numero estaõ em toda a parte, onde representaõ os verdadeiros rostos, que tiveraõ os mais antigos Principes, seus nomes, suas victorias, suas fabricas, e finalmente o valor de todas as cousas, porque todas ellas se reduzem ao pezo, e valia da Moeda. Exemplo seja disto a historia dos Emperadores, que fez Roberto Herbipolita tirada só das suas Medalhas. A Religiaõ, Milicia, e Exercitos da mesma Republica se mostraõ em outro volume de Guilherme de Choul tirado das Moedas antigas. Julio Orsino pelas mesmas Medalhas escreveo, e deduzio as geraçoens das antigas Familias de Roma. O Arcebispo de Taragona D. Antonio Agostinho, e Sebastiaõ Eriso mostraraõ em grandes volumes as empresas, hieroglyphicos, e mysterios, que em outras muitas Medalhas os Principes, e Republicas quizeraõ significar ao Mundo. Sobre os Siclos, e Moedas não são de menos erudição, e estima os dou-

doutíffimos Budeu , e Covarruvias , e outros muitos , que nesta materia efcreverão. Por onde até no Evangelho Sagrado (1) fe nos dá por exemplo da Sabedoria o Perfeito pay de Familias , cujo thefouro fe compoem das Moedas antigas , e modernas : *Qui profert de thesauro fuo nova , & vetera*. E porque não ha atégora quem divulgaffe inteiramente o que toca ás Moedas deste Reyno , e da antiga Lulitania , me pareceo fazer dellas este breve Discurso.

§. II. *Moedas Romanas.*

ANtes da entrada dos Romanos em Espanha , ou Elpanhoes não usaraõ de Moeda propria ; ou se as houve , não chegaraõ a nós ; porque algumas , que se acharaõ com letras Gregas , ou Carthaginefas , são mais das Colonias , que cà tinhaõ estas Naçoens , que de Espanha. E a razão he , porque como não havia cà Principe universal ; e aos que mandavaõ varias Respublicas , eraõ mais como Capitaens , e Governadores , que como Reis absolutos ,

A ii

não

(1) *Math.* 13. 52.

naõ havia quem obrigasse aos povos a aceitar Moeda esculpida com seu rosto, e nome, mas vindo este poder a mãos de Sertorio, como sua intenção foi fazer-se Senhor de Espanha, como Mario, a quem elle seguio, intentára fazer-se de Roma, foi o primeiro que achamos, que bateo Moeda; a qual tinha de huma parte o seu rosto com huma vista menos, e da outra parte huma cerva, que era a sua divisa; porque huma branca, que consigo trazia, fingio que lha mandára a Deosa Diana. Em Evora se achou huma Moeda de prata com esta escultura, que eu tenho na fórma, que está na estampa *numero 1.*

O Mestre Ambrosio de Morales refere outra semelhante, que lhe veio às mãos, que era de bronze, e tinha o nome de Sertorio.

Outra teve o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha de prata achada em Almeida com o mesmo nome de Sertorio, e escultura. Porém com a morte de Sertorio, e reduzida Espanha a Provincia de Republica, e do Imperio, naõ teve mais Principe particular, que batesse moeda, e assim todas as que houve desde Julio

Cesar até a entrada dos Godos em Espanha, não pertencem particularmente a este Reyno; porque ainda que em algumas dellas se acha o nome de *Hispania*, era mais como empresa, que como particular Moeda. Tambem as Cidades particulares batiaõ Moeda com o nome da Cidade, e sua insignia, e da outra parte o rosto do Emperador. Destas tenho eu muitas de Merida, que era Cabeça da Lusitania, as quaes de huma parte tem as Torres sobre a ponte com a inscripção: *Emerita colonia Augusta*. E da outra parte o rosto do Emperador Augusto, e Tiberio. Mas estas Moedas mais são particulares, que universaes, e se batiaõ com particular privilegio, como se vê de huma da mesma Merida, que de huma parte tem hum junta de hum touro, e de huma vaca, com a letra: *Augusta Emerita*; e da outra: *Cæsaris Augusti P. P. permissu*.

Das Moedas dos Emperadores Romanos se tem achado em Evora, e sua Daocefi grande numero; e as minhas mãos tem vindo mais de 30000. Moedas de outro, prata, metal Corinthio, e bronze de todos os Emperadores, cou-

la

sa difficultosa de achar, ainda em huma Cidade de Italia; o que denota bem a grandeza, que então teve a nossa Evora; pois ainda depois de tantos seculos conserva tão inteiras memorias da Monarquia Romana. Porém como estas Moedas sejaõ univérſaes a todas as Provincias do Imperio, não me parece fazer dellas particular menção.

§. III. *Moedas Gotticas.*

DEpois que Eſpanha foi apartada do Imperio pelo poder dos Godos, que a occuparaõ, ainda que se governava pelos Reys, que elles elegiaõ; com tudo até o tempo de Leovigildo nenhum delles bateo moeda, por serem mais Capitaens, que Principes. Porém como Leovigildo apoderando-se do Reyno dos Suevos, onde foi chamado para socorro, ficou absoluto Senhor de toda Eſpanha: foi o primeiro, que tomou insignias Reaes, e batendo moeda, se senhoreou de tudo; e assim de então até ElRey D. Rodrigo hà moedas de todos os Reys, que a Leovigildo succederaõ, das quaes eu tenho muitas achadas em Evora, e em seu territorio, que me pa-
re-

receo devia apontar , por quanto Leovigildo , e seus successores não sómente foraõ Senhores de toda Espanha , mas fizeraõ particular estimaçaõ da Lusitania; porque Leovigildo deu titulo de Rey della ao Santo Martyr Hermenegildo seu filho , que residia em Merida , de maneira , que só desta Cidade se conserva hoje maior numero de moedas Goticas , que de nenhuma outra Cidade de Espanha ; e ainda se pòde dizer , que ella só compete com todas as outras juntas. Pelo que com razaõ podemos ter estas moedas por Lusitanas , e proprias ; além das quaes tambem se apontaráõ algumas , que trazem outros Authores , para ficar a noticia desta materia mais inteira.

§. IV. *Leovigildo.*

N As Moedas dos Reis Godos se vê melhor , que em nenhuma outra cousa o haver-se perdido quasi de toda a escultura em Espanha ; porque podemos dizer , que não tem figura de rosto humano , o que nellas està esculpido , mas com tudo isso por ellas se averiguaõ muitas cousas , que de outra parte não se poderáõ saber : e poderamos attribuir
es-

esta falta da escultura a ser os Godos gente pouco omiga de taes policias, senão se achára a mesma barbaria nas Moedas dos Emperadores de Constantinopla por estes tempos.

DelRey Leovigildo dizem muitos Escritores, (2) que foi o primeiro, que acrescentou os Dereitos do Fisco Real, e ajuntou grande thesouro de bens confiscados, e despojos de inimigos, e com soberba tambem, e altivès se vestio de roupas preciosas, e assentando-se em alto throno, tomou insignias Reaes; porque antes, como apontamos, e o diz Santo Isidoro, os Reys dos Godos não se differençaão no trage, nem em outra pompa da gente commum.

Deste Rey tenho huma Moeda de ouro com rosto de ambas as bandas, letra: *Leovigildus Rex*: e da outra: *V.M.D.O.P.T.I.N.I.T.S.P.* Estas letras não achei quem as interpretasse, por serem letra por parte; mas parece se pôde dizer: *Cum Dominium optinit Spaniæ*. Bem vejo, que nesta interpretação fica o latim errado; porque hou-

ve-

(2) *Moral. t. 2. l. 13. c. 71.*

vera de ser, *obtinet*. E *Spaniæ*, hou-
vera de ser com *H.* porém os Godos eraõ
taõ barbaros, que nestes letreiros co-
mettiaõ outros erros, escrevendo *Tustlos*
por *Iustus*; e *Recarepus*, por *Recare-*
du; como notou o Arcebispo D. Anto-
nio Agostinho, e escreveraõ: *Emeretæ*,
por *Emerita*; e assim naõ será muito
estar este letreiro errado no latim. Ef-
tampa N. 2.

Outra Moeda traz deste Rey Gal-
par Estaço nas Antiguidades de Portugal
cap. 68. n. 13. e 14. a qual tem de ambas
as bandas a sua imagem, e letra: *Leo-*
vigildus Rex: e da outra parte: *Br-*
chara Victor, a qual Moeda parece que
se lavrou quando Leovigildo foi socorrer
os Suevos, e lhe usurpou o Reyno; e
como Braga era cabeça de Galiza, in-
titulando-se vencedor de Braga, que era
a Metropoli dos Suevos, se ficava inti-
tulando Senhor do Reyno.

Naõ vio o Mestre Ambrosio de Mo-
rales nenhuma Moeda de Leovigildo,
pelo que he de notar, que estas duas,
que apontamos deste Rey, pertencem
ambas a Portugal; porque a que eu te-
nho, se achou em Evora, e assim deno-
ta

ta mandalla Leovigildo lavrar depois; que unio a si o Reyno dos Suevos, e ficou Sendor de toda Elpanha.

A terceira he a que traz o Arcebispo D. Antonio Agostinho, (3) que diz *Elvora Justos*, que quer dizer, Justo em Evora; e se devia bater por alguma acção insigne dejustiça, que ElRey fez na nossa Cidade de Evora; por onde parece, que nestas partes de Portugal foi a sua residencia maior.

§. V. *Hermenegildo.*

ELRey Leovigildo deu ao Principe Hermenegildo seu filho o titulo de Rey, e por assento de sua Corte a Merida, como aponta o Arcebispo de Turs; e porque Merida era a cabeça da Lusitania, podemos ter a este Santo Principe por particular nosso. O titulo de Rey se vê n'uma Moeda sua de ouro, que tenho, e se achou em Almeida; e de hum a parte tem o seu rosto bem esculpido com hum a Cruz nos peitos, e a letra *Hermenegildus*. Da outra hum a figura assentada com a coroa na cabeça; e na mão hum a coufa, que parece Sceptro, e a letra á roda q̃ diz:
Rex

(3) *Dialog.* 8.

Rex inclitus; e ao pé do assento, *E.M.* que parece: *Emerita*. Esta Moeda parece se lavrou, quando se lhe deu logo o titulo de Rey. N. 3.

O Mestre Ambrosio de Morales (4) faz menção de outra moeda deste Santo Principe, que mandou lavrar, quando se levantou contra seu pay em favor dos Catholicos, dizendo: *Esto escriven expressamente el Papa San Gregorio, y otros autores, y parece claro en una moneda de oro, que yo tengo deste Santo Principe de las que batió en esta rebellion, hallose cavando cerca de Cordova en una debesa, que llaman Casablanca, donde parecen señales de grandes edificios antigos: es una insigne antiguala, y que tiene cosas muy notables; aun que yo la tengo, y la precio mas por otros respetos Christianos, y por my devocion con este Santo. De la una parte está el rosto del Principe sobre un trono con una Cruz en medio del, y al derredor dicen las letras: Ermenegildi. Por donde se entiende como su verdadero nombre deste Principe es Er-*
me-

(4) *Moral.* tom. 2. l. II. c. 65.

*menegildo, y no Ermergildo; ni Erme-
gildo, como en muchos libros corrupta-
mente se lê, y communmente se pro-
nuncia por el uso muy antigo de Hes-
paña en corromper siempre todos los nō-
bres propios con mudarlos, y acortar-
los algo de su verdadera origen, y prin-
cipio, pues siendo ya cabeça de los Ca-
tholicos el Principe, todavia tiene este
nōbre, no es creible, que lo mudó, co-
mo el de Turs dizia: de la otra parte
tiene la moneda una vitoria, por poner
el Principe en los suyos con su vista buen
esfuerço, y esperança en Dios de alcan-
çarla: la letra, que està al derredor en
esto reverso, es excelente, y cierto pa-
rece ser lo que San Ermenegildo en aquel-
la guerra apellidava, pues dize. Re-
gem devita; y en Castellano quiere di-
zir: Huye del Rey: y luego en oyendo
se esta letra, entienden los Doctos ma-
nifestamente como fue tomada de las pa-
labras de San Pablo a Tito su Discipulo,
que son estas: Hæreticum hominem post
unam, & secundam correctionem devi-
ta: huye del hereje (dize el Apostol) des-
pues que una, y dos vezes le huvieres
amenestado. Assi el Santo Principe apel-
li-*

lidando con estas palabras, justifica el alçarse contra su padre, muestra el intento Catholico, que tuvo en la rebellion, y esto mismo pone en los suyos, para que le sean leales, y amonesta a los demas, como deven seguirle, y parece que con mucha modestia respeto de hijo no dixo: Hæreticum devita; ni tan poco: Patrem devita; sino que se buscò el vocablo, que con menos nota de su padre se pudo usar; y todo està tan admirablemente pensado, y aplicado, que se puede bien creer fue invencion de San Leandro, y de Santo Isidoro, tios del Principe, que con su santidad, y alto juizio dieron en un tal acrescentamiento. Y siendo todas las monedas, que se hallan, de los Reyes Godos, de oro baxo, esta es de muy fino. Porque como quien tenia necesidad de atraer gentes a su parte, las combidava con esta riqueza. Assi con ser esta moneda del mismo pezo, que las demas de aquellos tiempos solen ser, tiene quasi doblada ventaja en el valor por la fineza.

§. VI *Recaredo.*

DElRey Recaredo irmão do Santo Príncipe Hermenegildo se tem achado muitas Moedas de ouro em Evora, que me vieraõ à mão: huma dellas tem de huma parte aimagem de Recaredo armado com a letra : *Recaredus Rex*, e da outra a mesma imagem, letra: *Emerita Pius.n.4.*

Esta Moeda parece mandou lavrar ElRey em memora de sua insigne clemencia; porque n'uma grande conjuração, que se fez contra elle em Merida, perdoou a todos os culpados benignamente.

Outra Moeda tenho do mesmo Rey com a sua imagem de ambas as partes, e a letra de huma diz : *Recaredus Rex*; a da outra : *Emerita Victod*; pondo-se barbaramente o *D.* por *R.* a qual parece se lavrou depois da grande batalha de Carcaffona, onde Claudio Governador de Merida com 300. dos seus escolhidos desbaratou milagrosamente o Exercito dos Franceses, que era de 600000. homens, como diz o nosso Abbade Biclarense. E porque Claudio governava a Merida, e della devia de
le-

levar a principal soldadesca, parece que em agradecimento desta Cidade, e do seu Capitão, quiz que ficasse esta memoria, e triumpho della. Desta Moeda tenho mais quatro copias tambem de ouro; ainda que todas estas tem: *Emerita Victor*, com R. no fim.

Outra Moeda tenho do mesmo Rey de ouro, que de ambas as partes tem a sua figura, e de hum a letra: *Recaredus Rex*: e da outra *Hispani Pius*. Esta Moeda parece se lavrou, quando S. Leandro com favor deste Rey celebrou em Sevilha o primeiro Concilio, que naquella Cidade houve; e por isso lhe dà esta Moeda titulo de Pio em Sevilha. O Arcebispo D. Antonio Agostinho Dialogo 8. traz hum Medalha deste Rey, de hum parte diz: *Recaredus Rex*: e da outra *Emerita Victor*. Outra Moeda traz o mesmo d'El-Rey Recaredo, que de hum parte tem seu rosto, e a letra *Recarepus Rex*: ubi P. pro D. positum, e da outra parte: *Elvoya Justos*, que parece diz: Justo em Elvas.

Das primeiras Moedas, que aqui refiro, teve tambem copia, e noticia o
Mei-

Mestre Ambrosio de Morales, (5) o qual faz menção de outras Moedas deste Rey; huma com o seu rosto de ambas as partes, mas as letras são as mesmas em todas, as do rosto dizem: *Recaredus Rex*, e da outra parte: *Toletus Pius*. Esta Moeda mandou lavrar ElRey em memoria do Concilio III Toletano, em que abjurou a herezia Arriana, e professou a Fé Catholica, e foi o terceiro Concilio, que se ajudou em Toledo.

Outra Moeda traz do mesmo Rey de prata, que de ambas as partes tem o seu rosto, e de huma escrito o nome do Rey, e da outra: *Toletus Iustus*: Justo em Toledo, a qual parece se lavrou em memoria do castigo, que ElRey fez em Toledo de Argimundo, que sendo da Camara d'ElRey, se quiz levantar contra elle e com o Reyno: o qual sendo preso, e confessando seu delito, foi decalvado esfolando-lhe a pelle da testa, e moleira, e lhe cortaraõ a mão direita, e aos outros castigaraõ.

Outra Moeda de ouro traz o mesmo Author deste Rey, que tem o seu rosto de ambas as partes, e de huma escrito

o

(5) *Moral. t. 2. l. 12. c. 2. & 4.*

o seu nome, e da outra: *Elbora Justus*. Por onde parece, que esta Moeda se devia de bater por alguma obra insigne de justiça, ou de bom governo, que ElRey fez na nossa Cidade de Evora.

§. VII. *Liuva*.

D Este Rey, que foi filho, successor de Recaredo, tenho huma Moeda de ouro com sua imagem de ambas as partes, letra: *D. N. Liuva Rex* e da outra: *Emerita Pius*; quer dizer: ElRey Liuva N.S. Pio em Merida. Se esta Moeda deste Rey, e não do primeiro Liuva, consta; porque antes de Leovigildo, os Reys Godos não baterão Moeda, como já dissemos.

Esta devia de ser feita em memoria de alguma obra insigne religiosa, ou Concilio por sua ordem feito naquella Cidade, de que as historias não dão noticia.

O mesmo diz o Mestre Ambrosio de Morales (6) de outra Moeda deste Rey, como se vê destas palavras: *En su tiempo deste Rey no sabemos se hiziesse Concilio en Sevilla; mas el sin duda hizo en*
 B *aquel-*

(6) *Moral. l. 12. c. 9.*

aquella ciudad alguna cosa como Rey Catholico, y buen Christiano, segun se haze memoria en una Moneda suya de oro, que yo tengo. De ambas partes està en ella su rostro com Diadema Real; y de la una dize. D.N. Liuva Rex: El Rey Liuva nuestro Señor, y de la otra: Pius Hispali; Religioso en Sevilla; yo tengo esta Moneda por deste Rey, y no del primero deste nombre; por tener ya Diadema, que no se avia usado en tiempo del otro; y principalmente por bazer memoria de la buena Christianidad d'El Rey, la qual no pudo aver en el otro, siendo Arriano.

§. VIII. *Uviterico.*

DUas Moedas de ouro tenho deste Rey, que succedeo a Liuva, de ambas as partes tem a sua imagem com grande cabelleira, a letra de huma diz: *Uvitericus Rex*; e da outra parte: *Emerita Pius*. A outra tem tambem o mesmo nome do Rey, e da outra: *Ispali Pius*. A primeira Moeda, que significa Pio em Merida, parece devia de fazer bater este Rey, quando quiz tornar a introduzir a seita Arriana; dando prin-
ci-

cipio a esta sua maldade em Merida; e pôde fer, que dando nome de piedade a sua heresia, mandasse esculpir esta Moeda com o titulo de Religioso, e Pio; ou tambem pôde fer o que diz Morales, que vendo, que não podia tornar a introduzir a feita Arriana, se mostrasse em algumas obras Catholico.

Da outra Moeda que diz: Pio em Sevilha, teve tambem outra copia della Ambrosio de Morales; (7) posto que o nome de *Hispani*, na Moeda, que eu tenho, he com *I.* e na de Morales he com *H.* e desta, e doutra, que teve feita em Tarragona, diz o seguinte: *Yo nombro siempre a Uviterico con, E, con I. indifferentemente, por aver visto Monedas de oro suyas, donde està de ambas maneras escrito, la una con su rostro tiene estas letras de su nombre: Uvitericus Rex; y de la otra parte con el mismo rostro dize: Tarraco Pius: Religioso en Tarragona, y siendo tun malo, como està dicho, no se puede entender, porque se le puso esta letra. Puede se conjeturar, que no aviendo podido salir*

B ii

con

(7) *Moral. l. 12. c. 10.*

con volver la heregia , se fingio muy Catholico , e dio alguna muestra desto en aquella Ciudad , y la lisonja como suele con verdad , y sin ella , celebró en El-Rey lo que no avia ; y a la misma cuenta se puede poner otra Moneda de oro , que yo he visto deste Rey con su rostro , y nombre de una parte , y de la otra con el rostro : Hispali Pius ; y el nombre d'El Rey en esta Moneda Uviterico es I. no con E. como en la otra , assi parece se puede nonbrar de ambas maneras.

§. IX. Gundemàro.

A Uviterico succedeo Gundemàro. Deste Rey traz o Mestre Ambrosio de Morales (8) huma Moeda de que diz estas palavras : *He visto una Moneda de oro deste Rey con su rostro de una parte , y las letras : Gundemàrus Rex ; en el reverso tambien estava el rostro , y dizian las letras : Pius Illiberri. Alguna buena cosa devio de hazer en aquella Ciudad , que estuvo junto a Granada llamada Illiberi ; de donde se le puso el titulo Piedoso , ò Religioso en Illiberi.*
El-

(8) *Moral. l. 12. c. 11.*

Esta Cidade , que esteve junto a Granada , não se chamava *Illiberis* , senão *Illiberis* ; e a causa de estar aqui o nome de *Illiberri* com dous *r. r.* he porque os Godos , como gente do Norte , pronunciavaõ todo o *R.* dobrado ; e assim por *Illiberi* , diziaõ *Illiberri*.

§. X. *Sisebuto.*

EM Evora se achou hum Moeda de Sisebuto successor de Gundemaro de ouro , que eu tenho , de ambas as partes com seu rosto ; e de humas as letras : *Sisebutus Rex* : e da outra : *Eminio Pius* , a qual vai no N. 5.

Esta moeda parece mandou lavrar El-Rey depois da vitoria , que teve dos soldados Imperiaes de Heraclio , na qual se houve com tanta piedade , que não sómente libertou os seus prisioneiros , mas ainda resgatou aos que estavaõ presos em mãos de particulares. Estas vitorias deviaõ de ser na Lusitania ; por quanto o que os Emperadores de Constantinopla possuhiaõ por este tempo em Espanha , era a parte , que cahia junto ao mar pela costa deste Reyno , e como cá foi a guerra , e Eminio está perto de Aveiro , no lu-

lugar donde agora chamaõ Agueda, poderá-se entender, que ali fosse esta sua piedosa magnificencia; pela qual se lhe deu o titulo de Pio em Eminio, ou Agueda, a qual pela vizinhança, que tem com Aveiro, muitos lhe daõ o mesmo titulo. Outra moeda de ouro tenho do mesmo Rey com rosto de ambas as partes, e de huma a letra, *Sisebustus Rex*; e da outra: *Emerita Pius*. Foi este Rey mui religioso, e em seu tempo se celebrou hum Concilio Provincial em Agára na Provincia de Narbona, e outros em Tarragona. Pelo que bem se póde cuidar, que o mesmo succederia em Merida, Metropoli da Lusitania; e que tambem se faria ali algum Concilio Provincial dos seus Bispos, em memoria do qual se lavraria esta moeda, chamando-lhe: Pio em Merida; que he o titulo, que outros muitos tomaraõ em razão de fazerem celebrar Concilios, como já temos visto.

A isto se acrescenta, que a residencia deste Rey devia de ser mais frequente nesta parte da Lusitania; assim pelas guerras, que teve com os Imperiaes, que possuhiaõ o maritimo de Portugal, como pela memoria, que ainda hoje há d'elle
em

em Evora; chamando-se Torres de Sisebuto, dous Cobelos grandes, e muito fortes, que ainda hoje se sustentão inteiros no muro antigo da Cidade, está na rua chamada Alarcova.

O Mestre Andre de Resende teve outra moeda deste Rey de prata lavrada na mesma Cidade de Evora, que de huma parte tinha o seu rosto com estas letras: *D. N. Sisebustus Rex*. ElRey Sisebuto nosso Senhor, e da outra huma grande Cruz, e dentro estas letras: *Civitas Eboræ*; e ao redor: *Deus adjutor meus*: Deos he minha ajuda. Por esta moeda entende Resende, e o approva Morales, (9) que houve em tempo deste Rey casa de moeda em Evora, e que as fortificaçoens, que Sisebuto fez nas torres dos seus muros, foraõ contra os Imperiaes, que como tinhaõ o districto maritimo, lhes ficava sendo Evora sua fronteira. O Arcebispo D. Antonio Agostinho (10) traz huma moeda deste Rey, que de huma parte tem sua imagem, letra: *Sisebutus Rex*; e da outra: *Emerita Pius*.

§. XI.

(9) *Moral. l. 12. c. 14.* (10) *Dialogo 8.*

§. XI. *Svinthila.*

EM Evora se achou huma moeda de ouro delRey Svinthila filho delRey Recaredo Segundo, e netto de Sisebuto com o seu rosto de ambas as partes, e de huma o letreiro, que diz : *Svinthila Rex*; e da outra: *Iustus Tucci*. Refere Santo Isidoro, que este Rey teve grande prudencia, e se applicava com grande cuidado a fazer justiça a seus subditos. Pelo que com razão se podia prezar deste excellentes titulo de Justo. O lugar de Tucci não se pode assignar com certeza, por haver muitos deste nome em Espanha; porém pôde-se conjecturar, que fosse hum, que estava junto a Sevilha no caminho para Merida, como Rodrigo Caro aponta no seu Principado de Sevilha de baixo do titulo de Tucci.

Outra moeda de ouro tenho tambem deste Rey com o seu rosto de ambas as partes, e de huma o seu nome, e de outra *Ispali Pius*. Santo Isidoro diz tantos bens do governo dos primeiros cinco annos deste Rey, que facilmente se pôde entender faria em Sevilha, onde elle era

Pre-

Prelado, alguma obra insigne de piedade por onde mereceo este título de Pio em Saviha.

O Mestre Ambrosio de Morales (11) tras tres moedas deste Rey, de que diz as palavras seguintes: *El nombre deste Rey està escrito diversamente en los libros; mas el verdadero es, el que aqui le damos, como parece en dos monedas de oro suyas, que yo he visto; tienen de ambas partes su rostro, y de la una dicen las letras al derredor: Svintila Rex; las letras del reverso dicen: Pius Eliberi; y en Castellano: Religioso en Iliberia: Esta ciudad es la que segun algunas vezes se ha dicho, estava cabe Granada llamada entonces Eliberi. He visto otra moneda de oro deste Rey, que tiene de la una parte su nombre; y de la otra su mismo rostro con estas letras: Tarraco Pius, mas no sé particularidad alguna suya, en aquella ciudad, por donde se le atribuya tal titulo?*

§. XII.

(11) Moral. l. 12. c. 16.

§. XII. *Sissenando.*

Sissenando foi successor de Svinthila :
 Os Authores Castelhanos não trazem
 moeda nenhuma deste Rey ; porque pare-
 ce a não alcançaraõ , porém eu tenho duas
 de ouro , que se acharaõ em Evora , am-
 bas com as mesmas letras , e figura ; pos-
 to que huma dellas he lavrada muito mais
 grosseiramente , que a outra : de ambas
 as partes tem o rosto do Rey com a letra :
Sissenandus Rex ; e da outra : *Emerita*
Pius. Pela historia deste Rey não se pô-
 de alcançar cousa notavel , que fizesse em
 Merida , por onde merecesse o titulo de
 Pio em Merida , que lhe dão estas moe-
 das ; sómente podemos entender , que o
 Concilio Nacional terceiro de Toledo ti-
 nha ordenado , que cada anno se fizessem
 Concilios Provinciaes nas Metropoles ,
 poderia ser , que se celebrasse algum em
 Merida , governando este Rey , como se
 celebrou em Toledo o quarto , que foi
 Nacional.

§. XIII. *Tulgan.*

A Sissenando succedeo Chintila , e a
 elle Tulgan , deste Rey não viraõ
 os

os Autores Castelhanos moeda alguma ; e não he muito , porque elle viveo tão pouco tempo , que não pôde haver muitas memorias suas ; porque não foraõ mais de dous annos. Porém eu tenho huma moeda de ouro , que se achou em Evora , que de ambas as partes tem o seu rosto , e de huma as letras , que dizem : *Tulgan Rex* ; e da outra : *Cordoba Pius*. Santo Ildefonso louvou muito a Christandade , justiça , liberalidade , e prudencia deste Rey. Pelo que bem podia fazer em Cordova alguma obra de virtude insigne , pela qual merecesse o titulo de Pio em Cordova , que a moeda lhe dá ; posto que nos Autores não se acha menção della.

§. XIV. *Chindasvindo*.

DE Tulgan foi successor Chindasvindo , deste Rey tenho huma moeda de ouro com o seu rosto de ambas as partes ; e de huma diz a letra : *Cindasint*. S. R. que he : ElRey Chindasvindo ; e da outra : *Ispali Pius*. Esta moeda parece mandou lavrar ElRey , quando fez ajuntar hum Concilio contra Theodiselo Grego , que sendo Arcebispo de Sevilha , começou a publicar muitas heresias naquell-

quella Cidade; acudindo ElRey a este mal, fez que no Concilio se examinassem suas culpas, e lhe tirassem o Arcebispadado; e o desterrassem de toda Espanha. Pello que com razão se podia prezar ElRey de acção tão gloriosa, e mandar bater esta moeda, que se achou em Evora; não havendo memoria de outra alguma nos Authores Castelhanos.

§. XV. *Receſvinto.*

A Chindasvindo succedeo seu filho Recevinto. Deste Rey tenho tres moedas de ouro, que se acharão em Evora; humas tem de humas partes seu rosto com Capacete-na cabeça, e a letra que diz: *Receſvintus Rex*; que quer dizer ElRey Recevinto neste nome em lugar do T. latino uzaráo do T. Grego da outra parte tem sobre tres degrãos humas Cruz grande de feição das da Ordem de Christo, e a letra diz: *Egitania Pius* com o V. virado. Est. N. 6.

Esta moeda devia mandar lavrar ElRey por algum Concilio que se fizesse em seu tempo na Idanha, Cidade de Lusitania, que era Episcopal, cuja sede se pas-

passou depois para a Guarda ; onde ainda retém o nome de Egitanense.

As outras duas Moedas ambas são semelhantes ; porque de huma parte tem o rosto do Rey armado com seu nome , e da outra a Cruz sobre o mesmo Throno , e letra : *Ispali Pius* : O Arcebispo D. Antonio Agostinho (12) traz hum Moeda deste Rey , que de huma parte tem seu rosto , letra. *Recesvintus Rex* ; e da outra parte hum Cruz sobre de-grãos , letia : *Emerita Pius*.

De outra semelhante a estas teve copia o Mestre Ambrosio de Morales ; (13) das quaes , e de outras mais , que vio deste Rey , diz estas palavras : *El verdadero nombre deste Rey es le , que yo aqui uso ; como parece en una Moneda de oro , que yo tengo suya con su rostro en ambas partes , adornado de la Diadema acostumbrada , mas debaxo della tiene armadura de cabeça , qual en ninguna otra Moneda Gotica yo he visto , las letras dicen de la una parte : Resevinctus Rex ; y de la otra : Cordoba Patricia ; y quieren dizer ; la Ciudad de*

(12) Dialogo 8. (13) Moral l. 12. c. .300.

de Cordoba ; que fue tambien llamada Colonia de Cavalleros ; adelante tambien parecieran otras buenas comprobaciones de ser este el verdadero nombre del Rey : por las letras deste reverso creo yo cierto se labrò esta Moneda en Cordoba , que en tiempo de los Romanos tuvo dos nombres , el suyo antigo , que fue Cordova , y otro , que le posieron los Romanos , llamandolo : Colonia Patricia ; que quiere dizir Colonia de Cavalleros principales , como en su lugar se ha enteramente tratado. Por el Concilio , que celebrò en Merida a lo que yo tengo por cierto se batiò outra Moneda de oro deste Rey , que yo he visto , tiene de una parte el rostro del Rey com su nombre puesto sobre un trono Imperial semejante al que està en la Moneda del Santo Martyr el Principe Hermenegildo , de que se ha dicho : el reverso tiene una Cruz con su piè ; y al derredor dizen : Emerita Pius ; y en Castellano : Religioso em Merida ; y por esta Moneda se comprueba tambien el verdadero nombre del Rey.

Sin las Monedas deste Rey , que se han puesto , se hallan otras muchas de
oro ,

oro , yo he tenido otro con el de Cordoba Patricia , como la dicha , mas de muy diferente Cuño , y tan malo ; que se puede creer , que para mejorar , le hizieron el otro despues , y por estàs dos Monedas se entiende como en Cordova avia Casa Real de Moneda donde se labrava , y aquella Ciudad era ahora como siempre tan principal , que esto , y mas podia hazer en ella. Otra Moneda he visto con el rostro del Rey , y su nombre ; y en el reverso : Brachara Pius , por algun Concilio , que en aquella Ciudad de Braga se celebrò en su tiempo. Otra he visto , que tiene en el reverso : Hispali Pius ; y parece hubo otro Concilio alli en su tiempo. En otra tiene el nombre un poco diverso , pues dize : Recesvinthus ; en el reverso tiene : Toletus Justus : y parece se le puso en el titulo por las muchas leyes , que en el octavo Concilio de Toledo , y fuera del hizo : y hассe de notar ; que en muchas destas Monedas , donde yo pongo Th , està la cita Griega.

§. XVI. *Uvamba.*

A Recesvintho succedeo Uvamba. Tres Moedas tenho de ouro do nosso Rey Uvamba ; huma dellas he maior , e de melhor ouro : na qual de huma parte está o seu rosto com mais clara escultura , que todos os outros passados ; está ordenado de capacete , e hombreiras ; e a letra : *I. D. N. N. N. & Uvamba Rex* ; e da outra hum throno com tres degrãos , e em cima huma Cruz , e a letra : *Emerita Pius*. Estes N. N. intepreta o Mestre Ambrosio de Morales : *In Dei nomine , nomine , nomine Uvamba Rex* : Em nome , nome , nome de Deos ; pondo tres vezes o nome Divino , para denotar o Mysterio da Santissima Trindade : o reverso diz : Pio em Merida : a qual vai na Est. N. 7.

As outras duas tenho com seu rosto não tambem esculpido , mas com tudo tem huma Cruz na mão , o que a outra não tinha , e com o mesmo letreiro do nome em ambas ; da outra parte : *Toledo Pius* ; Pio em Toledo , o qual titulo tomou pelas muitas obras de Religião , e piedade , que fez em Toledo ,
que

que se escrevem largamente na sua historia. Porém he de advertir, que o nome deste Rey não se ha de ler pronunciando os dous *V. V.* do principio cada hum de per si, como faz o vulgo erradamente, porque he orthographia propria de todas as gentes do Norte usarem de dous *V. V.* quando querem, que seja *V.* consoante, e não vogal; e porque El-Rey se chamava Vamba com *v*, consoante, elles, como Godos, poseraõ os dous *V. V.* para denotarem, que era consoante, e que se havia de pronunciar juntamente com o *A.* e *M.* seguintes tudo n'uma sylaba per si. O mesmo se ha de dizer do nome de *Uvitisa*, e *Uviterico*, que por esta razã estão escritos com *V.* dobrado, como se vê nas suas Moedas. E porque o Mestre Ambrosio de Morales (14) teve copias destas Moedas, referirei suas palavras: *Su verdadero nombre no es Bamba, como corrompiendo el vocablo, communmente pronunciamos, sino: Uvamba, como parece en dos Monedas de ouro suyas, que yo he visto, y tienen aun mas muestras de Christiani-*

C ni-

(14) *Moral*, l. 12, c. 14.

nidad, y devocion, que suele aver en otras Monedas Goticas. Su rostro de la una parte es diferente de los ordinarios, que se veen en tales Monedas, pues con los ojos alçaaos està mirando con atencion una Cruz, y parece tenerla en la mano; al derredor dizen las letras: Uvamba Rex. Esto està bien claro, mas antes estan todas estas letras: I. D. N. N. N. delas quales no tengo cosa cierta que dizen bien declararlas. El Maestro Alvar Gomez, cuja es esta Moneda, quando me la mostrò, me dixo una su declaracion harto aguda; y sutil, quiere que diga alli: In Dei nomine; y que el nombrar a Dios, no se puso una N. sola, sino tres, para denotar el Mysterio dela Santissima Trinidad. De la otra parte de la moneda ay una Cruz en medio; y al derredor dize lo ordinario: Toletus Pius; Religioso en Toledo, por el solemne Concilio, que mandò alli celebrar este Rey. Esto ay en la una moneda. En la otra, que tambien es de oro, està de la una parte el nombre del Rey en todas as letras ya dichas en el reverso: con la Cruz ordinaria dize: Emerita Pius; yo no he visto

to porque se le aya podido poner tal titulo; y tambien de su nombre será forçado tratar otra vez adelante con advertir ahora, que en aquel Concilio, ni en otra parte no allo que se le de el prenombre de Flavio, sino solo el Fuego juízo.

§. XVII. *Ervigio.*

SEguio-se a Vamba Ervigio. Duas Moedas de ouro tenho deste Rey, huma achada em Evora, outra no termo de Viseu; mas ambas do mesmo modo, de huma parte tem o rosto peor esculpido, que todos os de seus antepassados com as letras: *I. D. n. n. n. Ervigijs Rex*; que quer dizer, em nome de Deos, repetindo tres vezes o *N.* como o fez seu antecessor Vamba: e de outra huma Cruz sobre os tres degrãos, letra: *Emerita Pius*. Estas Moedas parece se lavraraõ por algum Concilio, que se fez em Merida com o favor deste Rey; pois em seu tempo se celebraraõ tres em Toledo, ou pelas grandes obras, com que illustrou Merida, pois como refere Morales, elle reparou os muros, e reformou a ponte de maneira, que parecia avella

feita de novo , como tudo consta do livro velho , donde estão as obras de Santo Eugenio , onde se poem hum epigrama feito em louvor del Rey , e de Sala Governador , e Capitão General , que era de Merida. O Arcebispo D. Antonio Agostinho (15) traz tambem huma Moeda deste Rey , quasi com as mesmas letras das nossas , que são : *I. V. i. N. N. n. Ervigijs Rex* : que elle lê : *In Dei nomine Ervigijs Rex*. Em nome de Deos El Rey Ervigio. Morales tambem teve deste Rey duas Moedas diversas , como se vê destas palavras : *Su verdadero nombre es Evigi , y no Ervicio , ni Eringio , como en muchos libros corruptamente se lee ; porque yo he visto Monedas de oro suyas en que de ambas partes está su rostro , y de la una dize : Ervigijs Rex : y de la otra : Toletus Pius , Religioso en Toledo , por los Concilios , que en aquella Ciudad hizo celebrar.*

Otra Moneda de oro he visto (16) deste Rey con su rostro , y nombre de una parte , y de la otra la Cruz con las letras : Narbona Pius , y conjetura
muy





(15) Dialogo 8. (16) Moral l. 12, c. 53.

muy bien el Maestro Alvar Gomes, cuya es esta Moneda, que se le pudo poner este titulo por aver relebado aquella Ciudad de algunos nuevos tributos, que El Rey Uvamba por la rebellion le avia puesto.

§. XVIII. *Egica.*

FOi successor de Ervigio seu genro Egica. Em Evora se acharaõ duas Moedas de ouro deste Rey, que eu tenho; em huma està o seu rosto muito mal esculpido com Capacete na cabeça, e huma Cruz na mão, e letras: *E. N. M. N. Egica Rex*: e da outra a Cruz sobre tres degrãos, e letra: *Elbora Pius*, nesta fórma. Est. N. 8.

Naõ consta da historia deste Rey, por onde merecesse taõ excellentes titulos, como o de Pio em Evora; senaõ he; que na rebeliaõ, que contra elle moveo Sisberto Arcebispo de Toledo, quando El Rey o venceo, poderia ser que fosse nesta Provincia da Lusitania; e que em Evora se fizesse justiça dos culpados. Tambem consta, que no segundo Concilio de Toledo, que se celebrou em tempo deste Rey, que foi 16. pediu que se mandas-

dasse recopilar o livro do Fuero juzgo, e se reduzio à forma, em que agora o vemos, como o sente Morales l. 12. cap. 16. e poderia ser fazer-se esta recopilação em Evora: e como por estas leys se havia de governar a justiça, lhe dariaõ o titulo de Pio em Evora, que he mais notável; porque tem de huma parte huma Cruz, que divide de alto abaixo a Moeda, e aparta dous rostos muito mal esculpídos; e as letras dizem: *I. D. N. N. I. Egica Rex*. Em nome de Deos Egica Rey; e da outra está huma Cruz nella fôrma:  e á roda: *I. D. E. N. N. Uvitiza*  *Rex*; que quer dizer, El Rey Uvi e  a tiza; e as letras da Cruz estaõ  *R* quasi em cifra, e dizem: *Emerita*, começando pelo E do braço direito, e logo o M. que está em cima, e o R. debaixo, e o T a do braço esquerdo. Esta Moeda mandou lavrar Egica, quando deu titulo de Rey a seu filho maior Uvittiza, e por isso se poseraõ os rostos, e nomes de ambos na mesma Moeda; o nome de Merida se poz ahi por ser o lugar, segundo parece, em que a Moeda se bateo.

O Mestre Ambrosio de Morales (17) traz tambem huma Moeda deste Rey com as palavras seguintes. *Yo he visto moneda de oro suya, que de una parte tiene su rostro con gran barba, e tiene estas letras al derredor. I. D. N. N. Egica Rex: El nombre verdadero està manifestado; las otras letras del principio pueden dizir: In Dei nomine noster Egica Rex; Continuando-se en la siguientes, diran todas: En nombre de Dios nuestro Rey Egica.*

Conforme a esto aquella moneda de Egica, que ya he dicho, tiene de la otra parte cierta manera de Cruz en medio; y dize la letra al derredor: Uvittiza Rex. Por onde se dà a entender que la moneda se batio en tiempo, que ya padre, y hijos reinavan ambos.

§. XIX. Uvittiza.

DE Egica foi filho, e successor Uvittiza. Outra moeda traz Morales (18) de Rey Uvittiza já depois de governar só por morte de seu pay, de que diz estas palavras: *Su verdadero nombre es*

(7) *Moral. l. 12. c. 57. & 63.* (18) *Moral. l. 12. c. 65.*

es el que aqui le ponemos, como en aquella moneda de su padre parece; porque tiene tambien en el reverso otro rostro, y dicen las letras: *Uvittiza Rex*. El *Author*, que escrevio la *Chronica de Toledo* afirma aver visto moneda de oro deste Rey con letras, que en la parte donde estava su rostro, dizian *Uviti-gius Rex*; y en reverso: *Toleto Pius*, y este nombre el mismo es, que *Uviti-za*; sino que el primero esta conformado en la lengua latina, a la imitacion de un Rey de los *Ostrogodos* en Italia, que se nombrò; y estotro està mas accommodado a la pronunciacion de nuestros *Vizigodos* de Hespaña, conforme a su language. O Arcebispo D. Antonio Agostinho traz huma moeda deste Rey no seu Dialogo 8. com esta letra: *In D. N. M. Uvittiza Rex*: *In Dei nomine Uvittiza Rex*.

§. XX. D. Rodrigo.

DEl Rey D. Rodrigo successor de *Uvittiza*, e ultimo Rei dos Godos, lizo o Mestre Ambrosio de Morales (19) as
pi-

(19) *Moral. l. 12. c. 67.*

palavras seguintes : *Su verdadero nombre es Roderico , como manifestamente parece en una moneda de oro suya, que yo he visto , tiene de la una parte su rostro harto diferente de los que las otras monedas de otros Reyes parece. Tiene manera de estar armado , salen por cima la celada una puntas como cuernos pequeños, y derechos por ambos lados , que lo hazen extraño , y espantable : las letras dicen al derredor : In Dei nomine Rodericus Rex ; y el In Dei nomine está en cifra travadas las letras : el reverso tiene en medio una Cruz sobre tres grados , las letras del redondo por de fuera son estas : Egítania Pius : dicen en nuestro romance : Religioso en Egítania : Esta era la Provincia de Igeditania en Portugal , de que algunas vezes avemos dicho ; y estava ya corrompido su nombre mas no se tiene noticia de cosa notable , que este Rey allí hiziesse , por donde se le posesse en la moneda el tal titulo.*

São estas Moedas , de que Morales , e o Arcebispo D. Antonio Agostinho fazem menção 23. e as que se acharam em Evora , e estão na minha livraria , passam de trinta. De maneira que só em
Evo-

Evora se acharaõ tantas quasi como em todo o resto de Espanha; por onde parece, que Evora floreceo em tempo dos Godos mais, que nenhuma outra Cidade, segundo mostraõ estes vestigios, e finaes de sua grandeza; ao que tambem favorece ver que as Moedas, que trazem estes dous Authores, as mais pertencem a Lusitania, de quem era cabeça Merida; porque das 26. Moedas, que extaõ do tempo dos Godos, como se vê das memorias aqui escritas, saõ de Merida desenove; e de Evora quatro; de Elvas humas de Braga duas; da Idanha duas; de Eminio, que era junto a Aveiro, humas. Por onde somaõ as tocantes a Portugal, 29. e para o resto de Espanha, 26. a saber oito, que pertencem a Toledo; a Sevilha nove; duas a Tarragona; tres a Cordova, humas a Tucci; tres a Granada; porque a de Norbona toca a França; a fóra as 6. que naõ tem lugares proprios; e assim consta, que Merida cabeça da Lusitania tem mais que todas. Pelo que se póde entender, que os Godos desde Lusitania senhoreavaõ Castella, e que nesta Provincia assistia a sua grandeza, e maior frequencia.

Don-

Donde com rezaõ se póde dizer do tempo dos Godos o que já disse Aufonio (20.) no dos Romanos , que a Merida se logeitava toda Espanha.

*Emerita aquoreus, quampræter labitur Annas,
Submittit cui tota suos Hispania fasces.*

§. XXI. *Moedas Arabigas.*

Começou o Senhorio dos Arabes em Espanha no anno de 714. com a grande victoria , que Tarif , e Muça alcançaraõ de D. Rodrigo , ultimo Rey dos Godos ; porém como acharaõ Espanha toda debaixo do governo de hum Principe , vencido este , ficavaõ todas as Provincias rendidas , e os Arabes Senhores de todas ellas ; o que naõ acontecera se Espanha tivera mais Reys naquelle tempo , como se vio depois nas entradas , que fizeraõ os Almoravides , Almoades , e Benemerines , que passando a Espanha com muito maior poder , do que foi o de Tarif ; e alcançando alguns delles dos Christãos grandes victorias , nem por isso senhorearaõ a Provincia , por estar possuida por mais de hum Prin-

principe. Pelo que introduzindo os Mouros , que com Tarif vieraõ , e os que se lhe seguiraõ em Espanha , suas leys , e costumes , as Moedas , que corriaõ , eraõ todas suas ; destas ha inda hoje grandissima quantidade em Portugal , e eu tenho muitas , que principalmente se acharaõ no territorio de Evora , e Beja ; muitas dellas de ouro , as maiores da grandeza de hum Real de prata , e de pezo de 500. ate 600. réis ; que teriaõ ametade deste valor , e outras de grandeza de pequenos vintens. Os nomes destas Moedas naõ podemos saber ; em nenhuma dellas ha figura alguma , por lhe ser prohibida em sua Seita , se naõ letras de ambas as partes , de hum a poem o nome de Deos com os seus attributos de Grande , Bom , Omnipotente , &c. da outra o nome do Principe , que a manda bater com o de seu pai , e Avò , e outros ascendentes , como he costume dos Arabes , que tem isto por a clareza de suas ascendencias. Das Moedas de prata tenho tambem muitas , as maiores como tostoens ; mas tam delgadas , que tem só de pezo meio tostaõ , outras menores , e algumas taõ pequenas ,

nas , como meios vintens , todas tem o mesmo modo de letreiros , porém algumas de mui perfeita escultura , que devião de ser do tempo dos Reys de Cordova , que floreceraõ em muita grandeza , e policia. As de cobre naõ excedem o tamanho das de prata , ainda que saõ muito grossas , mas tambem as ha meudas , e muito pequenas de peso dos nossos scitiis.

Esta he a noticia , que posso dar destas Moedas , das quaes naõ se póde saber , se alguma toca a Portugal , posto que como se achaõ na mesma terra , parece que devem de ser dos Reys Arabes , que entaõ a senhoreavaõ.

Que nome tivessem estas Moedas , naõ pude alcançar em particular , mas em commum , as que se achaõ nas nossas Chronicas , saõ tres generos de Moedas de ouro , humas chamadas Dobras Mouriscas , outras Dobras Validias , outras Maravidis de ouro.

As Dobras Mouriscas tinhaõ a valia da Dobra Cruzada , (21.) que da nossa Moeda faz agora 270. réis , posto que

no

no peso passaria de 600. se agora se achasse, como entendo que o he hum de ouro, que tenho entre outras, que se acharaõ modernamente em Beringel.

Dobras Validias eraõ Moeda de Berberia, que se batia em Tunes de 23. quilates, e terço de peso, e diz a Ordenaçãõ velha, que valia doze Reaes brancos dos primeiros, pelo que vinha a montar da nossa Moeda 216. e destas Dobras se faz particular mençaõ na historia do primeiro Capitaõ de Ceita (22) onde se falla tambem de outras Dobras Mouriscas, com estas palavras: *Dobras Validias era Moeda Mourisca, e communalmente esta era a Moeda de ouro, que se mais corria com estes Reynos, e isto era quasi em todos os tempos dos Reis passados. Sempre os Mouros dalem mar trataraõ nestes Reynos de mercaderia comprando pela maior parte todos os annos a fruta do Algarve, o que naõ pagavaõ, senaõ em ouro; e a mayor parte daquellas Dobras saõ feitas em Tunes, e eraõ 23. quilates, e terço de peso.*

(22) Chron. do Conde D. Pedro de Meneses
1. p. c. 81.

20. *E outras Dobras traziaõ aquelles Infieis , a saber Dobras de Prazida ; e de Sagilmensa , e de Marrocos , de que este Reyno foi affaz fornido , especialmente os thesouros dos Reys , como no começo dos feitos deste Rey fica contado , &c.*

Maravidi he Moeda , que os Mouros introduziraõ em Espanha , (23.) cujos Authores dizem , que foraõ os Almoravides , que cã vieraõ de maneira , que antes observa o Mestre Ambrosio de Morales , que senaõ acha mençaõ desta Moeda , nem da conta dos Maravidis nas memorias de Castella , e pelo contrario de entaõ para cã foi taõ ordinaria em Castella a conta dos Maravidis , que por elles se faziaõ todas as computaçoes dos preços das cousas , e das Moedas , o que ainda hoje permanece ; porque para significar a valia do Real de prata , dizem que tem 36. Maravidis , e o dobraõ de ouro 960. Maravidis ; computando o Maravidi pela valia do nosso Real de cobre ; porẽm cã
em

(23) *Moral. p. 3. t. 13. no principio Averiguaçaõ do Maravidi.*

em Portugal ainda que se usou desta Moeda , parece que não foi mais que a de ouro , 60. das quaes faziaõ hum marco. Pelo que segundo o preço , vinhaõ a montar hoje 500. réis ; com tudo este nome de Maravidi se veio estender tambem às Moedas de ouro Portuguezas ; de maneira , que se diz na Chronica d' ElRey D. Sancho I. que deixou a seu filho ElRey D. Afonso 100000. Maravidis de ouro.

Isto que està dito dos Reys Mouros , que senhoresraõ Portugal , se entende principalmente até o tempo d' ElRey D. Fernando o I. de Leão , por quanto este Rey tomou Coimbra , e Santarem , e deixou a seu filho ElRey D. Garcia quasi toda a terra , que pertencia a Portugal até o Tejo ; e poucos annos depois seguindo-se-lhe ElRey D. Afonso Henriques com a tomada de Lisboa , Evora , e Vitoria do Campo de Ourique , e de outros lugares de Alentejo , ficou ElRey quasi Senhor de todo o Reyno ; e assim elle , como seus descendentes , foraõ os que mandaraõ bater Moedas com seus nomes , e insignias , como se hirà vendo de cada hum em particular. §.

§. XXII.

Moedas dos Reys Portugueses.

A Primeira casa de Moeda , que houve em Portugal , foi no Porto , onde os primeiros Reys deste Reyno fizeram bater Moeda , mandando vir Officiaes Estrangeiros , porque os não havia no Reyno , e por isso lhes concederam tantos privilegios , como ainda hoje tem. Havia tambem casa de bater Moeda em Valença , e em Lisboa , como tudo se vê do cap. 57. da Chronica d'ElRey D. Fernando ; e tambem a houve em Evora , como se diz na 2. p. da Chronica d'ElRey D. João I. cap. 5.

Em razão de estar a Casa da Moeda no Porto , se vem hoje os Seitis , e boa parte das Moedas antigas com humas Torres por devisa , e hum Rio por baixo , que são as Armas daquella Cidade ; depois passando a Corte dos Reys para Coimbra , faz menção muitas vezes o Conde D. Pedro , e particularmente no t. 36. §. 3. dos Moedeiros de Coimbra ; por onde parece , que tambem alli os havia. Ultimamente se pôs esta Casa em

D

Lis.

Lisboa, onde ao presente está; consta esta Casa, e se governa por huma mesa, de que he presidente o Thesoureiro da Moeda, e assistem nella mais dous Juizes da balança, e dous Escrivaens da receita, e despesa; os outros cargos provè todos o Thesoureiro, que são Fundidor, Affinador, Ensayador, outo Contadores, outo Branquidores, seis Fornaceiros antigos, e trinta modernos, que acrescentou ElRey D. João III. dezafeis Cunhadores, dous Porteiros, hum da Casa do Thesouro, outro da porta. He esta Casa sujeita ao Tribunal da Fazenda, e o Veedor da Fazenda da repartição da India he o que particularmente preside nesta Mesa quando lá vai.

Isto he o que se póde colher do principio das Moedas, que baterão os Reys deste Reyno; ainda que não consta, se ElRey D. Afonso Henriques bateo Moeda, nem os nomes particulares dellas; sò consta que todas as computações que se faziaõ, eraõ por libras; e que deste nome ouve Moedas de prata, e de cobre, até a de menor valia; porque assim como agora nós fazemos as contas por reais, assim se faziaõ naquelles tempos por li-

livras; mas como desde ElRey D. Afonso Henriques , até ElRey D. Afonso IV. não se póde averiguar, quaes foraõ os Reys, que bateraõ estas livras , deixaremos assim as mesmas livras como as outras Moedas , que dellas procedem, para o ultimo titulo deste Discurso , por continuarmos com as Moedas , que os Reys fizeraõ atégora conhecidae.

§. XXIII.

Dobras delRey D. Sancho. I.

A Moeda mais antiga, que se acha neste Reyno, he huma de ouro do tamanho de deus vinteis, e de peso, que 60. dellas faziaõ hum marco, que vem a ser 500. reis da nossa Moeda, de huma parte tinhaõ esculpido ElRey D. Sancho acavallo armado, e da outra as Armas de Portugal , na fórma que apontamos no Discurso da Nobreza. Destas Moedas tenho eu huma, e della se faz mençaõ na (24) 3. p. da Monarquia Lusitana, a qual vai Est. N. 9.

Outra semelhante anda esculpida nos

D ii

dis-

discursos varios do Conego Gaspar Estago ; (25) e álem destas vi já outras duas semelhantes, estas parece que eraõ as nossas Dobras antigas, até o tempo del-Rey D. Pedro, porque não se achão outras Moedas daquelles Reys.

§. XXIV.

Moedas DelRey D. Afonso IV.

SEgundo parece do cap. 56. na Chronica delRey D. Fernando, não ouve mudança na Moeda deste Reyno até o tempo DelRey D. Afonso IV. o qual com consentimento do Clero, e povo, fez os Dinheiros Alfonsis, mandando valessem doze dos outros, no que ganhou muito; porque vinha a fazer em cada marco de ganho quatro libras, e quatro soldos; e estas libras são as que parece temos agora com nome DelRey D. Afonso humas batidas em Lisboa, porque tem hum L. ao pé do nome DelRey, e outras lavradas no Porto; porque tem hum P. em lugar de L. Destas Moedas tenho muitas, e para exemplo fiz esculpir huma. Est. N. 10.

O

O peso, que hoje tem esta Moeda de prata pela valia presente, he 40. reis, e esta he a mais antiga Moeda de prata dos nossos Reys, que tenho visto.

§. XXV.

Moedas DelRey D. Pedro.

N O cap. 11. da historia DelRey D. Pedro se diz que este Rey mandou fazer Dobras de ouro fino, que 50. dellas faziaõ hum marco, e cada Dobra destas tinha quatro livras, e dous soldos. Este marco era de ouro, e valia entãõ 7380. porque tanto vein a montar as 50. Dobras, que diz o Chronista faziaõ hum marco, contando a 82. soldos cada Dobra, que tanto saõ as quatro livras, e dous soldos, que valia cada Dobra, contando a 20. soldos cada livra. (26) E assim se tomarmos estas Dobras conforme o que entãõ valia o marco de ouro, eraõ agora da nossa moeda 147. reis,

c

(26) Estas comparaçoens do marco de ouro em 308. reis era o valor, que tinhaõ quando se fez este Discurso, e o mesmo se entenda dos 28600. reis ao marco de prata.

e tres quintos de Real; porque valia cada Dobra 82. soldos dos primeiros, os quaes a dez feitijs, e quatro quintos de feitil cada hum, vem a fazer os ditos 147. reis, e tres quintos de real, porém se fizermos a conta conforme a valia do marco de ouro, que são 300.000. reis, tinha cada huma destas Dobras 600. reis de peso; pois 50. dellas pesavaõ hum marco, e tanto pesaõ as Dobras daquelle tempo, que ainda hoje se conservaõ, de que eu tenho huma.

Fez o mesmo Rey D. Pedro outra moeda, que chamou meias Dobras, e tinha 41. soldos, que conforme á computação acima dita, valiaõ 73. e meio, e tres decimos de real, das quaes meias Dobras 100. faziaõ hum marco de ouro, assim teraõ hoje de peso 300. reis.

No mesmo cap. 11. se diz, que lavrou este Rey huma moeda de prata, a que chamavaõ Tornefes, que 65. faziaõ hum marco de liga, e peso dos reaes DelRey D. Pedro de Castella.

Outros Tornefes fez mais pequenos, que entravaõ num marco 130. e de huma banda tinhaõ as Quinas, e da outra o rosto DelRey com Coroa; e as letras de huma par-

parte diziaõ: *Petrus Rex Portugalie, & Algarbi*: e da outra: *Deus adjuva me*; que eraõ os mesmos cunhos, e letras, que tinha nas suas Dobras. Valia o Tornés grande sete soldos, e o pequeno tres soldos, e meio. Este nome de Torneses parece que deu ElRey D. Pedro a estas moedas á semelhança de huma moeda Francesa, que entaõ corria por toda Europa, e se lavrava em Tours, Cidade de França, e por isso se chamavaõ soldos Turonenses.

Outra moeda mandou bater ElRey D. Pedro, que chamavaõ Dinheiros Alfonsis de liga, e eraõ do valor, que fizera ElRey D. Afonso seu Pai.

§. XXVI.

Dos Gentis, Barbudas, Graves, Pilartes, e Fortes delRey D. Fernando.

E LRey D. Fernando fez huma moeda, que chamou Gentil, (27) que mandou valesse quatro livras, e meia, e depois outra que valia tres e meia; e depois outros Gentis, que valiaõ tres livras, e cinco soldos. Pelo que contando as livras a 36. reis; porque eraõ das antigas, valiaõ os primeiros Gentis

(27) *Chron. delRey D. Joaõ I. l. i. p. c. 49.*

tis 162. reis, e os segundos 144. reis, e os terceiros 126. reis, e os quartos 116. reis; e isto porém a respeito do pouco que valia então o marco de prata.

Quando ElRey D. Fernando fez a guerra a Castella serviraõ a ElRey D. Henrique o Nobre muitos Soldados Francezes, que vinhaõ armados de celadas, a que elles chamavaõ *Barbudas*; e traziaõ lanças com pendoens, que chamavaõ *Graves*; e traziaõ consigo Pagens para as celadas, a que chamavaõ *Pilares*; e querendo ElRey D. Fernando deixar memoria desta sua empreza, poz estes nomes, e insignias nas moedas, que mandou lavrar de novo (28)

A Barbuda era moeda do tamanho de quatro vintens, ainda que mais delgada; de huma parte tem huma celada com humma Coroa em cima, e o peito de malha, e á roda este letreiro: *Si Dominus mihi adjutor, non timebo*; e da outra parte humma Cruz das da Ordem de Christo, que toma todo o vaõ; nos quatro cantos da Cruz quatro Castellos, e no meio da Cruz hum escudinho com as Quinas, e a letra: *Fernan-*

(28) *Chron. del Rey D. Fern. c. 56. e Chron. del Rey D. Joaõ I. p. 2. c. 50.*

nandus Rex Portugaliae; como se vê em algumas destas moedas, que tenho em meu poder. Est. N. 11.

Era a Barbuda moeda de prata muito ligada de ley de tres Dinheiros, e ElRey lhe poz preço de 20. soldos, que eraõ humma livra de 36. reis dos nossos.

Dos Graves 120. faziaõ hum marco, e valiaõ 15. soldos, que vem a ser 21. real dos nossos, e tinhaõ por divisa humma lança sobre os cunhos. Os Pilares eraõ tambem de prata de ley de dous Dinheiros, e valiaõ cinco soldos, que saõ da nossa moeda 13. reis, e dous feitijs.

Fez ElRey D. Fernando outra moeda, que chamou Fortes, que valiaõ 20. soldos, que saõ 29. reis, e dous feitijs, e meios Fortes, que valiaõ 14 reis, e meio, e hum feitil: assim mesmo mandou bater outros Torneses, a que chamaraõ *Petites*, palavra Franceza, que significa pequeno; donde se vê, que de Franca tomaraõ o nome, como tudo consta do cap. 56. da Chronica do mesmo Rey. E assim lavrou outras moedas antigas, das quaes se conservaraõ algumas, que eu tenho já referidas com valores sobidos; e queixando-se os povos do
gran-

grande preço , que estas moedas tinhaõ , e do pouco que pesavaõ , lhe abateo a valia a mais accommodados preços , como se diz no cap. 57. da mesma Chronica , convem a saber , que os Graves de 15. soldos dos Dinheiros Alfonsis , naõ valessem mais de 7. e a Barbuda de 20. soldos valesse 14. e os Pilares de 5. valessem tres , e meio , e os Reaes de prata de 10. soldos valessem 8. E porque ainda estes preços eraõ grandes , tornou ElRey a fazer outra baixa , e mandou que a Barbuda , que já estava em 14. soldos , valesse só dous , e 4. Dinheiros , que vem a ser quatro reis dos nossos , e o Grave 14. Dinheiros , que saõ dous , e dous feitijs ; e o Pilarte 7. que he hum real , e hum feitel , e os Fortes 10. soldos , que saõ 16. reis , e 4. feitijs , e os Dinheiros , que de novo lavrara , que valessem como Mealhas.

§. XXVII.

Das moedas d'ElRey D. Joaõ o I.

E LRey D. Joaõ I. sendo Defensor do Reyno , como se vê no cap. 49. e 50. da 1. p. de sua Chronica , mandou lavrar Rea-

Reaes de prata de ley de 9. Dinheiros, que 72. delles faziaõ hum marco; e depois mandou lavrar outros de ley de 6. Dinheiros, e depois outros de 5. ficando sempre na mesma valia, e ganhando o mais. E com tudo isso o povo, pelo amor, que tinha a ElRey respeitou tanto esta moeda, ainda que cheya de tanta liga, que diz o Chronista, que muitos traziaõ depois estes Reaes de prata ao pescoço, como cousa santa, affirmando que lhe valia contra as enfermidades.

Depois mandou o mesmo Rey, sendo ainda Defensor, lavrar Reaes de ley de hum Dinheiro, que valia cada hum dez soldos, e depois destes mandou fazer outros Reaes de tres livras, e meia, e de dez Dinheiros, e meio, e o mesmo se vê do cap. 5. da 2. p. de sua Chronica.

Quando depois ElRey quiz tomar Ceita, mandou lavrar os primeiros Reaes brancos, que cada hum delles valia dez Reaes de tres livras, e meia, e eraõ de ley de dez Dinheiros, e 62. faziaõ hum marco.

Depois que veio de tomar Ceita, dizem alguns mandou lavrar os seitijjs,

a quem deu este nome em memoria do nome de Ceita, que entaõ conquistara, ainda que outros dizem, que por valerem a sexta parte do Real, se chamaraõ feitis, e corruptamente feitis.

§. XXVIII.

Moedas d'ElRey D. Duarte.

DEpois que as Livras chegaraõ a grande diminuiçaõ, como adiante veremos, mandou ElRey D. Duarte lavar outra moeda mais grossa, que chamaraõ *Reaes brancos*; os quaes eraõ de cobre com liga d'outro metal, que os fazia mais brancos, do que os nossos Reaes de cobre, tal, e por isso se chamaraõ *brancos*, como se collige da Ord. (29) Mandou ElRey D. Duarte, que cada Real branco destes valessem hum Soldo dos antigos, e assim cada hum delles valia. 35. Livrinhas, e 20. Reaes brancos faziaõ huma Livra antiga das 700. a este respeito valia cada Real destes da nossa moeda dez feitijs, e quatro quintos de feitel; pois 20. delles valiaõ 36. que he huma Livra das maiores.

Quan-

(29) Ord. antig. r. 1. l. 4. §. 16.

Quando o mesmo Rey mandou bater estes *Reaes brancos*, parece que mandou juntamente bater outra moeda, a que chamou *Pretos*; dez dos quaes valiaõ hum Real branco; porque já que se mudavaõ os soldos em Reaes brancos, pareceo conveniente, que se mudassem os Dinheiros em Preto; e este nome de *Preto*, parece que foi posto por differença dos *Branços*, e deviaõ tambem ser mais pretos, porque naõ teriaõ a liga do metal, ou de estanho, como tinhaõ os brancos. A valia, que estes primeiros Pretos tinhaõ, conforme à nossa Moeda, he a mesma de hum Seitel, e quatro cincoentavos de Seitel. Porque a mesma Ordenação diz, que hum Real destes brancos valia dez Seitis, e quatro quintos de Seitel; e como dez Pretos valiaõ hum Real branco, bem se infere, que hum Preto destes primeiros tinha hum Seitel; e o que lhe cabia dos quatro quintos do Seitel, que saõ quatro cincoentavos de Seitel. Tambem este Rey mandou lavrar escudos de ouro baixo.

§. XXIX.

Das Moedas d'ElRey D. Afonso V.

NA Chronica d'ElRey D. Afonso V. cap. 138. se diz , que em tempo d'ElRey D. Duarte se lavraraõ escudos de ouro baixo , que nos Reynos estranhos se tomavaõ com muita difficuldade. E El-Rey D. Afonso quando aceitou a Cruzada , para ir à Terra Santa , mandou lavar de ouro sobido de toda a perfeição a Moeda dos Cruzados , a qual mandou sobir em peso ; e naõ em preço dous graõs sobre todos os Ducados da Christandade , para assim poderem correr em todas as partes onde elle fosse. Destes cruzados ha inda hoje muitos, e saõ buscados para dourar com elles pela sua muita fineza ; e alguns , que me vieraõ à maõ , tem de huma parte huma Cruz , como a de S. Jorge com letras, que dizem : *Adjutorium nostrum in nomine Domini* ; e da outra o escudo Real coroadado , metido ainda na Cruz de Aviz com estas letras: *Cruzatus Alfonsi Quinti R.* O nome de Cruzado parece lhe deu
por

por ser feito para a empreza da Cruzada, que aceitára.

Hum Real tenho deste Rey com a figura de sua empreza, que era hum rodizio de hum moinho correndo com o impeto da agoa, a qual empreza usou em muitas partes, e principalmente no Mosteiro de S. Francisco de Varatojo junto a Torres Vedras, onde se elle retirou, por ser sitio mui aprazivel com a vista do mar, e muita caça da Coutada de Cintra, aonde esta empreza se vê pintada em muitos lugares da Igreja, e das officinas da casa; as letras da empreza dizem o que estava na mesma figura: *Herodizio*; porque se prezava este Principe de tão comedido, que queria ser advertido dos erros para se emendar delles.

Fez ElRey D. Afonso V. humas Moedas de cobre chamadas Elpadins do tamanho de Real, que de humna parte tem no meio humma maõ com humma espada com a ponta para baixo, e pela roda este leltreiro: *Alphonsus Dei gratia Rex P.* e da outra parte o escudo Real sobre a Cruz de Aviz, e as letras dizem: *Adju-torium nostrum in nomine Domini.*

Es-

Esta Moeda mandou lavrar ElRey D. Afonso V. em memoria da Ordem da Espada, que instituiu para a Conquista de Fez; (30) na mais alta torre da qual se dizia, que estava hum espada engastada por hum antigo Astrologo dos Mouros, com pronostico, que quem pelo valor das armas dali a tirasse, avia de ser Senhor do Mundo. Destas Moedas tenho muitas, assim de prata, como decobre, como se vê na presente. Est. N. 12.

Outra Moeda ha deste Rey de prata do tamanho de hum vintem que de hum parte tem as Quinas sómente, e o letreiro à roda diz *Alphonfi Quinti Regis Por.* e da outra hum *A.* grande Gotico, que he a primeira letra do nome d'El-Rey, e em cima huma Coroa, e à roda: *Adjutorium nostrum in nemine Domini.*

Outra Moeda de prata se acha sua do tamanho de quatro vinteis, mas não de tanto peso, a qual de hum parte tem o escudo Real sobre a Cruz de Aviz, e o letreiro à roda diz *Alphensius Dei gratia Rex Por.* Da outra banda estão as armas quarteadas de Castella, Leaõ; e

O

(30) *Fr. Hier. Romano Republ. Christ. l. c;*

o letreiro à roda diz : *Alphonfus Dei Gratia Rex Por.* Esta Moeda se lavrou no tempo , que ElRey D. Afonso pretendia o Reyno de Castella pelo casamento da Excellente Senhora ; e por isso usava das armas de Castella , e do titulo do mesmo Reyno.

Outra Moeda tenho sua de cobre da grossura de hum vintem pouco maior , de huma parte tem hum *A.* Gotico grande debaixo de huma Coroa , e o letreiro : *Alphonfus Rex Portugalie* ; da outra as Quinas sómente com as letras gastadas.

Outra Moeda se acha de cobre do tamanho de meio vintem , mas de maior grossura com outro *A.* Gotico , e huma Coroa por cima , e da outra banda as cinco Quinas em Cruz , e ambos os letreiros dizem : *Alphonfus Rex Portugalie.*

Outra fórmula de Moeda há , que de huma parte tem huma Cruz da maneira das Commendas de Christo , com o letreiro : *Alphonfus* ; e da outra os cinco escudetes em Cruz atravessados , e taõ largos , que os quatro fazem entrar os braços da Cruz pelo lugar do letreiro da borda até o fim , e o letreiro , que vai entre os quatro escudetes , diz : *Rex Por-*

tugal. Outras Moedas se baterão em tempo do mesmo Rey, de que adiante com as Livras se faz particular menção.

§. XXX.

Moedas d'ElRey D. João o II.

E LRey D. João II. mandou lavrar Moedas novas no anno de 1485.(31) a primeira foi huma de ouro, que chamaraõ *Iusto* de lei de 22. quilates, e peso de 600. reis, que eu tenho, e de huma parte tem nella o escudo Real já com as Quinas direitas sem a Cruz de Aviz; e foi esta a primeira vez, em que assim apparecco o escudo Real, depois d'El-Rey D. João I. o qual como foi Mestre de Aviz, poz o escudo Real no meio da Cruz daquella Ordem, e as letras dizem: *Joannes Secundus R. Portugal. Algar. Dominus Guiné*; que he: João II. Rey de Portugal, e Algarve, Senhor de Guiné; o qual titulo tomou tambem no mesmo anno: da outra parte estava El-Rey armado, assentado em cadeira Real com huma espada na mão, e as letras à roda diziaõ: *Iustus ut palma florebit*:

O

(31) Chron. de D. João 2. c. 56.

o justo florecerá como a palma, deste
leiteiro parece lhe derão a esta Moeda
o nome de *Justo*.

Mandou lavrar tambem *Espadim* douro da ley dos Justos, e da ametade da valia, que eraõ 300. reis, e tinha de huma parte as mefinas armas, e titulos, que os Justos, e da outra humamão com hum espada nũa com a ponta para cima; e por letra: *Dominus protector vitæ meæ, à quo trepidabo?*

Fez tambem meos Reaes de prata de ley de onze Dinheiros , a que depois chamaraõ Vinteis , por valerem 20. reis, e fez meos Vinteis , e Cinquinhos , que valiaõ cinco reis : tambem lavrou Reaes de cobre da valia dos que agora correm. Destes Reaes ha alguns, em que està esculpido o Pelicano dando a beber aos filhos o sangue de seu peito, que foi a empresa deste Rey com a letra : *Pela ley , e pela grey* : dando a entender que derramaria o sangue em defenſaõ da Fè, e de seus vassallos.

Os Pelicanos são Aves quasi nunca vistas em Europa ; com tudo eu vi hum em Evora em casa do Senhor D. Duarte tio de ElRey Dom João o quarto,

que lhe viera de Angola ; e ainda que estava morto , tinha todas as pennas , e só lhe faltavaõ os intestinos , que para o conservarem , lhe tiraraõ , era maior que huma Cegonha , e quasi com as mesmas pennas brancas , e negras ; no peito tinha hum callo , tamanho como Cruzado , dos que agora correm , vermelho , e não muito duro ; por onde parece que por alli rompe algumas veias com o bico , que he muito grande , para naturalmente sustentar seus filhos ; como dizem os Escritores , de maneira , que não lhe deve de causar esta acção morte , porque parece cousa natural.

Outros *Espadins* fez bater prateados , que valiaõ quatro reis. Mandou lavar Cruzados , que valiaõ 390. e El-Rey D. Manoel os acrescentou a 400. no valor anno de 1517.

§. XXXI.

Das Moedas d'ElRey D. Manoel.

DAmiaõ de Goes aponta no cap. ult. da Chronica d'ElRey D. Manoel as Moedas que fez , que são as seguintes.

No anno de 1499. mandou tambem
ba-

bater os Portuguezes de ouro de 24. quilates, que era a mesma ley dos Cruzados des do tempo d'ElRey D. Afonso V. e cada hum delles tinha dez Cruzados de valor; e de huma parte tinhaõ a Cruz da Ordem de Christo com letras, que diziaõ: *In hoc signo vinces*; e da outra o escudo Real coroadado, e dous letreiros; o do circulo maior dizia: *Primus Emmanuel Rex Portugallia; Algarbiorum, citra, & ultra in Africa, & Dominus Guinë*. O do circulo menor: *Æthiopiæ, Arabiæ, Persiæ, Indiæ*.

No mesmo anno mandou lavrar huma moeda de prata de ley de 15. Dinheiros, que 70. faziaõ hum marco, e valia 33. cada huma. Esta moeda chamaraõ *Indios*; e tinha de huma parte a mesma Cruz, e letreiro, que os Portuguezes, e da outra as armas do Reyno com o letreiro: *Primus Emmanuel*.

No anno de 1504. fez os Portuguezes de prata de valor de 400. réis cada hum com os mesmos letreiros, e cunhos, que os Portuguezes de ouro: e destes mandou fazer meios, e quartos, que saõ os Tostoes com o mesmo escudo, e letreiro, que os Portuguezes

d'ouro. Chamaraõ-se Tostoens à imitação doutra semelhante moeda de França, a qual por ter por divisa huma cabeça, que os Francezes chamaõ *Teste*, se lhe deu o nome de *Testaõ*, e corruptamente *Tostaõ*.

Depois no anno 1517. fez meios Tostoens, que de huma parte tem os cinco escudos das Quinas sem Castellos, e da outra huma Cruz, e de ambas as bandas diz o letreiro: *Primus Emmanuel R. P. & A. D. G.* Manoel primeiro Rey de Portugal, e Algarve, Senhor de Guiné.

Continuou os Cruzados do mesmo peso, e ley DelRey D. Afonso V. e DelRey D. Joaõ II. e nos vintens, e seitijs.

Fez Reaes de cobre de seis seitijs cada Real, que de huma parte tinhaõ hum R. debaixo de huma Coroa, e da outra o escudo das armas do Reyno com estas letras: *Emmanuel Rex Portugaliae & A. Dominus Guiné*.

Teve ElRey D. Manoel por empresa a Esphera, q̃ vulgarmente se chamava entaõ *Espera*, e lha deu ElRey D. Joaõ II. como em pronostico da Coroa. Pelo que depois de ser Rey, mandou lavrar huma moeda de ouro, que de huma parte tem esculpida hu-

humã Esphera, e da outra humã Coroa com humã letra, que diz: *Mea*; com que parece quiz denotar, que a Esphera que ElRey D. João Ihe dera por empresa, alcançou elle por obra, descobrindo, e conquistando a India, e o Brasil, de maneira, que ficaraõ sendo sua Coroa as quatro partes do mundo, que comprehende a Esphera. Pelo que alludindo a este Senhorio, usando da palavra *Mea*, segundo parece, por ser de S. Paulo, que chama aos Philippenes, a quem converteo: *Gaudium meum & Corona mea*: meu contentamento; e noutra parte 1. aos Philippenes 2. *Quæ enim est nostra spes, aut Gaudium, aut Corona gloriæ, nenne vos, &c.* Donde parece que quiz dizer, que a sua gloria, e coroa, foi o novo descobrimento, e conversão do mundo. Na India depois de tomada Goa, mandou o Governador Afonso de Albuquerque fazer algumas moedas com o nome DelRey D. Manuel, assim de ouro, como de prata, e cobre, ás quaes poz o nome *Esphas*; que de humã tinhaõ a Cruz da Ordem de Christo e da outra a Esphera, que era empresa DelRey, como já dissemos; pesava a Esphera de prata dous vintens, e outra ametada, a que chamavaõ *Mea Esphera*, nesta

ra conformidade. Estampa N. 13.

As moedas de cobre poz nome *Leaes*, e outras Dinheiros, tres dos quaes valiaõ hum Leal ; e de ouro mandou lavrar Cruzados, como se vê nos Comentarios de Afonso de Albuquerque p. 2. cap. 26.

§. XXXII.

Das Moedas DelRey D. Joaõ III.

Posto que na Chronica DelRey D. Joaõ III. se não faz mentaõ mais , que das moedas de cobre, que elle mandou lavrar, com tudo consta de outras muitas, que fez bater de todos os metaes, e particularmente a moeda de ouro chamada S. Vicente, que era de peso de 10000. reis, e de humma parte tem a figura de S. Vicente com humma não na mão esquerda, e humma palma na direita com letras á roda: *Zelator usque ad mortem*; e he Zelador da Fé até á morte da outra o escudo Real coroadado com as letras: *Joannes Tertius Rex Portu. &c.* Desta moeda se lavrou outra de ametade da sua valia, e com as mesmas insignias, que por isso lhe chamaõ Meios S. Vicentes, como se vê na *Est. N. 14.*

O titulo de Zelador da Fé, que eve
ns-

nesta moeda, usou ElRey, por lho dar o Papa Paulo III. por o grande zelo, e instancia, com que pedio o Tribunal do Santo Officio da Inquisição para este Reyno, e como titulo hereditario utou tambem delle ElRey D. Sebastião nas mesmas moedas, que em seu tempo mandou lavrar.

Fez outra moeda de ouro do peso dos Cruzados, a que chamaraõ *Calvarios*, por terem de huma parte huma Cruz comprida posta sobre hum monte, como ordinariamente a pintaõ no Calvario com estas letras: *In hoc signo vinces*; e da outra parte o escudo Real com Coroa, e o leitreiro: *Joannes Tertius Port.* & *Al. R. D. Guiné.*

Tambem na India se bateo outra moeda no anno 1548. governando Garcia de Sá, era de ouro de 20. quilates, e hum quarto; entravaõ num marco 67. de huma parte tinhaõ as armas de Portugal com a letra: *Joannes III. Portug.* & *Al. Rex*; e da outra parte a imagem de S. Thomé com a letra: *India tibi cessit*; della se faz menção na 6. Dec. l. 7. c. 2.

Tambem anno 1555. governando D.
Pe-

Pedro Mascarenhas, se lavrou em Goa outra moeda de prata, chamada *Patacaõ*, que foi a maior deste metal, que houve naquelle Estado, como se refere na 7. Dec. cap. 6. col. 6.

Fez tambem Reaes de prata, a que vulgarmente chamamos moedas de dous vintens, que de huma parte tinha huma Coroa, e debaixo o nome DelRey nesta cifra: *Io. III.* e por baixo *XXXX.* e á roda estas letras: *Rex Portugaliæ Al.* e da outra huma Cruz de S. Jorge com as letras: *In hoc signo vinces.*

Fez tambem outra moeda destes Reaes de prata dobrados, a que ordinariamente chamamos quatro vintens, e tem as mesmas insignias, que os outros; só debaixo do nome DelRey tem hum numero de 80. que he a valia dos 80. reis, e na cerca-dura diz: *Rex Portugaliæ, Al. D. G.*

No cap. 58. da 4. p. da Chronica d'ElRey D. João III. se diz, que mandou continuar em Lisboa no lavramento dos Seitijs, que cada hum delles tinhaõ 18. grãos, e com os mesmos cunhos, que atè entaõ corriaõ. E assim mesmo mandou fazer Reaes, que valessem seis feitijs, e tinhaõ meia oitava de peso cada

da hum; e de huma parte tinhaõ no meio letreiros, que em breve diziaõ: *Joannes Tertius Portugalia, & Algarbiorum Rex*; e da outra parte hum R. com hum Coroa em cima, que he a primeira letra do nome da mesma moeda, que he *Real*.

Outra moeda mandou fazer de peso de oitava, e meia, e tem hum Coroa por cima, e humas letras no circuito, que dizem: *Portugalia, & Algarbiorum Rex Africa*; e da outra hum escudo de Armas Reaes.

Fez *Patacoens* de cobre de cinco cutavas, que valia dez reis: e de humma parte tinha o escudo Real coroadado com letras, que em breve diziaõ: *Joannes Tertius Portugalia, & Algarbiorum*; e da outra parte hum X. e ao redor: *Rex Quintus Decimus*.

§. XXXIII.

Moedas d'ElRey D. Sebastiaõ.

DElRey D. Sebastiaõ hà varias moedas de ouro, como saõ as de 500. reis, que tem de huma parte hum Cruz da Ordem de Christo com as letras: *In hoc*

hoc signo vinctes; e da outra o escudo com Coroa, e na cercadura: *Sebastianus I. Rex Portugaliae*. Fez também a moeda dos Portuguezes de dez Cruzados.

De cobre mandou lavrar os meios reaes, os quaes tem hum R. de huma parte com hum Coroa em cima, e da outra estas letras: *Sebastianus*.

Outros meios reaes tem de huma parte hum S. grande debaixo de hum Coroa, e da outra estas letras: *R. Sebastianus I.* Mandou o mesmo Rey por humma Provisão sua de 27. de Junho de 1558. e por outra de 22. Abril de 1570. que se lavrassem de prata sómente Tostões, Meios tostões, Vintens, e Meios vintens, e que 24. Tostões fizessem hum marco de prata, valendo cada Tostão 100. reis de seis leitijs o Real, e que tivessem as ditas moedas os mesmos cunhos, e letras, que até então costumavam ter as semelhantes; e do lavramento de cada marco de prata em moeda se tirassem 80. reis para os custos.

Tambem mandou abater as moedas de cobre, que El Rey D. João seu Avô lavrara; de maneira, que a moeda de dez reis, que chamamos Patacaõ, vales-

lesse sómente tres, e a moeda de cinco reis, que tem hum *V.* valesse real, e meio.

§. XXXIV.

Moedas d'ElRey D. Joaõ IV.

E LRey D. Joaõ IV. quando tomou posse do Reyno, mandou lavrar os Cruzados de prata, que tem 400. reis; e os meios Cruzados, Tosttoens, e meios tosttoens com o mesmo preço antigo, mas de menos peso: porque como a prata tinha em todas as Provincias do Norte muito maior valia, que neste Reyno, levavaõ os Estrangeiros toda a prata de Portugal. E assi para se remediar este dano foi necessario levantar o preço do marco de prata, e diminuir o peso das moedas.

As moedas de ouro de quatro Cruzados, que ElRey de Castella D. Philippe, que chamaraõ o Bom, mandou lavrar neste Reyno, fez recolher no anno de 1642. e batellas de novo com o seu nome *Joannes IV. D. G. Rex Portugaliæ, & Algarb.* e da outra parte a Cruz de S. Jorge; e nos quatro vaõs o anno de 1642. e à roda: *In hoc signo vinces*; e

man-

mandou que valessem tres mil reis.

Outras se lavravaõ, que tem ametade deste peso, e valor com as mesmas letras, e outras de quarto. E porque quando levantou o preço do marco de prata, senão pode recolher todo o dinheiro que entaõ corria, e trocallo por Moedas novas, se mandou cunhar com o algarismo do novo valor, esculpindo no Tostaõ 120. reis, e nos quatro vinteis 100. e no Meio tostaõ 60. e nos Reaes singelos, que chamavaõ de dous Vinteis 50. De novo se lavraraõ Vinteis com hum I. no meio, que he a primeira letra do nome de ElRey por cifra: e tambem se lavraraõ dous Vinteis com o mesmo nome, e huma Coroa em cima, e da outra parte a Cruz de S. Jorge. Estas Moedas se bateraõ não sómente em Lisboa, mas em Evora, e no Porto nas quaes Cidades se mandou de novo levantar casa de Moeda.

Demos felice remate a esta materia com a insigne Moeda, que o mesmo Rey mandou lavrar, depois que fez tributario o Reyno de Portugal à Igreja da Conceição de N. Senhora de Villaviçosa. Mandou lavrar huma Moeda grande

de de prata de maior circumferencia , que os Cruzados de prata , que de huma parte tem a imagem de N. Senhora da Conceição com os pés na meia Lua sobre o globo , e de huma , e outra parte o Sol , e outras metaphoras , porque he invocada da Igreja , como são o Sol , o Espelho , o Horto concluso , a Casa de ouro , a Fonte selada , a Arca do Santuario , e as letras : *Tutelarís Regni* ; e da outra as armas Reaes com a Coroa cerrada postas no meio da Cruz da Ordem de Christo ; e as letras : *Joannes Quartus D. G. Purtugaliæ , & Algarbiæ Rex*. Pesa esta Moeda 450. reis ; outra mandou lavrar de ouro com a mesma escultura, e letra, de valor de 120000. reis. N. 15.

§. XXXV.

Moedas delRey D. Afonso VI.

ELRey D. Afonso VI. mandou lavrar moedas de ouro de quatro mil reis , de dous mil reis , e de dez tostões. Mandou lavrar moedas de prata de valor de dous tostões , de tostaõ , de quatro vintens , de meio tostaõ , de vintem , e de dez

dez reis também de prata. Marcou-se depois a moeda de cruzado em cinco tostões, a de dous tostões em duzentos, e cinquenta reis, o tostaõ em cento, e vinte reis, e os quatro vintens em tostaõ. Também mandou lavrar cobre na fórmula commua.

§. XXXVI.

Moedas delRey D. Pedro II.

ELRey D. Pedro II. mandou lavrar moedas de ouro de quatro mil reis, de dous mil reis, e de mil reis. Mandou lavrar outras moedas de ouro de quatro mil, e quatro centos, de dous mil e duzentos, e de mil e cem reis. Mandou lavrar moedas de prata chamadas Cruzados, que valiaõ quatro centos reis, de duzentos reis, de tostaõ, de oitenta reis, de cinquenta reis, de quarenta reis, de vintem, e de dez reis de prata. Com o levantamento da moeda sobiraõ as moedas de ouro a quatro mil e oito centos, as de dous mil, e duzentos a dous mil e quatro centos, e as de mil e cem reis, a mil, e duzentos reis. Os Cruzados de prata a quatro centos e oitenta, os duzentos reis, a duzentos e quarenta reis,

o tostaõ, a cento e vinte reis, os oitenta reis, a cem reis, os cincoenta reis, a sessenta reis, os quarenta reis a cincoenta reis, e as moedas marcadas de duzentos e cincoenta reis sobiraõ a trezentos reis, e as de cinco tostões a seiscentos reis.

Alèm do cobre na fórmula antiga, mandou lavrar outro sendo Regente do Reyno (pelo impedimento politico de seu Irmão ElRey D. Afonso VI.) que foraõ moedas de dez, de cinco, de tres reis, e de real, e meio: eraõ estas moedas primorosamente cunhadas, tinhaõ de huma parte as Armas Reaes com estas letras: *Petrus D. G. P. Portugaliæ*, e no reverso o valor da moeda, e ao redor *Anno Regens. decimo quinto 1682*. No anno seguinte mandou lavrar outro cobre ainda mais primoroso, e do mesmo valor, com as letras: *Petrus D. G. P. Portugaliæ*, e no reverso *Anno sexto decimo regim. sui 1683*. Mas de humas, e outras moedas pela sua raridade não se devia bater grande copia.

Mandou lavrar outro cobre do mesmo valor, que tem de huma parte *P. II.* com huma Coroa em cima, e a redor *D. G. Port. & Alg. Rex*; e no reverso o

valor da moeda com estas letras: *Utilitati publicæ.*

Para a America mandou lavrar como moeda provincial moedas de ouro de quatro mil reis, de dous mil reis, e de mil reis, de huma parte tem as Armas Reaes com estas letras: *Petrus II. D. G. Portugalæ Rex*, e da outra a Cruz de S. Jorge, e ao redor, *Et Brasiliæ Dominus Anno 1700.* Mandou lavrar moeda de prata de duas patacas, que valem 640. reis, patacas de 320. reis, como se vê da estampa N. 16.

Meias patacas de 160. reis, quatro de pataca de 80. reis, e vintem. Tem todas de huma parte, *Petrus II. D. G. Rex, & Bras. D.* e da outra parte humma Esphera sobre humma Cruz de Christo com estas letras entre os braços da Cruz, *Subq. signo nata stab* que dizem que debaixo do final da Cruz naceo, e se estabeleceo a America, porque o primeiro nome, que se deo àquella terra, quando se descobrio, foi o de Santa Cruz, e depois se chamou Brasil por causa desta madeira. Mandou lavrar moedas de cobre de vinte reis, e de dez reis, que tem de huma parte estas letras,

tras , *Petrus II. D. G. Portug. R. D. Æthiop.* e na outra dous XX. entre humma especie de quatro crecentes , em cujos vãos ha quatro P. e ao redor , *Moderato splendeat usu.* 1697.

§. XXXVII.

Moedas delRey D. João V.

Sua Magestade , que Deos guarde , alèm das moedas de ouro , como as delRey D. Pedro II. mandou lavrar Cruzados novos de ouro , que tem de humma parte duas palmas , e humma Coroa , e debaixo della *Joan. V.* e da outra a Cruz de Christo com as letras , *in hoc signo vinces* , se cunhàraõ nas Minas moedas de vinte , e quatro mil reis , como se vê na Est. N. 17.

E de doze mil reis , a qual moeda ordenou o dito Senhor , que se naõ lavrasse mais. Mandou lavrar moedas de doze mil e oito centos reis , como se vê na Est. N. 18.

De seis mil e quatro centos reis , de tres mil , e duzentos reis , de mil e seiscentos reis , de oito centos reis , e de quatro centos reis ; todas com a sua Imagem ,

gem, ao redor *Joannes V. D. G. Port. & Alg. Rex.*, e no reverso as Armas Reaes com as palavras, *in hoc signo vinces*: agora não costumão trazer as ditas letras.

Mandou lavrar duas sortes de cobre: a primeira de dez reis, de cinco reis, de tres reis, e de real, e meio: tem de huma parte a Coroa Real, e debaixo della estas letras *J. V.* e ao redor *D. G. Port. & Alg. Rex.*, e da outra o valor da moeda com as letras, *Utilitati publicæ*. A segunda tem o Escudo das Armas Reaes com estas letras ao redor, *Joannes V. Dei gratia*, e da outra o valor da moeda, e as letras *Portugalia, & Algarbiorum Rex*.

Tambem mandou lavrar cobre para o Brasil de vinte reis, e de dez reis. Tem de huma parte dous XX. com a Coroa Real em cima, e as letras ao redor, que dizem, *Joannes V. D. G. P. & Bras. Rex*, e da outra tem huma Esphera com estas letras, *Pecunia totum circuit orbem*. Mandou fazer outra sorte de cobre de dous vintens, e de vinte, que tem o Escudo das Armas Reaes, sem a cercadura dos Castellos com as letras

tras *Joannes V. D. G. P. & Bras. Rex.*
e no reverso tem XL. com estas lettas
Æs usibus aptius auro. 1722.

De todas as moedas dos nossos Reys ,
e de muitas medalhas , que mandaraõ
abrir veraõ os Curiosos hum completo
Tratado em laminas de buril no Tomo
4. da Historia Genealogica da Casa Real
de Portugal , composto pelo P. D. An-
ronio Caetano de Souza Clerigo Regu-
lar , Qualificador do Santo Officio , e
Academico Real do numero , que já es-
tá impresso , e brevemente sahirá à luz.

§. XXXVIII.

Moedas do Senhor Rey D. Joze o I.

O Senhor Rey D. Jozé o I. mandou la-
vrar Moedas de ouro, do valor de 480.
800. 1000. 1600. 3200. e 6400.
com a sua Real Efigie , e as mais de pra-
ta , e cobre , que no antecedente Reina-
do havia ; como tambem as das Conquis-
tas.

§. XXXIX.

§. XXXIX.

Moedas da Rainha nossa Senhora.

A Rainha nossa Senhora D. Maria I. seguiu o mesmo, só ha differença do cunho ter duas effigies durante a vida de seu Augustissimo Esposo o Senhor Rey D. Pedro III., e depois de sua morte mandou lavrar a mesma só com a sua Real Effigie.

§. XXXX. *Das Livras.*

Livra he a Moeda, de que se acha mais antiga relação, como se vê da Ordenação Velha liv. 4. t. 1. Esta Moeda parece, que era de prata, como ainda hoje o he em França, e Alemanha, donde os Officiaes da Moeda parece vieraõ a este Reyno; e á sua imitação a deviaõ introduzir cà os nossos Reys, como fizeraõ outras muitas cousas à semelhança de Inglaterra, e França, além de trazer de là principio o Conde D. Henrique, e muitos dos seus
com

com elle : e assim nos ficáraõ muitas cousas da lingua , e costumes dos Franceses. O nome de *Libra* he latino , e significa peso de doze onças ; desta quantidade lavraraõ os Romanos a primeira Moeda , como diz Plinio lib. 33. cap. 3. e o tem Covarruvias de Numismate , Gregor , Agricola , Budeu , e Leto. Donde parece que do *livra* latino se derivou o nome às Livras das outras Provincias , e a estas de Portugal. (32)

Todas as Livras , que se lavraraõ até o anno de 1395. em que reynava ElRey D. Joaõ I. foraõ da mesma valia. Por tanto mandou ElRey D. Duarte por Ordenaçaõ , que pelas Livras até este anno se pagassem 20. Reaes brancos dos primeiros , os quaes Reaes brancos , como diz a dita Ordenaçaõ liv. 4. t. 1. §. 17. valia cada hum dez Seitis , e quatro quintos de Seitel : e assim 20.

Rea-

(32) Todas as Computaçoens que neste Tratado se fazem das moedas antigas com as que agora correm , se entendem a respeito da valia do marco de prata de 28600. e do ouro 608. que tinhaõ quando este Tratado se compoz antes da felice acclamaçaõ de Sua Magestade.

Reaes destes brancos vem a montar 216. Seitis, que a seis Seitis o Real tornaõ agora 36. Reaes dos nossos; e tanto valia cada Livra até este tempo.

Porèm vendo-se ElRey D. Joaõ I. apertado pelos muitos gastos das guerras, fez lavrar as Livras de menor peso; e com tudo lhes deu a mesma valia, como tambem fizeraõ antigamente os Romanos, segundo Plinio no lugar referido; porque sendo a sua primeira Livra de doze onças de peso, e valor; depois pelas necessidades da Republica, as mandaraõ lavrar de duas onças de peso, e depois de huma onça sómente, mas todas com a valia de 12. onças. E assim ficou a Republica ganhando tanto dinheiro, que se desempenhou. O mesmo se conta delRey D. Henrique de Castella o Nobre no 4. livro da sua Historia cap. 10. Pelo que deste meio se quiz valer o nosso Rey D. Joaõ; porque valendo as Livras, como dissemos, 20. Reaes brancos dos primeiros, que fazem dos nossos 36. Reaes, estas segundas Livras, que mandou bater, naõ tinhaõ de verdadeiro peso mais que 25. reis, e 3. Seitis.

A estes dous generos de Livras cha-
maõ nas Escrituras do tempo delRey D.
Duarte para cá, antigas, à differença das
outras, que depois se lavraraõ de mui-
to menor valia. De maneira, que vie-
raõ a tanta diminuicaõ, que pelas pri-
meiras Livras antigas se mandaraõ pa-
gar 700. das Livrinhas pequenas até o an-
no de 1395. e deste anno por diante se
mandaraõ pagar por estas segundas Li-
vras antigas 500. Livras das pequenas.

§. XXXXI.

Das Livras de dez Soldos

P Ara se entenderem bem as especies
das Livras, de que tratamos, ave-
mos de presuppor, que assim como El-
Rey D. Duarte mandou pagar pelas duas
differenças de Livras mais notaveis, e an-
tigas a 700. Livrinhas por huma, a 500.
Livrinhas por outra; assim para entende-
rem bem, e evitarem embarços, reduzi-
raõ outras quaesquer especies de Livras a
este genero de Livrinhas.

Depois das Livras antigas já ditas se
lavrrou huma moeda, que chamàraõ *Livra*
de

de dez Soldos, a qual era de cobre, e tinha a decima parte da Livra maior, e mais grande de 700. E assim valiaõ dez Livras de dez Soldos 700. Livrinhas. Chamava-se de dez Soldos, porque quando se bateo, se lavraraõ huns Soldos, dez dos quaes faziaõ esta Livra. Prova-se isto por muitas Esçrituras antigas; e em particular pelo livro dos Anniverſarios velho da Sè de Evora, que começou no anno de 1442. em que està huma verba em 15. de Agosto, que diz: Neste dia fazem Anniverſarios por N. e saõ para este Anniverſario 50. Soldos antigos, e outo Livras de moeda de dez Soldos; e diz o Contador em baixo, como costuma, que por este Dinheiro recebe 1810. Livrinhas. Pela qual conta se mostra o que temos dito; porque os 50. Soldos antigos valiaõ a 25. Livrinhas cada hum, como diremos em seu lugar. E assim somavaõ 1250. Livrinhas; e as outo Livras de dez Soldos, contadas a 70. Livrinhas cada huma, vem a fazer 560. Livrinhas, que com as 1250. dos Soldos antigos já ditos, vem a somar as 1810. Livrinhas, que o Contador diz, que recebeo.

Resta averiguar quanto valia esta Li-
vri-

vrinha de dez Soldos a respeito da nossa moeda hora corrente, que facilmente se mostra da valia, que temos provado acima na Livra grande de 700. Porque se a Livra grande valia 36. reis; esta, que he a sua decima parte valeria a tres, e meio, e tres quintos de Real.

§. XXXXII.

Das outras Livras, que valiaõ dez Livrinhas sómente.

COnsta tambem por Escrituras antigas, que havia outras Livras, cada humã das quaes valia sómente dez Livrinhas das pequenas. O que se vê claramente do livro das contas dos Anniversarios da Sè de Evora, que servia no anno de 1464. na addição de 9. de Setembro, e assim ficavaõ valendo estas Livras, conforme a nossa moeda, cada humã meio real, e seis setimos de seutil.

Outra moeda havia de cobre chamada de tres Livras, e meia, porque valia tres Livras, e meia destes de dez Livrinhas, que agora dissemos. E assim valia esta moeda 35. Livrinhas das pequenas. Nesta moeda fallaõ muitas escrituras anti-

tigas ; e em praticular o livro das contas dos Anniverfarios do Cabido de Evora no lugar acima referido de 9. de Setembro de 1464. e outro em 17. de Dezembro , em que diz se davaõ para aquelle Anniverfario 80. Livras de tres Livras, e e meia; e diz o Contador abaixo, que recebeu por estas 80. Livras 2800. Livrinhas. Pelo que consta que valia cada huma destas 35. Livrinhas , como fica dito. E assim ficavaõ valendo da nossa moeda hum Real , e meio , e hum feitil , e quatro quintos de feitil.

As ultimas, e mais pequenas Livras, foraõ estas, a que chamamos Livrinhas. Estas foraõ taõ diminuidas , e de taõ pouco valor ; que como fica dito, mandou El-Rey D. Duarte, que se pagassem 700. dellas por huma das mais antigas até o anno de 1395. e 500. por cada huma das Livras antigas do dito anno por diante. O que cada huma destas Livrinhas valia a respeito do nosso Real , se pòde provar desta maneira. Setecentas destas valiaõ huma Livra antiga , que dissemos tinha 36. reis da nossa moeda , logo he necessario , que repartamos 36. reis por 700. partes, e o que vier a cada parte, if-

isso será o que valia cada Livrinha. Para esta repartição se fazer mais cômoda, faremos primeiramente cada Real dos 36. em 20. partes, que montaõ 720. partes. Estas partidas por 700. Livrinhas, vem a cada huma 20. partes de Real, e dous setentavos de 20. partes de Real. Esta he a valia, que tinhaõ, nem he de espantar haver moeda taõ muda, pois havia Mealhas, como adiante veremos, que valiaõ meio seitel: e assim hum Real valia doze Mealhas. E além disso pôde bem ser, que no peso fossem tamanhas como seitel, ou Mealhas, e a valia fosse esta sómente, ou o que mais he de crer, estas moedas modernas foraõ as que crescerãõ na valia, sendo de pequeno peso. Estas Livrinhas parece que já as naõ havia em tempo DelRey D. Duarte; porém para mór commodidade reduziaõ a ellas todas as contas, como hoje fazemos dos Reaes, naõ havendo já quasi nenhuns entre nós. E assim durou contar-se por ellas muitos annos adiante.

§. XXXXIII. *Dos Soldos.*

HAvia antigamente, antes do anno de 1395. outra moeda mais meuda, a que chamavaõ Soldos, 20. dos quaes valiaõ huma Livra antiga de 36. reis; o que se collige da dita Ordenaçãõ §. 1. em que se diz, que ElRey D. Duarte mandou pagar 20. Reaes brancos por esta Livra mais antiga, e mandou que cada Real branco valesse hum Soldo. Bem se infere logo que 20. Soldos, era huma Livra. O mesmo consta do livro primeiro das Sisas, em que ElRey diz, que lhe pagãraõ de Sisa dous Soldos por Livra. E na Addiçãõ DelRey D. Afonso V. se explica logo, que esta conta vem a ser a decima parte; por quanto huma Livra tinha vinte Soldos. Valia este Soldo da nossa moeda hum Real, e quatro feitijs, e quatro quintos de Seutil.

Tambem havemos de presuppor, que as outras Livras, que se foraõ lavrando, como foi a Livra antiga de 500. e a Livra de 10. Soldos, tiveraõ tambem seus Soldos ao mesmo respeito. E assim quando se lavrou a Livra de 500. se lavrãraõ os segun-

gundos Soldos, que tambem eraõ 20. por Livra. O que se prova por muitas Escri- turas antigas, particularmente da Sè de Evora do anno de 1442. e do de 1462. nos quaes se contaõ todas as Livras anti- gas a razaõ de 500. Livrinhas, e os Sol- dos a razaõ de 25. Livrinhas; e assim 20 delles fazem as 500. Livrinhas, e valiaõ estes Soldos da nossa moeda hum Real, e dous setimos de Real.

Este nome Soldo se tomou dos Latinos os quaes chamavaõ: *Solidum*, àquillo que era totalmente perfeito; e por isso deraõ este nome a certo genero de Moe- da, que tinha na valia aquillo, que ver- dadeiramente pesava. Esta Moeda correo por todo o Imperio, como as outras de Roma. E assim Santo Isidoro nas ethymo- logias mostra, que corria em Espanha no seu tempo. Em França ainda hoje ha Moeda deste nome, posto que de dife- rente metal, e peso; e deste principio nos devia de ficar o nome *Soldo*.

§. XXXIV. *Dos Dinheiros.*

O Nome, *Dinheiro*, se corrompeo de *Denarius*, Moeda Romana, a quem se deo este nome, por valer dez

As-

Affis. E ainda hoje em Espanha ha em Valença certa Moeda , que chamaõ *Dinheiro* , 23. dos quaes valem hum Real de prata Castelhana. Estes nossos de Portugal antigos valiaõ atè o tempo delRey D. Joaõ I. doze delles hum Soldo daquelles , que 20. faziaõ a Livra mais antiga , como consta da Chronica delRey D. Fernando cap. 55. Nem obsta o que diz a Ordenação já dita §. 17. em que affirma , que o Soldo valia dez Dinheiros , e 4. quintos de Dinheiro , porque a Ordenação falla pouco mais , ou menos ; e naõ avia que se fizesse Moeda miuda , que ao justo naõ viesse a montar o Soldo em 11. ou 12. ou 14. Pelo que se vê claramente , que mais aviaõ de ser os Dinheiros , que dez : e pela Chronica já dita consta que eraõ doze , e assim mesmo dos livros das contas dos Anniversarios do Cabido de Evora a 20. de Novembro de 1464. De modo que o justo preço deste Dinheiro era hum Seutil menos hum decimo.

Ouve outros Dinheiros , doze dos quaes valiaõ hum Soldo de 25. Livrinhas , como se prova pelas Escrituras antigas , e cada Dinheiro destes valia duas Livrinhas , e hum duodecimo de

Li-

Livrinha, e a ſim doze Dinheiros deſtes valiaõ hum Soldo de 25. Livrinhas, e na noſſa moeda valia eſte ſegundo Dinheiro meio Seitel, e hum quadrigelimo ſegundavo de Real.

Ouve outra moeda chamada Dinheiro Alphonſis, pela mandar bater ElRey D. Afonſo o IV. como ſe vê da Chronica delRey D. Fernando cap. 55. e refereſe no meſmo lugar; que ElRey D. Afonſo mandou, que nove deſtes Dinheiros vaeſſem hum Soldo, e 20. Soldos huma Livra das mais antigas de 36. Eſtes Dinheiros eraõ do melmo peſo, que os velhos, mas na valia lhe levavaõ os velhos ventagem, pois 9. delles mandou ElRey que vaeſſem hum Soldo; e dos velhos 12. valiaõ hum Soldo. Suppoſto iſto, podemos dizer, que eſtes Dinheiros Alphonſis ſe os conſiderarmos, ſegundo o peſo, valerãõ da noſſa Moeda hum Real menos hum Decimo; porẽm ſe os tomarmos ſegundo a valia que lhe ElRey deu, valerãõ da noſſa Moeda hum Real, e hum quinto de Real; porque todo o Soldo antigo, val, como fica dito, dez Seitis, e quatro quintos de Real, que ſãõ 54. quintos; os quaes repartidos por 9. vem a ca-

da hum feis quintos, que he hum Real, e hum quinto de Real, e tanto he a sua justa valia, confórme à nossa Moeda. Esta Moeda parece que não correo mais, que em tempo delRey D. Afonso IV. e que tornaraõ logo a valer doze destes Dinheiros hum Soldo; porque a este preço os mandou pagar ElRey D. Duarte até seu tempo.

Depois disto no anno de 1446, se bateraõ outros Reaes brancos àlem dos que temos dito, que bateo ElRey D. Duarte, os quaes ainda que tinhaõ a mesma valia, eraõ de menor peso, e quantidade de metal.

E no de 1453. se bateraõ outros Reaes brancos de menor peso, que os primeiros, e segundos, mas da mesma valia.

E finalmente no anno de 1462. se fizeraõ outros Reaes brancos, que tinhaõ a mesma valia, que os acima ditos, sendo de muito menor peso, que os primeiros, segundos, e terceiros. Desta diversidade de Reaes nasceraõ grande queixumes; porque as pessoas, que tinhaõ contratado antes do anno de 1446. diziaõ que se lhes não satisfaziaõ os Rea-

Reaes brancos; que lhes deviaõ por quaesquer outros Reaes brancos modernos dos segundos, ou terceiros, ou quartos; porque sempre se lhes ficava defraudando a divida. De maneira que se hum homem tinha aforado no anno de 1440. humas casas por 20. Reaes brancos, não queria aceitar no anno de 1463, 20, Reaes brancos dos ultimos; dizendo que quando elle aforara por 20. Reaes, eraõ outros, que pelavaõ mais. Querendo ElRey D. Afonso V, acudir a estas duvidas, ordenou em Evora no anno de 1473. que pelos primeiros Reaes brancos se pagassem a razão de 18. pretos que entã corriaõ, os quaes Pretos valiaõ tres quintos de Seitel; e assim vinha a ter cada Real destes brancos dez Seitis, e tres quartos de Seitel, como temos dito.

Pelos segundos Reaes brancos mandou ElRey pagar 14. dos ultimos, com que vinha a ter cada hum destes dous Reaes brancos, a valia de hum Real, e dous Seitis, e dous quintos de Seitel.

Pelos terceiros Reaes brancos mandou ElRey se pagassem doze pretos dos ultimos; e assim valia da nossa Moeda ca-

da hum delles hum Real, e hum Seutil ; e hum quinto de Seutil ; o que se achará multiplicando os tres quintos de Seutil que dizemos val cada preto , pelos doze pretos, que val cada Real, virão a montar 36. quintos, os quaes feitos em Seitis vem a fomar 7. Seitis, e hum quinto de Seutil, que he o que temos dito.

Pelos quartos, e ultimos Reaes brancos mandou ElRey pagar sómente dez pretos , que vem a montar seis Seitis, e assim tinhaõ a mesma valia , que hoje tem hum Real dos nossos ; porque multiplicando dez vezes tres quintos de Seutil, que valiaõ aquelles Pretos, são trinta quintos de Seutil , os quaes feitos em Seitis fazem seis Seitis ; que he o que val o nosso Real, que agora corre.

Passados alguns annos , mandou El-Rey D. Joaõ o II. lavrar outros Reaes de cobre sem liga alguma ; e assim perderão o nome de brancos , e se chamarão Reaes correntes ; e estes são os que ao presente correm neste Reino , que cada hum delles vale seis Seitis.

Com os segundos Reaes brancos se baterão tambem segundos pretos ; dez dos quaes

quaes valiaõ hum dos Reaes brancos segundos.

Prova-se isto , porque ElRey D. Afonso V. mandou pagar 18. pretos por hum Real branco primeiro , se durassem os primeiros pretos naõ se podia ordenar esta ley ; pois o seu primeiro preço foi valerem dez delles hum Real branco primeiro. Por esta razãõ se collige , que houve outros pretos de segundos , e terceiros Reaes brancos ; porẽm estes , conforme o que fica dito , naõ eraõ Reaes taõ bons , como os primeiros. E assim os dez pretos dos primeiros valeriaõ mais , que hum Real branco destes segundos , e terceiros ; e dez pretos destes quartos , e ultimos naõ chegavaõ à valia destes segundos, e terceiros Reaes brancos, e por isso mandou ElRey pagar estes Reaes a razãõ de 14. e 12. pretos destes ultimos. Logo de força havemos de dizer , que assim como se batiaõ novos Reaes brancos , se batiaõ logo novos pretos. Resta agora resolver que valia cada preto destes , conforme à nossa Moeda. Isto fica claro pelo que dissemos , que cada Real destes tinha. Os primeiros Reaes valiaõ dez Scitis , e quatro quintos de
Sei-

Seitil, os segundos Reaes brancos valiaõ 8. Seitis, e dous quintos de Seitil, por onde o seu preto valia quatro quintos de Seitil, e dous cincoentavos de Seitil, os terceiros Reaes brancos valiaõ 7. Seitis, e hum quinto de Seitil, por essa razaõ valia o seu preto tres quintos de Seitil, e seis cincoentavos de Seitil. Os quartos, e ultimos Reaes brancos valiaõ seis Seitis, pela qual razaõ valia o seu preto tres quintos de Seitil, como atraz dissemos.

§.XXXXV. *Das Mealhas.*

CONSTA do cap. 56. da Chronica d' ElRey D.Fernando, em que se falla de muitas Moedas, que dos Dinheiros ultimos, em que já temos fallado, se faziaõ as Mealhas, de modo que quem queria fazer Moeda mais pequena, que estes Dinheiros, partia hum Dinheiro pela ametade com humna thesoura, ou com qualquer outro instrumento, e ametade deste Dinheiro chamavaõ Mealha, ou Pogeja, e compravaõ com ella alguma couza meuda. E assim que Mealha naõ era Moeda cunhada per si, mas ametade do dito Dinheiro, e com tudo a dita Orde-

denaçaõ falla nella , dizendo que valia meio Seutil , o que he conforme temos dito , porque se hum Dinheiro daquelles valia Seutil , e a Mealha , que era ametade do Dinheiro , bem se infere, que teria ametade de hum Seutil , posto que a Ordenaçaõ falla , pouco mais , ou menos , por quanto o seu verdadeiro he dous quintos , e hum vigesimo de Seutil , que he ametade do que dissemos , que valia o dito Dinheiro.

§. XXXXVI.

D: outras Moedas Estrangeiras que corriaõ no Reyno conforme á Ordenaçaõ.

A Lèm das Moedas Portuguezas , que temos referido , diz a Ordenaçaõ velha , que tambem corriaõ outras , ainda que Estrangeiras , pela bondade de ouro , e peso , que tinhaõ , e nomêa , além das Mouriscas , que dissemos , as Dobras de Sevilha , as de Leaõ , ou Maravidis Leonezes , as Dobras da Banda , as de Dona Branca.

As Dobras de Sevilha se diziaõ Sevilhantes (33.) por ElRey D. Afonso o Sa-

(33) Chron. d' ElRey D. P. c. 11.

Sabio as mandar lavrar em Sevilha, nas quaes estava esculpido ElRey armado a cavallo com a espada na mão com humma letra à roda, que dizia: *Dominus mihi adjutor*, e da outra as Armas de Castella, e Leaõ; e à roda: *Alphonsus Dei gratia Rex Cas.* Esta pesava quasi tanto como a Dobra da Banda, segundo consta de humma, que tenho em meu poder.

As de Leaõ, ou Maravidis Leoneses pesaõ hoje 600. réis, como se vê de dous de ouro, que tenho, de humma parte com hum Leaõ esculpido, e as letras que dizem: *Petrus Dei gratia Rex Legionis*; e da outra hum Castello com as mesmas letras, e parece que ou pela esculptura, ou por serem batidos em Leaõ se chamaraõ Leoneses.

As Dobras da Banda eraõ Castellhanas, e chamavaõ-lhes assim, porque de humma parte tinhaõ as Armas Reaes de Castella, e Leaõ quarteadas em Cruz, e da outra hum Escudo com humma banda, que o atravessava do canto direito para o esquerdo, que foi a empresa d'ElRey D. Afonso Undecimo de Castella, chamado das Algeziras, como já dis-

dissemos nos Andradas, que trazem a mesma Banda por Armas. Esta Moeda valia então 120. réis brancos dos primeiros, que conforme à nossa Moeda, fazem 216. porém o ouro da Moeda, segundo o valor que tem o marco, pesa mais de 600. como se vê por experiencia em duas destas Dobras, que tenho em meu poder, huma, que se achou na Villa de Alhandra no anno de 621. e outra junto a S. Manços em huma herdade, que chamaõ a Mesquita, as quaes tem as insignias já ditas, e de huma parte diz: *Joannes Dei gratia Rex Castella*; e da banda do Elcudo: *Joannes Dei gratia Rex Legionis*.

As Dobras de Dona Branca se batiaõ em Sevilha, e se chamavaõ Dobras Cruzadas de Dona Branca, porém dizem se fizeraõ com o dote da Rainha Dona Branca de Borbon, que ElRey D. Pedro engeitou. Destas Dobras se faz menção no C. 11. da Chronica d'ElRey D. Pedro, e valiaõ tanto como as Dobras inteiras, e que o mesmo Rey D. Pedro mandou lavrar, que como dissemos, pesaõ 600. réis.

Ou-

Outras mandou bater o mesmo Rey, que pesavaõ ametade menos, como se vê de huma, que se achou em Evora, que eu tenho esculpida de huma parte com o rosto do mesmo Rey com Coroa sem barra, e da outra com hum Castello, as letras do primeiro circulo são: *Petrus Dei gratia Rex Legionis*; e da outra: *Petrus Dei gratia Rex Castellæ*.

DISCURSO V.

SOBRE AS UNIVERSIDADES de Espanha.

§. I.

R Efere-se na Sagrada Escripura; (1.) que era proverbio em Palestina. *Qui interrogant, interrogent in Abellà*, com que se dava a entender, que quem quisesse ter verdadeira sciencia, e conhecimento das cousas, a fosse aprender a Abellà, porque esta era a Cidade daquella Provincia, onde havia escholas publicas de todas as Artes.

O

(1) *Reg. 2. 20. 18.*

O mesmo podemos dizer das nossas Universidades de Espanha ; pois a ellas reconhecem todas as sciencias grande parte de suas perfeitas noticias , e nestas Academias se exercitaõ os engenhos Espanhões de tal maneira , que naõ fizeraõ no mundo menos famosos pelas letras , que pelas armas. Alguns Authores procuraraõ escrever destas Universidades particulares Tratados , entre os quaes foraõ mais largos o Licenciado Afonso Garcia Martá-Moros , cuja obra anda no segundo tomo da *Hispania Illustrata* , e o Padre Andre Escoto no principio da *Bibliotheca Hispana* , Estevaõ de Garibai no seu Compendio Historico lib. 16. cap. 10. e o Mestre Eugenio de Robles na vida do Arcebispo Cardeal D. Francisco Ximenes cap. 11. Porém occupados estes Authores com referir alguns Varoens doutos , que nas Universidades floreceraõ ; dellas quasi naõ dizem mais que os nomes , e ainda nestes faltaõ. Pelo que em graça dos estudiosos das boas letras apontarei neste Cathalogo as Universidades , que ha em cada Provincia de Espanha ; quem foraõ os Fundadores , quando começaraõ , que Faculdades nel-
las

las se ensinaõ, e os Authores, que de cada huma mais particularmente escreveraõ.

§. II.

Principio das sciencias na Lusitania.

E Lyfa Neto de Noè, que he o mesmo que Luso (porque o *Ypsilon* pronunciavaõ os Gregos por *V.*) foi o primeiro que povoou Espanha (2) dando principio à fundação de Lisboa, que d'elle tomou o nome *Elysea*, e os seus campos: *Elyseos*; e a Provincia *Lyssitania*, & *Lusitania*, como o provaõ Joaõ Goropio. Chamaraõ-se depois estes habitadores de Lisboa Turdolos, e multiplicando-se pelo tempo adiante, povoaraõ toda a terra de Andaluzia, onde retiveraõ o mesmo nome de Turdolos, e depois de Turdetanos; quasi Turdoletanos, ou Bolitanos, como os chama Apiano Alexandrino, ficando sempre aos de Lisboa o nome de Turdolos Veteres, ou antigos, por delles procederem os de mais. Por onde, conforme aos Antigos Geographos, não sómen-

(2) *Arte Grega do Bracense.*

mente se chamou Lusitania, e pertencia a esta Provincia toda a terra, que estava entre Douro, e Guadiana; mas do Oceano Septentrional, até o Mediterraneo de Valença: e por isso chama Estrabo (3) aos Lusitanos: *Gens amplissima*, suas palavras são: *Tagi verò regio ad Aquilonem spectans Lusitania est, inter Hispanos gens amplissima, & annis plurimis Romanorum armis oppugnata, hujus regionis latus Australe Tagus cingit; ab Occasu verò, & Septentrione Oceanus, ab Aurora Carpetani.* Da outra parte da Turdetania o confessa o mesmo Plinio, (4) affirmando que os Celticos de Espanha eraõ Colonias dos Celtiberos da Lusitania, como se vê destas palavras: *Quæ autem regio à Beti ad fluvium Anam tendit, extra prædicta, Beturia appellatur, in duas divisa partes, totidemque gentes, Celticos, qui Lusitaniam attingunt Hispanensis Conventus, Turdulos, qui Lusitaniam, & Tarraconensem accolunt, jura Cordubam petunt. Celticos à Celtiberis ex Lusitania advenisse, nanifestum*

(3) Estrab. lib. 3. (4) Plin. l. 3. c. 1.

tum est, sacris, linguis, oppidorum vocabulis. Quasi dizendo: A região, que se estende des de Betis ao Rio Guadiana, se chama Beturia, dividida em duas partes, e em outras tantas gentes, Celticos com a Lusitania do termo de Sevilha, e os Turdolos, que habitão a Lusitania, e a Tarraconense, e pedem sua justiça em Cordova. Causa certa he, terem vindo os Celticos dos Celtiberos da Lusitania; prova-se, pela religião, pela lingua, e pelos vocabulos dos povos. Isto mesmo confessa o doutissimo Rodrigo Caro (5) nas Antiguidades do Principado de Sevilha, dizendo: *Beturia por ventura tomò el nombre del rio Betis, llamose assi mismo Vetonia, y con nombre mas general Lusitania, en ella fue ilustrissima la ciudad de Mérida, que fue convento juridico, y tuvo jurisdicion, y finalmente fue cabeça de la Lusitania.* E Ortelio no seu Thesouro fallando de Olitingi, diz que estava na Lusitania entre as fozes de Gualdalquivir, e Guadiana: *Olitingi Hispaniæ oppidum Pomponio in Lusitania intra Betis ostia, &*
Anæ

(5) Rodrigo Caro l. 3. c. 68.

Anæ fluminum videtur. Destas authoridades se mostra claro, que os Lusitanos povoaraõ tambem toda a Turdetania; porê m que a Vetonia, como mais vizinha, reteve mais o nome de Lusitania; e assim na Vetonia ficou sendo cabeça da Lusitania Merida, e dentro da mesma Provincia Cordova, Italica, Hispalis, ou Sevilha. Os Principes que governaõ pôdem estender, e diminuir os limites das Provincias para mór commo- didade; mas nem por isso deixa de ser a gente a que era dantes.

Turdetanos, diz Estrabo, como logo veremos, que em seu tempo tinhaõ leys escritas em verso de seis mil annos; donde se vê, que os Lusitanos foraõ os primeiros professores das letras, que houve em Hespanha, e taõ antigos no exercicio dellas, que Santo Agostinho na Cidade de Deos (6) os poem entre os primeiros, que ensinaraõ no mundo, como refere Luiz Vives nos seus Commentarios. Estes Turdetanos foraõ sempre continuando com a doutrina, e crescendo nas sciencias de maneira, que ha-

(6) Cidade de Deos de S. Agost. l. 8. c. 9.

havia entre elles Universidades, e grandes volumes de antiguidades. Pelo que foraõ estimados pelos mais polidos povos de Espanha; como diz o mesmo Estrabo neste lugar: *Hi inter Hispaniæ populos (diz elle) sapientia putantur excellere, & literarum studiis utuntur, & memorandæ vetustatis volumina habent poemata, leges quoque versibus conscriptas è sex annorum millibus, ut aiunt.* Estes annos se haõ de entender de tres meses, segundo o antigo computo dos Esphanhoes, que referem (7) varios Authores; e assim vem a fazer estes seis mil annos, os que havia depois da povoação de Espanha, atè o tempo de Augusto, em que Estrabo escreveu.

Nestes estudos de Turdetania floreceo, e ensinou Asclypiades Merliano, que escreveu a Navegação, e naufragios de Olyses, de quem o mesmo Estrabo faz particular menção.

Ven-

(7) *Aldrete na lingua Castelhana l. 1. c. 22. f. 148. Plin. l. 7. c. 48. Macr. l. 1. Satur. c. 12.*

Vendo pois Sertorio nos Lusitanos este antigo amor das Sciencias, quiz usar d'elle para utilidade sua como excellente Politico, e sendo chamado pelos Lusitanos por seu Capitaõ, e Governador, lhes mandou vir novos Mestres das Artes, que entaõ se professavaõ: instituiu huma Universidade em Guesca Cidade de Aragaõ, onde foraõ logo estudar os filhos dos principaes Lusitanos, que lhe ficaraõ servindo de refens para senaõ poderem levantar contra elle, como conta, e nota particularmente Plutarco na sua vida; mas sendo depois morto, e senhoreando-se de tudo Metello, levou estes Lusitanos, como por trofeos a Roma, por serem excellentes Poetas, segundo refere Tullio, (8) ainda que diz delles, que eraõ *Pingue quiddam sonantibus*: porque parece naõ pronunciavaõ bem a lingua latina: e com tudo pouco depois foi Mestre da mesma Roma Antonio Juliano, de quem faz mençaõ Aulo Gelio, (9) e Quintiliano. E pois o nome de Lusitania alcançava

H

a

(8) *Pro Arch. Poet.* (9) *Gelius l. 1. c. 4; & l. 15. c. 15.*

a Cordova , como os Authores allegados confessaõ , bem podemos chamar nossos Lucano , Seneca , e Silio Italico , que tanto floreceraõ em tempo dos Romanos.

Aqui nesta Provincia dos Turdolos antigos se devia conservar mais a Sciencia , pois a tinhaõ taõ antiga , principalmente em Beja , e Santarèm , onde pelos tribunaes das Chancellarias , que os Romanos nellas instituiraõ , se deviaõ praticar mais as letras , como parece bem pelos Authores , que destes Conventos juridicos da Lusitania sahiraõ , ainda em tempo dos Godos , como de Santarèm Joaõ Abbade de Valclara , e Bispo de Girona ; e de Beja Isidoro , Apri-gio , Pacenses , e outros muitos , que no Cathalogo dos Authores Portuguezes sahiraõ á luz com grandissima honra de suas Patrias , e de toda Lusitania.

Depois dos Godos sobrevieraõ as inundações dos barbaros Arabes , que confundiraõ , e desfizeraõ as memorias de todas ; mas tornando com grande trabalho a restaurar o perdido , os Reys de Oviedo , e Leaõ , foi a Provincia de Portugal huma das primeiras , que conseguiu

a liberdade. Deu-se Portugal por ElRey D. Afonso VI. (que ganhou Toledo) em dote ao Conde D. Henrique com sua filha Dona Tharesa ; donde começou a clarissima successão dos nossos Reys Portugueses , de cuja virtude , e esforço tiveramos grandes memorias , se as continuas guerras dos primeiros D. Afonso , e D. Sancho na conquista do Reyno não tirassem o lugar à curiosidade , e dos outros dous , suas particulares discordias os não tiverão inquietos quasi todo o tempo , que reynaraõ , e por juntamente se prezarem mais naquelle tempo as armas , que as sciencias , temos delles taõ poucas memorias.

Porèm vindo o Infante D. Afonso Conde de Bolonha de França para governar este Reyno de Portugal em lugar de seu irmaõ , trouxe consigo alguma mais policia , com a pratica , que em França tivera , que entaõ era o mais florente Reyno de toda Europa , e assim mandou crear os Infantes seus filhos D. Diniz , e D. Afonso na boa disciplina de todas as Artes , em que sahirãõ taõ excellentes , que nenhuns Principes do seu tempo se lhe avantajaraõ , principal-

mente ElRey D. Diniz , o qual teve grande conhecimento das boas letras , em que pelo tempo adiante fez varias obras , e ferveo nelle tanto o dezejo de ver as Sciencias em Portugal , que foi o primeiro , que fez Universidade neste Reyno , para se lerem nella todas as disciplinas , e artes liberaes , da qual , e das outras de Espanha o Catalogo he o seguinte.

§. III.

Catalogo das Universidades de Espanha.
Universidades de Portugal.
Universidade de Coimbra.

A Universidade de Coimbra foi a primeira Universidade , que em Espanha foi creada com privilegios Apostolicos , a qual se instituhio à instancia de muitos Prelados do Reyno , que offerecerão para os salarios dos Mestres os rendimentos de algumas Igrejas , e ElRey D. Diniz em seu nome , e de todos fez supplica para sua creação em Roma anno 1288. e o Papa Nicoláo IV. passou as Bullas no anno 1290. que são 44. annos primeiro que o Papa Joáo XXII. passasse as Bullas para a de Salamanca.

Foi esta Universidade fundada em
Lis-

Lisboa por ElRey D. Diniz , e depois passada por elle a Coimbra , donde em tempo de seu filho D. Afonso IV. se tornou para Lisboa , e nella esteve muitos annos , e foi mui accrescentada por o Infante D. Henrique , Mestre de Christo , filho delRey D. Joaõ I. o qual lhe deu as suas casas , que agora chamaõ Escolas Geraes para Aulas das Sciencias : porém ElRey D. Joaõ III. a amplificou mais que todos , e a tornou a Coimbra , trazendo para Mestres os mais eminentes sojeitos , que entaõ havia em Europa. (*)

Lem-se nestas Universidades todas as faculdades. De Theologia ha seis Cadeiras , de Canones sete , de Leys oito , de Medicina seis , de Mathematica humana , outra de Musica , de Artes quatro Cursos ; de linguas , huma de Hebraico , outra de Grego , onze de Latim , e duas de

(*) *Esta Famosa Universidade foi reformada , e ampliada com Estatutos novos pelo Senhor Rey D. Jozé o I. de immortal memoria , enriquecendo os seus Vassallos com mais elevados Estudos , ensinando-lhes os melhores Methodos , e os mais condecetes Preliminares Principios.*

de ler, e escrever, e contar. A Filosofia, e linguas se ensinão no Collegio dos Padres da Companhia, e elles são os Lentes.

A Universidade se governa por hum Reytor, o qual preside aos Conselhos, que são quatro, hum de Conselheiros, outro de Deputados, o terceiro dos Conselheiros, e Deputados, que se chama Claustro; o quarto, que se chama Claustro pleno, consta de todos os Lentes, Conselheiros, e Deputados; e aqui se provem muitos prazos, e beneficios rendosos, todas as Condições Doutoracs do Reyno, algumas das quaes chegaõ a dous, e tres mil cruzados de renda.

Destá Universidade foraõ Mestres, e tem sahido doutiſſimos Varões, como entre outros na Theologia o Padre Francisco Soares da Companhia, o Padre Fr. Egido da Fonseca Religioso de Santo Agostinho.

Na Sagrada Escritura o Padre Fr. Hieronymo de Azambuja, chamado Olcastro, Fr. Heytor Pinto da Ordem de S. Hieronymo, Fr. Luiz de Sotto Mayor, o Padre Sebastião Barradas da Companhia,

nhia , cujos livros correm com grande applauso por toda Europa.

Nos Canones o Doutor Martim de Aspilcueta Navarro , e o Arcebispo Primas D. Rodrigo da Cunha , D. Sebastião Cesar de Meneses ; os D. D. Christovão João , Luiz Correa , Diogo de Brito , Francisco Vaz de Gouvea , João de Carvalho , o Bispo Ugentino Agostinho Barbosa , e outros. Nas leys o grande Pedro Barbosa , o Subtilissimo Manoel da Costa , Miguel de Cabedo , o Doutor Ayres Pinhel , Alvaro Vaz , Luiz Pereira , e outros.

Na Medicina o grande Thomaz Rodrigues , o Doutor Garcia d'Horta , e Christovão da Costa Escretores das Drogas do Oriente.

Na Filosofia o Padre Manoel de Goes , Author dos Cursos Conimbricenses , e o Padre Pedro da Fonseca clarissimo interprete de Aristoteles , e seu Commentador , e que foi Mestre na Filosofia , e Mathematica do Padre Christovão Clavio , que tanto tem illustrado com os seus numerosos , e excellentes escritos estas Sciencias , que aprendeo em Coimbra , lendo o Padre Pedro da Fonseca os Cursos. O

O numero de Authores , que em todas estas profissões escreverão , he tão grande , que só os que se poderaõ colligir com noticia particular , passaõ de 1500. como se verá do Catalogo dos Escritores Portuguezes , que està cada hora para sahir à luz. Mas não são menos de ponderar as acçoens estudiosas dos Oppositores ordinarios desta Universidade , os quaes não contentes com as liçoens de ponto , para que se daõ nas mais Universidades 24. horas , todos elles ostentaõ , que vem a ser lerem quasi de repente , não se detendo mais , que em quanto lhes mostraõ o ponto , e se vão subir à Cadeira : e outros por mostrar mais a flor de seus engenhos , repetiraõ , e leraõ o ponto em versos latinos , cousa não vista nunca em nenhuma Universidade do Mundo até aquelle tempo. Desta Universidade de Coimbra trataõ particularmente Pedro de Mariz nos Dialogos de Varia historia Dialog. 5. cap. 3. fol. 553. e Afonso Garcia Mata-Moros , no seu Tratado de Academiis , que anda na Hispania illustrada fol. 815. o Padre André Escoto na Bibliotheca Hispana tit. 1. cap. 2. fol. 28. Frey Hieronymo Roman

man na Republica Christã l. 5. cap. 21. fol. 299. o Doutor Francisco de Monção no seu Espelho de Principes l. 1. c. 36. fol. 85.

§. IV. *Universidade de Evora.*

A Universidade de Evora foi fundada pelo Cardeal, e Rey D. Henrique a 20. de Setembro de 1558. annos, como se vê no Anacephaleose 21. do Padre Antonio de Vasconcellos fol. 331. faz della menção o Padre Andre Escoto tom. 1. cap. 2. fol. 29. Lese nella Theologia, Philosophia, e Latinidade.

Da Theologia Escholastica hà tres liçoens, e huma da Escritura; duas da Theologia Moral; hà quatro Cadeiras de Cursos de Philosophia: ensina-se a Rhetorica, Humanidades, e lingua latina em outo Clases, e duas mais de ler, e escrever. Floreceraõ nesta Universidade grandes Theologos, Philosophos, e Humanistas: aqui ensinou muitos annos o Padre Molina, e compoz os seus livros de Justitia, o Padre Fernão Rebello sobre os contratos, o Padre Braz Viagas, que escreveu sobre o Apocalipse, o Padre Bento Fernandes, que escreveu

sobre o *Genesis*, o Padre Sebastião do Couto insigne Philosopho, e Author dos *Cómentarios da Logica*, o Padre Manoel Pimenta eruditíssimo nas letras sagradas, e humanas, e o Padre Francisco de Mendoça, cujos livros sobre os *Reys* são em toda a parte muito celebrados.

§. V.

Leão, e Cestella. *Salamanca*.

Os estudos de Palencia foram fundados (10) por ElRey D. Afonso de Leão; mas esta fundação foi só dar privilegios aos Mestres, que quisessem ensinar os Estudantes, no anno de 1200. O mesmo fez ElRey D. Fernando II. de Leão em Salamanca, de modo que nenhuma destas Universidades teve salarios, nem liçoens certas, senão voluntarias; e por isso se extinguirão de todo as liçoens de Palencia, e não se mudarão para Salamanca, como alguns querem dizer.

A segunda fundação de Salamanca foi feita por ElRey D. Afonso o Sabio

no

(10) *Garib. l. 5. c. 10.*

no anno de 1254. assignalando salarios para os Mestres ; porèm não teve Universidade por authoridade Apostolica até o anno de 1334. em que o Papa João XXII. deu sua authoridade ao Mestre Etchola para o governo da Universidade, e dar os grãos nas sciencias ; por onde de então para cá começou a antiguidade da Universidade. E por quanto a nossa Universidade de Coimbra foi instituida pelo Papa Nicolão IV. anno 1290. ficaõ sendo as Bullas de Salamanca mais modernas , que as de Coimbra 44. annos. Esta opiniaõ porèm da antiguidade da Universidade de Salamanca não he taõ certa, que senaõ diga della na Bibliotheca Hispana do Padre Andre Escoto (11) que antes do anno 1404. não hà cousa certa nesta materia , como se vê destas palavras : *Salmanticensis in Regno Castellæ , de cujus institutionis tempore parum constare affirmat Sabarellus Card. Clem. 1. de Magistris ; alij tamen anno Domini 1404. erectam asserunt.* Esta Universidade floreceo em maior numero de Estu-

(11) *Escoto Bibliot. Hispan. tom. 1. c. 2. fol. 30.*

tudantes , que nenhuma outra de Espanha , e póde ser que fóra della : porque chegaram a passar de 150000. e como eraõ tantos , foi necessario multiplicarem-se as liçoens , porque naõ havia Aula , em que coubessem todos os ouvintes de huma profissaõ ; e assim acrescentaraõ duas liçoens de Prima , e Vespera , e chegou o numero dos Lentes a 60. Os homens eminentes, que desta Universidade tem fahido , e Authores insignes , podemos dizer , que saõ sem numero por sua grande multidaõ ; o mais se pòde ver largamente na historia de Salamanca de Gil Gonçalves de Avila l. 2. c. 17.

§. VI. *Toledo.*

A Universidade de Toledo foi fundação do Mestre Eschola D. Francisco Alvares de Toledo (12) anno 1490. segundo o Padre Fr. Barnabè de Montalvo na Chronica de Cister 1. p. l. 5. c. 43. Rodrigo Mendez Sylva no seu livro da Povoação geral de Espanha l. 1. c. 6. diz que a fundação desta Universidade foi
fei-

(12) *Garib. sup. Robl. na vida do Arceb. Cisner. c. 1.*

feita no Collegio de Santa Catharina no anno 1485. e que se fez com authoridade do Summo Pontifice Innocencio VIII. e depois com Bullas de Leão X. e Paulo III. approvando tudo o Emperador Carlos V. o qual a ampliou, e no anno de 1520. lhe concedeo os privilegios da Universidade de Salamanca.

§. VII. *Siguença*

Fundou a Universidade de Siguença o Arcediago de Almazan D. Joaõ Lopes de Medina no Collegio de Santo Antonio de Porta cæli de Religiosos Hieronymos da mesma Cidade; e ainda que a dotação se fez no anno de 1471. acabou-se de ordenar o Collegio no anno de 1501. Lese aqui Theologia, e Philosophia, e se dão os mais grãos por privilegio. Trata desta Universidade o Padre Fr. Jozè de Siguença na historia de S. Hier. l. 3. c. 6. fol. 27.

§. VIII. *Alcalà de Henares.*

A Universidade de Alcalà de Henares foi fundação do Arcebispo de Toledo D. Francisco Ximenes anno de 1508. Lem-se nella todas as Scienci-

cias, e letras humanas, e as linguas Grega, e Hebraica, como refere largamente o Mestre Eugenio de Roble na vida do Arcebispo fundador cap. 16. p. 127.

O governo da Universidade está no Reytor do Collegio de Santo Illesonso, a quem o Arcebispo nomeou por Advogado della; pela devação, que tinha a este Santo, por haver sido Arcebispo de Toledo, e mui douto em todas as sciencias.

São as Cadeiras da Universidade 42. seis de Theologia, seis de Canones, quatro de Medicina, huma de Anatomia, outra de Cirurgia, outra de Artes, huma de Moral, outo de Mathematica, quatro de Grego, e Hebraico, quatro de Rhetorica, e seis de Grammatica latina.

He esta Universidade de Alcalà illustrissima, por muitas prerogativas; porque nella se compoz, e publicou primeiro a Biblia, que de seu nome se chama Complutense com os Textos das quatro linguas Hebraica, Syriaca, Grega, e Latina. Tem o Collegio trilingue com 36. Collegiaes, para que estudem

He-

Hebraico , Grego , e Latim. A Igreja da Villa tem o titulo de S. Justo , e Pastor , por estarem nella seus sagrados corpos , e he Collegiada de sete Dignidades , 30. Conegos , e 19. Beneficiados, que todos são providos , e graduados pela Universidade , as Dignidades , e Conelias em Doutores , e os Beneficios em Mestres em Artes ; fazem-se os provimentos nos Graduados assistentes, que se achão na Universidade a tempo das vacantes , entrando nas prebendas por suas antiguidades ; o que he occasião para se graduarem muitos , e residirem nella continuamente grande numero delles ; e sobre tudo para estar aquella Igreja ornada com tantos Varoens doutos.

§. IX. *Osma.*

O Bispo D. Pedro da Costa , sobrinho do nosso Cardeal D. Jorge da Costa , fundou a Universidade de Osma , e segundo parece de sua vida , que anda escrita por Fr. Bartholomeu Pontce , pag. 73. ordenou a Universidade no Collegio de Santa Catharina , que edificou na mesma Cidade , o anno não explica , mas sendo a entrada do Bispo

po de Osma pelos de 1539. e fallecendo no anno , de 1563. neste meio tempo devia ser a sua fundação, a qual refere o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha no Cat. dos Bispos do Porto p. 2. addição ao c. 34. fol. 449. A Universidade parece que goza de privilegios de poder dar grãos. Rodrigo Mendes Sylva na sua Poblacion general de España c. 15. diz que a fundação da Universidade foi no anno de 1550.

§. X. *Avila.*

NO Convento de Religiosos Dominicanos de Avila está instituida a Universidade por Bullas do Papa Gregorio XIII. anno 1576. Lese neste Collegio Theologia , e Artes; e pelo privilegio Apostolico se dão tambem grãos em ambos os Dereitos , e Medicina. O Convento foi fundado por Fr. Thomaz de Torquemada Inquisidor Mór de Castella , e com as esmolas do Fisco , que os Reys Catholicos applicaraõ. Trata desta Universidade o Bispo de Monopoli D. Fr. Joaõ Lopes na 3. p. da Historia de S. Domingos l. 3. c. 35. fol. 274.

§. XI.

§. XI. *Valhadolid.*

DA Universidade de Valhadolid faz menção o Licenciado Afonso Garcia Mata-Moros, (13.) mas não diz della mais que nomealla por Pinciana. O Licenciado Medina na Descripção de Espanha escreve della largamente, mas não diz o Fundador, nem o anno, em que foi fundada. Rodrigo Mendes Silva no livro, que intitulou Poblacion de España, diz que esta Universidade foi instituhida pelo Papa Clemente VI. á instancia de D. Affonso XII. Rey de Castella anno 1346. e ampliada no anno 1483. e 84. e 1505. mas não allega Author. Lem-se nesta Universidade todas as Faculdades, e tem o mesmo estylo no governo que a de Salamanca. O Collegio de S. Gregorio Dominicano na mesma Cidade floresce grandemente em letras: e nelle se pôdem tambem dar grãos por particular privilegio Apostolico, porque foi feito Universidade no anno de 1608. como se vê do Bispo de Monopoli 4. p. da Hist. de S. Domingos l. 3. c. 38.

I

§. XII.

§. XII. *Oropesa.*

NEsta Villa se diz no livro intitulado Poblacion de Espanha, que ha Universidade com outo Cadeiras, instituhida por D. Francisco de Toledo, Viso-Rey das Indias, e não aponta o anno, nem dà mais razão della.

§. XIII. *Andaluzia. Offuna.*

A Universidade de Offuna foi fundada pelo quarto Conde de Urenha D. Joaõ Telles Giron, no anno 1449. consiste em hum Collegio, onde se lem todas as Sciencias, e o Reytor delle o he da Universidade, da qual trata o Doutor Hieronymo Gudiel na historia dos Gyrones cap. 34. fol. 118.

§. XIV. *Sevilha.*

A Universidade de Sevilha se chama Collegio de Maestro Rodrigo, (14) cujo nome era Rodrigo Fernandes de Santa Ella Arcediago de Reyna, e Conego de Sevilha, que ordenou se lesse Theologia, e Canones; ao qual Collegio

(14) Robles na vida do Arceb. Cifner. c. 11.

gio se juntaraõ depois outras doações, com que se lem tambem Leys , e Medicina. Seu principio foi pelos annos de 1509. em que morreo o fundador , como se vê da historia de Sevilha de Alonfo Morgado l. 2. c. 7. fol. 45. No Collegio de Santo Thomaz dos Pregadores da mesma Cidade , que he fundação do Cardeal de Essa , se pôdem dar grãos , como os de Universidade, por particular privilegio, assim se refere na 4. p. da historia de S. Domingos do Bispo de Monopoli , l. 1. c. 43.

XV. *Granada.*

FOi fundação de Carlos V. anno 1531. ainda que não teve effeito , senão depois no anno de 537. Lem-se nella todas as Sciencias, e trata della D. Francisco Bermudes de Pedraça na Hist. Eccl. de Granada 4. p. c. 55.

§. XVI. *Baeça.*

NA Universidade de Baeça se lê Theologia , Filosofia , e letras humanas , ordenou-se anno 1564. della se trata na historia de Jaem cap. 20. foi seu Author o Doutor Rodrigo Lopes , e o

Veneravel Padre João de Avila a deu
à execuão.

§. XVII. *Murcia.*

Murcia tem dous Collegios, e em cada hum delles se lê Theologia, Filosofia, e letras humanas. O mais antigo he dos Dominicanos, que começou pelos annos de 1310. e ultimamente se reformou por Frey Fernando de Castilho Author da Historia Dominicana, como se vê da Historia de Murcia Discurs. 16. c. 1. fol. 268. vers. O segundo he da Companhia, ordenado por D. Estevão de Almeida Bispo de Carthagena Portugues anno 1563. Porém, nem hum, nem outro parece Universidade, senão Collegio particular, ainda que as liçoens são publicas, como se vê do mesmo Discurs. fol. 271. posto que o Padre André Escoto se persuade, que he Universidade, e por isso a referimos aqui.

§. XVIII. *Galiza. Compostella.*

DA Universidade de Compostella faz menção o Padre André Escoto na Biblioteca Hispana, não apontando mais que o nome. O Licenciado Molina

no livro das Grandezas de Galiza l.2.cap. 127. diz que ha nella todas as Sciencias , mas não refere o anno , em que se fundou , nem o Author della. Porém o Padre Frey Fernando de Oxea na Historia de Santiago , diz que D. Alonfo da Fonseca Arcebispo de Santiago fundou dous Collegios em Compostella , hum maior de doze Collegiaes , outro menor de outros doze , a quem dotou magnificamente , para que nelles se lessem todas as Faculdades , o que parece foi pelos annos 1462. até 1504. em que governou aquella Igreja , e ainda que elle imagina a este estudo maior antiguidade , por dizer o Bispo Pelagio no anno de 1073. que nasceria em Compostella , e nella aprendera Theologia , parece que se deve de entender do estudo particularmente dos Monges , e não de Universidade formada , como a instituhio o Arcebispo D. Affonso. Rodrigo Mendes da Sylva na sua Poblacion de España cap. 2. do Reyno de Galiza , diz que a Universidade começou no anno de 1532. em que havia muitos annos que D. Affonso da Fonseca não era Arcebispo ; mas poderseha fazer por sua ordem.

§. XIX. Biscaya. *Onhate.*

Foi fundada a Universidade de Onhate com o Collegio do Espirito Santo pelo Bispo de Avila D. Rodrigo de Mercado anno 1543. como refere o Padre Fr. Luis Ariz Monge Bento na Historia de Avila §. 15. fol. 54. Nesta Universidade parece não ha mais liçoens, que de Filosofia, e lingua Latina, como se collige do Licenciado Affonso Garcia Mata-Mouros no seu Tratado de Academiis, que anda no segundo Tomo da Hispania Illustrata, fol. 817. Nesta Universidade aprendeo Estevaõ de Garibay Author de 40. livros, que intitulo: Compendio historial de Espanha, que por conter toda a historia della he obra de muita estimaçaõ; por a qual todos os Reynos de Espanha devem muito a esta Universidade, della faz particular mençaõ este Author l. 16. c. 10. fol. 442.

§. XX. Asturias. *Oviedo.*

A Universidade de Oviedo foi fundada de D. Fernando de Valdés Arcebispo de Sevilha, Inquisidor Geral,

e Presidente de Castella , de que se faz menção na historia dos Arcebispos de Granada de D. Francisco Bermudes de Pedraza 4. p. c. 160. Rodrigo Mendes da Sylva na sua Poblacion general de España c. 9. do Reyno de Leaõ , diz que a fundação da Universidade foi no anno de 1580. e que se lem nella todas as Sciencias. Porém na vida do Bispo de Oviedo D. Fernando de Valdès , que anda no Theatro Ecclesiastico da Igreja de Oviedo se diz , que nesta Universidade se começou a ler no anno de 1608. e que tem 17. Cadeiras , 4. de Theologia , 3. de Artes , 5. de Canones , e 5. de Leys , com renda de hum conto , e sessenta , e outo mil reis ; e se apontaõ os primeiros Cathedraticos , que nella começaram a ler.

§. XXI. Aragaõ. *Huesca.*

A Universidade de Huesca foi fundada pelo Bispo da mesma Cidade D. Pedro III. do nome com privilegio d'El-Rey de Aragaõ , de estudo geral de todas as Sciencias anno 1354. como se refere no Catalogo dos Prelados de Aragaõ do Doutor Martim Carrilho , no
Ca-

Catalogo dos Bispos de Huesca fol. 318. onde se diz, que desta Universidade escreveu hum particular livro o Doutor Monter. Nesta Cidade fundou Sertorio a primeira Universidade, que houve em Espanha, como refere Plutarco na sua vida; mas os Mestres, que nella ensinavaõ, eraõ da lingua Grega, e Latina, como se vê do mesmo Plutarco, e o nota Aldrete lib. 1. da origem da lingua Castelhana cap. 20.

§. XXII. *Çaragoça.*

FOi fundada a Universidade de Çaragoça, por D. Pedro Ceruna Prior da Igreja de Çaragoça, e depois Bispo de Tarragona anno 1583. Lem-se nella todas as Sciencias, como consta da Historia de Nossa Senhora do Pilar de Çaragoça de Fr. Diogo Morillo tr. 2. c. 24.

§. XXIII. *Catalunha. Lerida.*

Fundou a Universidade de Lerida El Rey D. Jaime II. de Aragaõ pelos annos de 1300. com confirmação Apostolica; e prohibio, que não houvesse outra Universidade em seus Reynos, como

mo refere Hier. de Çurita lib. 5. dos Annaes de Aragaõ cap. 44.

§. XXIV. *Perpinhaõ.*

EM Perpinhaõ hà Universidade, em que se lem todas as Faculdades, ainda que nenhum Author dos referidos faz mençaõ della; só Rodrigo Mendes Sylva, diz que ElRey D. Pedro de Aragaõ a fundou anno de 1349. e assim naõ podemos saber mais della com certeza.

§. XXV. *Barcellona.*

A Camara de Barcellona, e o Sabio Concelho de Centro saõ fundadores, e padroeiros desta Universidade, e do erario publico pagaõ estipendios aos Lentes. Em tempo de Carlos V. se lançou a primeira pedra no edificio a 18. de Outubro de 1536. debaixo da invocação de Santa Cruz, e Santa Eulalia. Lem-se nella todas as Faculdades, e a lingua latina. ElRey D. Felippe II. de Castella a reformou com novos privilegios no anno de 1561. como refere Rodrigo Mendes Sylva na sua Poblacion de Hespanha, cap. 2. do Principado de Catalunha.

§. XXVI. *Tarragona.*

FOy fundação a Universidade de Tarragona do Cardeal Gaspar de Cervantes pelos annos de 1570. Lem-se nella todas as Faculdades, como refere Andrè Escoto na Bibliotheca Hispânia tom. 1. cap. 2. fol 38.

§. XXVII. *Gyrona.*

NO livro intitulado Poblaciones de España se diz, que nesta Cidade de Gyrona hã Universidade fundada por ElRey D. Fillippe o Prudente anno 1561.

§. XXVIII.

Reyno de Valença. *Valença*

A Universidade de Valença foi fundada pelo Magistrado da mesma Cidade, e confirmada com privilegio d'ElRey D. Fernando o Catholico, e do Papa Alexandre Sexto anno 1449. Lem-se nella todas as Faculdades. Desta Universidade trata o Licenciado Gaspar Escolano na 1. Decad. da Hist. de Valen. l. 5. c. 22. & Robl. na vid. do Arceb. Franc. de Siln. cap. 11.

§.

§. XXIX. *Luchente.*

O Mosteiro dos Padres Prègadores da Villa de Luchente està fundado no lugar, em que se disse a Missa, e donde se esconderaõ as formas Consagradas milagrosas, que se guardaõ com os Corporaes de Daroca. Foy fundado o Mosteiro no anno de 1423. E o Papa Xisto IV. à instancia de D. Nicolào de Proxita, filho do Fundador, fez a este Convento Universidade, donde se podessem graduar os Frades da Ordem, como refere o Bispo de Monopoli Cent. 5. da Historia de S. Domingos c. 24.

§. XXX. *Origuela.*

O Arcebispo de Valença D. Fernando de Loases fundou hum Collegio de Religiosos de S. Domingos, com mais de dez mil libras de renda, e alcançou privilegios dos Summos Pontifices para se poderem nelle graduar. Diz o Licenciado Gaspar Escolano na. 3. p. da Historia de Valença cap. 7. l. 6. que isto foi em seus dias, sem nomear anno, e como elle imprimio pelos de 611. feria poucos antes. Tambem o Bispo de Mo-

Monopoli na 3. p. da Historia de S. Domingos faz menção desta Universidade. l. 3. cap. 91. e diz que forão seus Estatutos tirados do Collegio de S. Gregorio de Valhadolid. O mesmo Author diz, que no anno de 1552. confirmou o Papa Julio III. tudo o que o Arcebispo tinha dado, e concertado com a Ordem sobre este Collegio, e concedeo aos que nelle estudassem, que podessem ser graduados nas Faculdades, que nelle aprendessem; porèm que o Papa Pio V. no anno de 1568. deu licença para que todas as pessoas, assim Ecclesiasticas, como seculares, ainda que estudassem em qualquer outra parte, podessem ser nelle graduadas em Artes, Medicina, e em ambos os Dereitos, e Theologia; e concede aos taes graduados os privilegios, que tem as Universidades de Salamanca, Valhadolid, e Lerida. Vivem neste Collegio mais de 100. Religiosos, dos quaes ao menos 60. haõ de ser do corpo da Vniversidade, Regentes, Leitores, e Estudantes, como tudo refere o Bispo de Monopoli na Historia de S. Domingos 5. p. l. 2. c. 25. Rodrigo Mendes Sylva na sua Poblacion de España, diz
que

que sua fundação foi anno 1555.

§. XXXI. *Gandia.*

FOi fundada a Universidade de Gandia pelo Santo Francisco de Borja, sendo Duque daquella Cidade, no anno de 1546. Lem-se nella Theologia, Philosophia, e Latinidade. Deraõ-lhe os Summos Pontifices, e o Emperador Carlos V. privilegios de Universidade para graduar nestas duas Sciencias, como refere particularmente o Padre Pedro de Ribadaneira na vida do Santo Francisco de Borja l. 11. c. 13.

§. XXXII. *Navarra. Hirache.*

A Universidade de Hirache está fundada no mesmo Mosteiro de Monges Bentos, intitulado Santa Maria a Real de Hirache, que he Abbadia celeberrima em Navarra. Lê-se nella Theologia, e Filosofia, e por privilegio se daõ nella os grãos em todas as Sciencias: O Padre Frey Antonio de Yepes escreve a historia deste Convento no 3. tomo da historia Geral de S. Bento cent. 4. anno Christi 815. cap. 1. e ainda que refere largamente o dito privilegio fol.

338. com tudo não diz o anno , em que se lhe concedeo , nem por quem foi concedido , mas em commum diz, que o privilegio he dos Summos Pontífices , e Reys.

§. XXXIII. *Estella.*

NO livro das Povoações de Espanha se diz , que nesta Cidade ha Universidade em hum Collegio fundado anno de 1565. por D. Alonso de Cordova , e Vallasco , Conde de Alcaudete, e Viso-Rey de Navarra.

§. XXXIV. *Pamplona.*

NO dito livro intitulado Poblaciones de Espanha , no titulo desta Cidade se diz , que tem Universidade instituhida anno 1608. e não dá mais razão dèlla.

Do que està dito consta , que as letras em Espanha tiveraõ seu principio nos Lusitanos , e que se as outras Provincias de Europa levaraõ ventagem à nossa Espanha em fundarem primeiro Universidades , por estarem os Espanhoes occupados com as guerras domesticas dos Mouros , nem por isso se tem mostrado

os Espanhoes menos amadores da Sabedoria ; pois em taõ poucos annos tem ornado a toda Espanha com maior numero de Universidades , e mais celebres , que nenhuma outra Provincia.

DISCURSO VI.

SOBRE A PROPAGACAM do Evangelho nas Provincias de Guinë.

§. I.

Das condiçoens , com que os Summos Pontifices deraõ aos Reys de Portugal o Senhorio de Guinë.

SEndo a prègação do Evangelho na Provincia de Guinë , a primeira que os Portugueses fizeraõ , e a mais vizinha a este Reyno , he muito para sentir ser esta a que tem dado menor fruito. Pelo que me pareceo necessario apontar as causas , que impediraõ naõ se reduzir esta obra à sua perfeiçaõ , para que remediados os impedimentos produza a seara Evangelica nestas regioens os grandes augmentos , que se della pòdem esperar ; pois este he o intento , com que os Reys Portugueses emprenderaõ as suas

Con-

Conquistas , e consentem que seus naturaes se desterrem da propria Patria , e occupem suas forças em habitar , e cultivar as alheyas.

O Senhorio , que os Reys de Portugal tem em Guiné , em que se incluem os Estados do Caboverde , Mina , S. Thomè , Angolla , e parte de Congo , foi primeiramente concedido (15) aos Reys de Portugal por hum Bulla do Papa Martinho V. e depois por outras de Eugenio IV. Nicolào V. Xisto IV. e Leaõ X. nas quaes dizem os Summos Pontifices , que dão o dominio daquellas terras a esta Coroa com condicão , que os Reys della provejaõ de Sacerdotes , e Ministros do Evangelho , que bautizem , e enffinem nossa Santa Fè aos naturaes da terra , encarregando-lhes sobre isso suas consciencias , como se vê do theor de todas ellas , e por o mesmo respeito deraõ tambem aos Reys o Padroado de todas as Igrejas daquellas Provincias , e os dizimos dellas applicáraõ á Commenda Mestral da Ordem de Christo , para mais largamente acudirerem os Reys a estas despezas ; o que por ser notorio , e largo

(15) P. Joaõ de Lucena na vida de S. Francisco Xavier l. 2. c. 10.

de referir, senão aponta com as mesmas palavras das Bullas Apostolicas.

Forão os Reys deste Reino tão pios, e zelosos da honra de Deos, que o principal intento, com queprehenderão estas conquistas, foi a propegação da Fè Catholica, e conversão daquella Gentilidade: e acrescentando-se de novo a este seu desejo a obrigação de que se encarregaraõ aos Summos Pontífices acima referidos, procuraraõ com muito cuidado defencarregar-se desta promessa; e por isso erigiraõ Igrejas Cathedraes na Ilha de Santiago, de Cabo-Verde, e na Ilha de S. Thomè, e na Cidade do Salvador de Congo, e em outras partes levantaraõ Igrejas, e poseraõ Vigarios para administrar os Sacramentos, e ensinar a Doutrina Christãa; e mandaraõ muitas vezes Religiosos àquellas partes, particularmente ao Reyno do Congo a fazer esta conversão, e para haver maior copia de Ministros, fez ElRey D. João III. o Collegio da Companhia de Coimbra, e ElRey D. Henrique a Universidade de Evora, donde sahiraõ, e saem muitos Religiosos, e Varoens doutos nas Letras Sagradas, que empre-

K

gaõ

gaõ as vidas nesta gloriosa empresa. O primeiro lugar, que os Portuguezes povoaraõ na Costa de Guiné, foi a Mina no anno de 1482. nelle se fez a primeira prégação, como o dà a entender Joaõ de Barros Dec. 1. l. 3. c. 2. e com haver mais de 150. annos ao tempo que se perdeo, não havia mais naturaes Christãos, que os de tres, ou quatro Aldêas junto das fortalezas de S. Jorge, e Axem, sendo o districto deste governo taõ grande, que passa de 200. legoas.

A segunda prégação se fez em Congo, (16.) e começou no anno de 1491. em que ElRey D. Joaõ II. mandou os Religiosos de S. Francisco, que Bautizaraõ os Reys e principaes Senhores daquelle Reyno: e por estes Religiosos morrerem em poucos annos, enviou depois ElRey D. Manoel à mesma empresa doze Padres dos Azues, a que neste Reyno chamaõ de S. Joaõ Evangelista. E ElRey D. Joaõ III. quatro Sacerdotes da Companhia, que huns, e outros acabaraõ em breves dias nesta empresa; a qual continuaraõ depois os Bispos,

(16) *Joaõ de Barr. Dec. 10. l. 3. c. 9. & 10.*

pos , Conegos , e Clerigos , que o mesmo Rey D. João III. mandou , fazendo huma Igreja Cathedral na Cidade do Salvador. Porém de todas estas pregações se tirou pouco fruto , ainda que foraõ feitas com grande zelo da salvação das almas, e concorrendo Deos nellas com obras maravilhosas , e sem haver resistencia nos naturaes da terra para receber o Bautismo ; porque como a Provincia he muito grande ; e os Ministros muito poucos , a maior parte dos naturaes do Reyno não tem mais que o nome de Christãos , e os mais delles nunca viraõ Sacerdote : e tirando o Bautismo , e os nomes , que dos Santos tomaraõ , nos ritos , nos costumes , e na doutrina , saõ como de antes , quando eraõ Pagãos. E assim nascem sem haver Sacerdote , que ensine os filhos , nem quem encaminhe os pays , nem quem leve por diante a obra de Deos naquella terra. De modo que sendo esta hum das grandes Christandades , de que se podera colher copioso fruto , está toda bravã , por falta de quem a cultive , sem valer a seus Principes pedir por tantas rezes ao Papa , e a Sua

Magestade o remedio deste mal.

A Ilha de S. Thomè se povoou no anno de 1493. (17.) que ha 159. annos; e em todo este tempo se doutrinaraõ sómente os Negros Cativos dos moradores da Ilha; e na terra Firme, só em Oere, porto onde residem Portugueies, ha alguns Christãos da terra.

Em Angolla des do anno de 1575. em que começou a conquista, atègora tudo foraõ guerras, (18.) e da conversão dos naturaes se tratou pouco, ainda que tem em Loanda hum Collegio da Companhia, e outro Convento dos Padres Terceiros; porque o Evangelho de Christo he de paz, e não se ha de pregar com as armas nas mãos. E assim tirando os Negros de Loanda, e Massangano, não ha na terra outros Christãos, sennão os escravos, que saem daquelle porto de resgate para Europa, e Novo mundo; aos quaes bautizaõ, sem os cathequizarem, de maneira, que morrem nas mesmas embarcaçoens como bru-

(17) *Chron. d'El Rey D. João II. c. 178.*

(18) *Relações de Botero p. 3. t. Angolla.*

brutos. Os outros moradores daquella grande Provincia, assim estão como quando nella entramos, antes escandalizados de nossas armas, que edificados da nossa doutrina.

O Cabo-Verde, e suas Ilhas se descobrião no anno de 1440. (19.) que ha mais de 200. annos ; e a conversão, que se fez em todo este tempo, foi sómente nos escravos das Ilhas de Santiago, e do fogo, onde estão as nossas povoaçoens, e na terra firme nos portos do Rio de S. Domingos, Guinalla, Biguba, Rio das Pedras, Bissao, Cacheo, e Joala, em que os nossos Portuguezes residem. Fazem do mesmo modo bautizar os Negros, que compraõ, ou de que se servem, e nunca se prègou o Evangelho geralmente a nenhuma daquellas Provincias, até que no anno de 1605. por ordem do Conselho de Portugal se mandaraõ àquellas partes alguns Religiosos da Companhia, de que foi por Superior o Padre Balthesar Barreira Varaõ Apostolico, que nellas fez grande

(19) *Relaçãõ do Padre Guerreiro do anno de 1605.*

de fructo , convertendo alguns Reys da Serra Leoa , e d'outros districtos com muitos dos seus principaes ; porèm morrendo-lhe logo os seus companheiros , e elle pouco depois , ficáraõ outra vez os novamente convertidos desamparados de todo o soccorro espirital , para continuarem no conhecimento de Deos , e aproveitamento de suas almas.

§. II.

Das causas porque em tantos annos se tem feito tão pouco fructo na conversão dos povos de Guiné.

DO que esta dito se tem visto bastante o zelo , com que continuaraõ os Reys deste Reyno na conversão dos povos de Guiné , e o pouco fructo , que deste trabalho se tem colhido ; as razoes , que para isso ha , saõ tres , a primeira nasce dos Ministros Ecclesiasticos , a segunda dos Portuguezes , que trataõ naquellas partes , e a terceira da malignidade dos clymas daquella terra.

Os Ecclesiasticos , que ali vaõ ter , ou saõ Bispos , ou Religiosos , ou Cleri-

rigos: dos Bispos, ainda que houve alguns zelosos do bem de suas ovelhas; com tudo os mais delles as desampararam, vindo-se dos seus Bispados pouco tempo depois de lá chegarem: de maneira que os mais delles vieraõ, e morreraõ neste Reyno, e naõ nas suas Igrejas; e ainda houve alguns que depois de as aceitarem, foi necessario usar com elles do rigor de justiça, para os fazerem embarcar para hirem residir nelas (que com taõ pouco animo de residir aceitaõ às vezes estas Prelazias) a causa disto he por a terra pela maior parte ser muito doentia, habitada de Negros barbaros, e sem policia alguma de modo que naõ querem viver nella, se naõ aquelles, que pertendem tirar disso, ou grande interesse para a alma, ou para o corpo. Os Religiosos, que foraõ àquellas partes, eraõ poucos, e como naõ tiveraõ successores (porque as suas Religioens naõ aceitaraõ a empreza) acabaraõ em breve tempo, depois de gastarem a mór parte delle em aprender a lingua dos naturaes: e assim ha muitos annos, que tirando-os das duas casas

fas de Loanda, senão vem naquellas terras Religiosos, senão hacaço, e mais a buscar remedio temporal para seu bem proprio, que não o espirital da gente della. Por tanto os Ecclesiasticos, que mais continuão nestas Provincias, são Clerigos; destes recebem os naturaes pouca doutrina, porque muitos delles são degradados deste Reyno; ou quando não, são os que não podem ter cá outro remedio de vida. De modo que sendo estes os que lhes haõ de dar exemplo, e doutrina, são impedimento para a salvação dos naturaes; porque alguns delles com seus costumes escandalizaõ aquelles povos, que com sua virtude, e doutrina houveraõ edificar, e converter. E assim diz destes o Padre Balthesar Barreira, (20.) que só se occupaõ em comprar, e vender, e que nunca dizem Missa, nem fazem officio algum de Sacerdote, tendo o intento principal em se tornarem logo para o Reyno, como se vèm ricos, ou como algum remedio para o fazerem.

A segunda causa da conversão não
ir

(20) *Padre Guerreiro nas Relações de 605, 606. 607.*

ir avante he o mào exemplo , que de ordinario daõ os nossos Portuguezes (21.) naquellas partes ; porque ainda que nel- las vivem alguns bons Christãos , e ze- losos do serviço de Deos , com tudo os mais dos que nelles moraõ , saõ degra- dados do Reyno por delitos graves ; e os que andaõ no cõmercio , ou saõ tra- tantes , ou soldados , gente pela maior parte cativa do interesse , a quem respei- taõ mais que a tudo. E assim muitas vezes estes saõ os que sem temor de Deos fazem naquellas partes grandes en- ganos , roubos , e extorsoens , por cati- varem os naturaes contra justiça , e sa- tisfazerem a sua cobiça. Pelo que naõ he muito que seja este roim exemplo dos Christãos impedimento para se os naturaes converterem. Assim procedem muitas vezes os nossos misturados entre aquelles Gentios , passando muitos an- nos sem Missa , sem Sacramentos , sem ouvir a palavra de Deos , e pòde ser que sem se lembrar delle.

A terceira causa he a malignidade do clyma de muitas daquellas Provin- cias ;

(21.) O mesmo Padre no lugar citado

cias, que por serem de ares pestilenciaes, em breves dias consome, e mata a mais da gente, que deste Reyno lá vai ter, e os que escapaõ, depois de os apalpar a terra, andaõ sempre com cores de homens mortos, atè que pouco a pouco os acaba de matar de todo aquelle Anjo percuciente, porque como diz o nosso Joaõ de Barros (22.) poz alli Deos por seu occulto juizo com huma espada na maõ de mortaes febres, com que nos impede aquella habitaçaõ. Por tanto os mais dos Religiosos, e Bispos, que àquellas partes passaraõ, duraraõ muito pouco tempo, principalmente os que quiserãõ tomar mais trabalho abrazando-se com febres, ou exhalando-se-lhes os espiritos pelos poros abertos com a grande inflamaçaõ do calor, de maneira que o Bispo de Cabo-Verde D. Joaõ Parvi espirou estando chrisinando, afrontado com o trabalho da muita gente; e D. Fr. Sebastiaõ da Assumpçaõ por fazer hum Pontifical, e prègar juntamente, acabou ao outro dia a vida.

Fal-

Faltando pois aos naturaes a presença dos Bispos, e o exemplo dos Sacerdotes, e escandalizando-os algumas vezes o trato ordinarios dos seculares, e matando a terra os Prègadores, que haviaõ de dar soccorro a estes males, não he muito que se frutificasse tão pouco esta sementeira, porque como diz o mesmo Senhor no Evangelho: pouco importa semear, se a semente cae no caminho, e he pisada dos que passaõ, ou comida das aves, sem haver quem a guarde, ou he affogada das espinhas, faltando quem a mande. E S. Paulo confessa, que sua prègação em Corintho fora sem fructo, se Appollo seu discipulo a não regara: pelo que carecendo esta Sementeira da cultivação necessaria, não he de espantar, se fizesse bravia, e de trigo tenha degenerado em fizia.

§. III.

De como se pôdem remediar todas estas tres causas havendo Seminarios destas Naçoens.

TOd as estas tres causas acima referidas da falta dos Sacerdotes, escandalo dos tratantes, e enfermidades da terra, se pôdem remediar facilmente com hum só meio, oqual he ordenar Sua Magestade, que haja Seminarios nos lugares, que parecer mais convenientes, como Loanda, e Cacheu, que he na terra firme do districto de Cabo-Verde, em que se crie certo numero de moços de cada huma destas Provincias, onde estão os nossos governos, os quaes moços aprendaõ, e sejaõ ensinados nos meismos Seminarios em bons costumes, e virtudes por alguns Religiosos, que só por serviço de Deos se entreguem deste cuidado, e espirital empreza; de maneira que quando os Seminaristas tornarem para suas Patrias, possaõ fazer o officio de Prégadores, e succedendo huns aos outros, continuem na cultivacão espirital daquellas Provincias, atè as converter
de

de todo. Este remedio he taõ notorio, e a obrigaçaõ taõ precisa, que já se mandou fazer hum Seminario na Ilha de Santiago do Cabo-Verde, mas como naõ se lhe applicou governo conveniente, ficou quasi como se o naõ houvesse. Por onde se vê que estas cousas fóra da Barra naõ pòdem ter effeito, senaõ forem administradas por huma Religiaõ, que nunca morre, como se vê no Seminario de Goa. Todos os inconvenientes apontados se remedeiaõ com estes Seminarios. Primeiramente evitar-se-haõ com os Sacerdotes deste Seminario as faltas, que dissemos nos nossos Ministros Ecclesiasticos, porque os do Seminario seraõ mais em numero para poderem discorrer por todas as povoaçoens de suas Provincias, e seraõ tambem de bons costumes, pois os levaõ da creação do recolhimento, e boa doutrina. Poderaõ os do Seminario muito melhor fazer o officio de Prègadores, porque escusaõ interpretes na doutrina, e prègaçaõ, que he hum dos grandes impedimentos, que os nossos Clerigos tem para ensinar; porque gastaõ muito tempo em saber a lingua, e ainda quando a alcançaõ, nunca a pòdem
tam

tambem saber como os naturaes. Serão os Sacerdotes de maior effeito na prégação, porque como naturaes da terra, hão de permanecer sempre nella, e não virse logo como fazem os nossos; e com o natural amor, que tem aos de sua nação, se moverão com natural zelo aos ensinar, e elles os ouvirão com muito melhor vontade; por verem que os que lhes prégaõ, e daõ exemplo, são de sua mesma patria, e gente, e que não hã nelles outro interesse.

Não se remediará menos com estes Sacerdotes do Seminario a segunda causa, que apontamos do máo exemplo de alguns nossos naquellas partes; porque vendo os mesmos Portuguezes a virtude que resplandece nestes de novo convertidos; confundirse-hão considerando a vantagem, que lhes levaõ nos costumes, sendo os nossos os que lhes ensinaraõ a Fè. E quando todavia succeder algum escandalo, os do Seminario tirarão a opiniaõ aos naturaes da terra de serem todos os nossos semelhantes na vida, dizendo-lhes da grande Christandade deste Reyno, e que por huns se não hão de julgar todos os outros.

Fi-

Finalmente fazendo-se os Seminarios, se evitarão com isso as doenças, e mortes, que padecem os nossos, que vão prègar a Guinè; porque como estes moços sejaõ naturaes da terra, seguramente podem andar, e viver nella. Por estas razoes se fez em Goa o Seminario da Santa Fé, em que se criaõ os sojeitos de todas as naçoens Orientaes. E neste Reyno o vimos por experiencia no mesmo Guinè; porque em se descobrindo o Reyno de Congo; mandou ElRey D. Joaõ II. doutrinar logo alguns moços nobres; porque depois de ensinados na Fè, tornassem a prègar a seus naturaes. E o mesmo fez ElRey D. Manoel aos filhos, netos, e sobrinhos d'ElRey D. Afonso de Congo, e outros moços nobres, os quaes aprenderaõ, naõ sómente as nossas letras, mas ainda as latinas, e sagradas; de maneira que delles sahiraõ muitos Sacerdotes, e prègadores; e dous Bispos, que exercitando seu Officio, serviraõ a Deos com grande aproveitamento espirital daquelle Reyno, como testifica Joaõ de Barros Dec. 1. l. 3. c. 10. Pelo que naõ hà duvida, que aprendendo estes sojeitos,

tos, farão agora os mesmos effeitos, principalmente se os Governadores, Bispos, ou Religiosos, a quem Sua Magestade cõmetter a escolha dos sojeitos, que hão de vir para o Seminario, fizerem boa diligencia em escolherem os de engenho mais vivo, e melhor inclinação: e posto que em alguns não haja tão bom successo (como acontece em todos os Seminarios, e Collegios de qualquer nação que sejaõ) isso não tira, que de ordinario nos mais se acerte, principalmente sendo todos estes povos de Guiné muito differentes do novo mundo, e mui doces, e capazes para toda a doutrina, como o experimentaraõ já por vezes os que ensinaraõ os de Congo, e Cabo-Verde, e o confessaõ de todos os Olandeses nas suas navegações Orientaes p. 6. cap.9. dizendo: *Viri omnes habent proprietates, quibus virum cordatum, circumspectum, & prudentem ornatum esse convenit, ingenio sunt, & intellectu optimo, & facilè quod vel semel saltem viderunt, apprehendentes imitari, & æmulari non infeliciter conantur, &c.* E de hum delles conta o Author Gotardo que lia, e escrevia na lingua Portugue

guesa , e que foi argumentar com os Olandezes , para lhes confutar suas heresias , allegando muitas authoridades do Evangelho , e livros Apostolicos ; como refere p. 6. c. 21. nestas palavras : *Quin, & unus inventus est , qui linguam Lusitanicam legere , & scribere perfecte potuit, inque sacris literis adeo versatus fuit, ut de religione cum Batavis conferre, & si quid contrarium proferentis , ipse refutationem ejus ex Evangelistarum , & Apostolorum scriptis suscipere non dubitaret ; unde videre est , ingenium quidem eis non deesse , quo ad veritatis agnitionem pertingerent, modo haberent aliquem à quo in capitibus pietatis , & religionis Christianæ principiis recte erudirentur. Quo magis etiam optandum , ut talia Deus ipsis media largiatur , quæ ad propagationem verbi sui , & salutem ipsorum facere , & prodesse possint.*

§. IV.

*Do proveito temporal , que resultará à
Coroa de Portugal de se fazerem es-
tes Seminarios.*

NOtorio he a quem tem noticia das
couças deste Reyno , que a contra-
taçãõ, e direitos da Costa de Guiné fo-
raõ por muitos annos a principal renda
da Coroa de Portugal , e a com que ella
se enriqueceo , e lhe deu cabedal para
poder fazer as conquistas do Oriente , e
novo mundo , pelo muito que importa-
vaõ os direitos de Cabo Verde , e rios
de Guiné , Mina , S. Thomè , e Angol-
la , como se pòde ver dos Contratos ,
em que muitas vezes andaraõ arrenda-
das. Estas rendas , nas quaes os rendei-
ros ganhavaõ ainda muito , e eraõ taõ
certas , que diz Joaõ de Barros (23) della
estas palavras : *Quanto ao acrescenda-
mento do patrimonio Real , eu naõ sey
neste Reyno jugada , portagem , dizima ,
siza , ou algum outro direito Real mais
certo , nem que regularmente cada anno*
af-

(23) Dec. 1. l. 3. c. 11.

assim responda , sem rendeiros allegarem esterilidades , ou perdas , do que he o rendimento de cōmercio de Guinë ; porque dà ouro , marfim , cera , courama , assucar , pimenta , malagueta , e daria mais cousas , se tanto quisessemos della descobrir , como descobrimos , além dos povos Japões , que passam acerca de nós por Antipodas.

Porém he muito para sentir, (24) que este tão grande rendimento da Coroa Real esteja quasi de todo acabado de alguns annos a esta parte. A causa são os Olandezes , e naçoens do Norte , que navegando àquellas partes em suas nãos , levaõ là as mercadorias , que nós levavamos em muito maior abundancia : e naõ contentes com isto , roubaõ todas as nossas embarcaçoens , que por aquellas Costas andaõ de maneira que estaõ hoje quasi senhores daquelle commercio , e tiraõ delle tanto proveito , que se julga por homens praticos lhe vem a importar o trato perto de dous milhoens : e esta foi a fonte das riquezas , que hoje possuem os Olandezes. Para remedio

L ii

del-

(24) P. Guerr. Rel. de 605. l. 3. c. 9.

deste mal se tem applicado alguns meios , mas nenhum delles foi de effeito ; porque como aquellas Provincias são tão distantes , e tenha cada huma tantos centos de legoas de Costa he impossivel defenderem-se-lhe todos os portos com armadas nossas , nem com fortalezas ; e assim sennão acabarmos com os mesmos naturaes da terra , que os não queiraõ receber em seus portos , nem commerciar com elles , não poderemos ser restituídos a nosso antigo Senhorio.

Para se isto alcançar daquella gente , parece que não póde haver outro meio mais poderoso , e facil , que o dos Seminarios , que dizemos ; porque com elles se alcançaõ dous importantissimos effeitos. O primeiro he segurarmos em nossa amizade os Regulos confederados ; porque tendo estes entre nós seus filhos , e parentes , quasi como em refens , não poderão declarar-se em favor dos Olandezes em publico , nem em secreto. O segundo he a universal benevolencia , que adquiriremos com aquelles Principes , e Povos de Guiné , os quaes vendo o grande beneficio , que se faz a seus filhos , e parentes em os mandar

dar sua Magestade ensinar, e doutrinar à sua custa, honrando-os, e engrandecendo-os com a dignidade Sacerdotal, admittindo-os aos Beneficios, Conesias, e Dignidades de suas Igrejas, forçosamente haõ de ficar obrigados a taõ grande mercê, e unidos com nosco em paz, e amizade, e feitos inimigos de nossos contrarios, principalmente depois que os Seminaristas seus naturaes lhes começarem a prègar, e persuadir, que se apartem de sua communicaçãõ. Disto temos já visto hum grande exemplo (25) em ElRey D. Philippe da Serra Leoa, o qual sem receber beneficio algum temporal da Coroa deste Reyno, mais que o espirital do Bautismo, foi este bastante para lançar fóra de seus portos os Olandeses, e prender os que depois a elles chegaraõ. Pelo que mais se póde esperar que façãõ os outros daqui por diante, vendo-se obrigados a Sua Magestade com lhes mandar ensinar, e honrar seus filhos, e naturaes.

He este meio de taõ grande importancia, que naõ póde haver outro maior,

(25) *Guerreiro no lugar citudo.*

or, nem mais certo para as Naçoens do Norte deixarem aquelle comércio; porque nenhuma cousa cria tão grande odio entre as gentes, como a differença das Religioens. E assim ainda em razão de estado este he o meio mais principal, com que os Reys fazem mais obedientes os vassallos, e inimigos de seus vizinhos, como conta a Escriitura Sagrada de Jeroboão, que fez idolatrar a gente de Samaria, para ficar firme no Reyno novo. Pelo que se estes, e outros muitos alcançaraõ este seu intento prégando falsa doutrina; com muita mais razão devemos pertender a conversão desta Gentilidade; pois com ella além do bem de suas almas se confirmará em perpetua obediencia o senhorio, que esta Coroa tem naquellas partes, fazendo aborrecer, e odiar nallas os Herejes, de maneira, que não sejaõ nellas mais admittidos.

Seguirse-ha tambem destes Seminarios a paz de Angola, daixando-se o meio das armas, que ha tantos annos andaõ destruindo, das quaes senão tem colhido fructo algum; porque o pensamento de nos senhorearmos das Minas,

a experiencia o tem mostrado impossivel não só porque as não ha da fineza, e abundancia, que se requerem para serem de proveito; mas pela grande difficuldade, que haveria em se conservar o dominio dellas tantas leguas pelo sertão dentro, o que não poderia ser sem muitos presidios. Onde os inimigos, e doenças eraõ bastantes, para consumir toda a gente de Portugal. E assim destes metaes nunca poderemos ter mais, que aquelles que os Negros nos trouxerem a resgatar, movidos pelo interesse do ganho; e as guerras, que por este respeito se fazem, só servem de gastarem a fazenda de Sua Magestade ha muitos annos, por custar muito naquellas partes a sustentação dos soldados, e não para algum bom effeito. Porque ainda que sempre tivemos victoria, não se contentaõ muitos Capitaens com este vencimento por ganharem mais com Sua Magestade nestas guerras, do que as mesmas rendas de Sua Magestade poderiaõ ganhar com o commercio da paz. E sendo assim que a conquista de Angolla não se intentou para povoarmos aquella Provincia, (pois neste Reyno

nos lobejaõ terras muito melhores , que por falta de gente se deixaõ de cultivar) fenaõ por respeito da converfaõ dos naturaes da terra , e do cõmercio : naõ sei que elpírito de guerra tem entrado naquelle Estado , que o tem destruido quasi de todo. E feito cessar huma , e outra cousa , por ser a guerra a destruidora dos commercios, e da promulgaçaõ do Evangelho , que sendo como temos dito , de paz , naõ se pòde prègar com as armas na maõ. E por isso dizem os Santos , que ordenou Nosso Senhor houvesse huma paz universal no Mundo , quando quiz que se convertesse , e prégasse nella sua Santa Ley. E o que em Angolla està feito de converfaõ , e commercio , se deve aos que a governaraõ em paz , e naõ com guerra. Por tanto se devem mandar extinguir estas infaultas guerras , e trazer aquelles Povos à nossa amizade com beneficios , e boas obras , ensinando-lhes os filhos , e honrando-lhos por meio dos Seminarios ; e por esta via se alcançará a benevolencia daquellas gentes , e naõ com as mortes de seus parentes , e assolagoens de seus Povos , que cada hora recebem de nossas mãos , em lugar dos favores ,

e caricias , com que os haviamos de ettrahir para se converterem , e estimarem nossa communicacão.

Finalmente com esta obra dos Seminarios alcançará Sua Magestade hum nome gloriosissimo de Pio , e Religioso Principe , porque vendo as outras Nações estes Seminarios , e o grande zelo da honra de Deos , com que Sua Magestade manda tão longe , e a terras tão barbaras doutrinar fogeitos para a prègação do Evangelho , e fazer politica huma das maiores partes do Mundo , não poderão deixar de lhe dar grandes louvres , e difícando-se de tão grande zelo da salvacão das almas. E com isto se calaráo de todo nossos inimigos , (26) que vendo nosso descuido , não deixaão de nos calumniar , dizendo que não himos àquellas partes , por estender o Evangelho , senão por fazer nosso proveito. As quaes calumnias falsas , e outras semelhantes , de que andaão seus livros cheios , cessaráo de todo , vendo com estes Seminarios , que a salvacão das almas he o principal interesse , que Sua Magestade pretende destas Conquistas.

§. V.

(26) *Navigatíones Oland.* p. 7.

§. V.

*Como se poderão fazer os Seminarios
com pouco custo*

DO que temos atègora dito, consta que esta obra da conversão dos Ethyopes desta Costa, não se pôde fazer sem ajuda dos mesmos naturaes da terra doutrinados, e ensinados por nós. Pelo que resta sómente vermos os meios, com que isto se hade fazer: estes tão notoriamente dous, ou vindo os sogeitos de Guiné aprender a Portugal, ou hindo os Prêgadores de Portugal a Guiné a ensinállos.

Bem sei que de muito mór proveito fora fazer estes Seminarios em Portugal, applicando-se a creação delles a alguns Religiosos; porque cá seria de mór fructo a doutrina, e aprenderiaõ juntamente a policia, como aconteceo aos primeiros Sogeitos, que de Congo vieraõ, que chegaraõ a ser depois Bispos. Mas se pelas occasioens presentes tão pôde isto agora ter inteiro effeito, ao menos bem se poderiaõ repartir alguns a dous, a dous pelos Conventos

tos de Religiosos com ordem de Sua Magestade , para que fossem doutrinados nas boas letras , e podessem depois hir fazer o mesmo officio com seus naturaes. O qual meio com muita facilidade se podia executar. Porèm quando isto agora não possa ser , facilmente se poderão ordenar em Guiné ; porque as fabricas , que se usão naquellas partes , são tão pouco custosas , e do mesmo modo a sustentação dos fogeitos pela barateza dos mantimentos da terra , que ElRey D. Affonso de Congo fez huma cerca , em que tinha mil moços nobres com Mestres , que os ensinavaõ , e delles sahiraõ Mestres que poseraõ escolas por todo o Reyno , e por este meio se veio a converter todo elle , como se diz na Chronica d'ElRey D. Manoel , p. 4. c. 3. Pelo que tornando as rendas daquellas Provincias a seu estado com huma moderada ordinaria , se poderiaõ sustentar os fogeitos , que parecêsem convenientes.

Para se fazerem estes Seminarios , além do de Loanda em Cacheu , ou em Bigubaha a maior commodidade , que pôde ser , não só para os Discipulos , mas para os Mestres , que não são naturaes da terra.

Ca-

Cacheu, diz o Padre Balthesar Barreira nas cartas do anno de 1607. e 1608. que he o mais composto, que se póde escolher; porque he porto frequentado de todos os navios de Europa, e Cabo-Verde, pelo grande resgate, que aqui ha de escravos, os quaes antes de se embarcarem, se bautizaõ, e por isso he ali mais necessaria huma casa de Religiosos doutos. Confessa o Padre, que aqui fez maior fructo, que em nenhuma outra parte de Guiné, com estar ali menos tempo. E com tudo era grande a magoa, e dor, que sentia de ver a perdição de tantas almas, que se poderã salvar, se deste Reyno lhes mandassem quem os doutrinassem; porque com o bom entendimento, que tem, se sujeitaõ tanto às razoes, que lhes daõ, que sem duvida se converteriaõ todos. E he esta Provincia taõ perto deste Reyno, que naõ dista de Portugal mais que 20. dias de navegaçaõ. E o que mais he de notar, que diz o Padre em muitos lugares, que os ares da Serra Leoa, e dos mais lugares daquella costa levaõ vantagem aos melhoes de Portugal; e que se naõ morre naquella terra de doença, senaõ de velhice; porque naõ tem

excesso nos frios, nem nas calmas pela frescura que sempre corre, e assim não he necessario no verao usar de remedios de aguar as casas, nem de abanos. E affirma o Padre, que tem esta terra por mais accommodada à vida humana, que todas as de Europa.

A facilidade da conversao he tanta, que diz o Padre Balthasar Barreira, que não ha Rey dos que vivem pela Costa, que não queira receber o Evangelho com toda a sua gente: exemplo seja, que os mais delles lhe derao os mesmos filhos, para que os levasse consigo, e os ensinasse, e assim entre outros trazia dous filhos d'ElRey de Tora, e outros dous, da Serra Leoa.

O Comercio he tao grande, que excede o que se tira de todas as outras partes, porque diz, que só os Olandeses tirao d'elle todos os annos dous mil arrateis de ouro. Na terra ha melhor pao de tinta, que o do Brasil, mais algodao, e mais fino, ambar, marfim, cera, malagueta, courama. As canas de assucar nascem naturalmente, grande abundancia de mantimentos, ferro, e outros metaes, muitas arvores de espinho,

as uvas se dão pelo campo , bananas , arroz, milho, castanha, a que chamaõ Cola, de que se leva para todo Guinè , e nascem em ouriços sem espinhos , palmeiras, toda a sorte de aves , e animaes , muitos , e bons pescados , pelo que naõ só havendo Prègadores , se ficaria ganhando hum numero quasi infinito de almas para a Igreja Catholica , mas hum mui rendoso cõmercio para este Reyno.

Para Sua Magestade mandar contribuir das rendas de Guinè esta ordinaria , hà aílaz de razoes : porque àlem de naõ ser muita a porção , he esta obrigação imposta pelo Sagrado Concilio Tridentino àquelles dizimos, àlem de os Summos Pontifices concederem com esta condição à Coroa deste Reyno o Senhorio de Guinè ; da qual só Angolla rendia quarenta contos. Pelo que naõ he muito , que para esta obra de tanta obrigação , e proveito espirital , temporal se acrecente esta Ordinaria às outras de Angolla , e Cabo-Verde , a qual naõ servirá de despeza , senaõ de accrescentamento dellas ; porque como dissemos , naõ se pòde fazer maior guerra aos He-rejes naquellas partes , que por meio do

Se-

Seminario. De maneira que continuando-se elle , em poucos annos se colherà sem comparaçã muito maior fruto temporal , do que pòde ser o gasto ; mas ainda que se este não seguisse , affaz se alcança com a salvaçã de tantas almas : sendo cada qual de tanto preço , que só por humas dellas , viria Nosso Senhor de novo do Ceo à terra a se fazer homem , se isso fora necessario para sua salvaçã.

Este zelo da honra de Deos foi o que dilatou o Senhorio de Portugal posto num canto de Espanha até os fins da terra , dando-lhe as riquezas de Africa , Asia , e America. Esta grandeza hirà sempre em crescimento , se se continuar o zelo da conversã das mesmas gentes. Para o qual ministerio Nosso Senhor escolheo por sua particular graça , e misericordia aos Portugueses , como o certificou ao nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques. Este he o fundamento de nossas vitorias , esta he a causa de se sustentarem as Colonias de Portugal por todas as Costas da redondeza da terra ; o que não pòde ser senão milagrosamente , porque não houve nunca Monarquia , que tanto se estendesse , nem Imperio algum ,
que

que tivesse poder para defender tantas mil legoas de Fronteira confinantes contra os maiores Principes do mundo. A esta divina obra deraõ principio os Portuguezes, como outros novos Apostolos, por ella derramáraõ tantas vezes o sangue, e sacrificáraõ as vidas, como tem visto o mundo todo no grande numero de Martyres, assim Religiosos, como Seculares, que padeceraõ no Japaõ, China, Siaõ, India, Cafraria, e no Brasil.

Botero no livro intitulado: Del Officio di Cardinali l. 2. fol. 138. estranha grandemente aos Portuguezes o esquecimento que tem de prègarem na Ilha de S. Lourenço; tendo tanto zelo, que se empregáraõ na conversão espirital da India, Malucas, Japaõ, e China, que lhe ficava muito mais longe. Pelo que com quanta mais razão se podéra queixar de faltarmos com esta doutrina aos povos de Guiné, se fora informado das commodidades, que para isso temos muito maiores, que naõ para a Ilha de S. Lourenço, suas palavras saõ: *Non voglio pero lasciar de dire che io mi maraviglio grandemente, che i Portuguesi, che con lode, e con gloria lora immor-*

zale an aportato la luce del Evangelio a la India, a le Maluche, a la China, i al Giapone, & che no hanno incio risparmiato, ne speza, ne travaglio, ne periculo alcuno, lascino, in abbandono, la Isola de San Lorenzo, posta quasi a media strada de le navigationi loro.

Finalmente se desejava (27) S. Francisco Xavier de hir prègar aos Doutores da Universidade de Pariz a obrigação, que tinhaõ de exercitar o talento na conversão dos povos da India, que por falta de semelhantes obreiros se hiaõ à perdição; com quanto mais razão pòdem temer esta conta aquelles, a cujo cargo estiver procurar a conversão de tantas almas, que por esta falta se perdem cada dia? E assim parece se deve mandar entender nesta materia com muita diligencia, e consideração; pois della resulta taõ grande serviço de Deos, e de Sua Magestade.

M

DIS-

DISCURSO VII.
SOBRE AS CAUSAS DOS MUITOS
*Naufragios, que fazem as Nãos da
Carreira da India, pela grandeza
dellas.*

SEndo as Nãos da Carreira da India as Embarcaçoens em que Portugal mete a principal substancia de seu cabedal em Dinheiro, Armas, Soldados, e Fidalguia delle, para em retorno lhe trazerem as riquezas do Oriente, he notorio a todo este Reyno, quantas destas Nãos se perdem quasi todos os annos. Pelo que parece obrigação mui precisa tratar-se do remedio de tão grande danno, pois em cada Nào destas, àlem da gente, se perdem muitos milhoens, e sendo esta perda tamanha he a mais ordinaria que padecemos, e ainda por vezes se tem apontado varias causas deste mal, parece que de todas ellas he a maior, e mais prejudicial a demasiada grandeza das Nãos, e o mào concerto, que se lhes faz com a querena; e porque sabido o principio, que estes er-

erros tiveraõ, se poderáõ mais facilmente remediar, apontarei a noticia que delles tenho.

Todos os que tem lido as historias da India, sabem como no tempo, que ElRey D. Manoel viveo, não passavaõ as Nãos da Careira de 400. Toneladas, isto se vê assim, pelo dizerem os mesmos Historiadores, como pelo numero da gente, que nellas hia.

Morto ElRey D. Mancel, e querendo ElRey D. Joaõ pelo tempo adiante acrescentar o Commercio das Drogas, acrescentou (1) tambem para isso a grandeza das Nãos a 800., e 900. Toneladas, parecendo aos que deraõ este alvitre, que poupava muito em não acrescentar o numero dos vasos, e que se ganharia tanto mais na pimenta, quanto mór quantidade della se trouxesse; porem em lugar destes dous proveitos, se seguiráõ a ElRey duas grandes perdas. A primeira de gente, porque como as Nãos se fizeraõ taõ grandes, e a India està sempre pedindo Soldados, embarcaõ se nestas Nãos de or-

M ii

di-

(1) *Informação sobre a Companhia Oriental.*

dinario 700. e 800. homens, e ainda mais, os quaes com a variedade dos Climmas, incommodidades da embarcação, immundicia, e aperto da Nào vem a adoecer na viagem quasi todos. Na vida do insigne Martyr do Japão Carlos Espinola §. 2. se diz que na Nào, em que partio de Lisboa, houve tantos enfermos, que chegàraõ num dia a se darem 400. sangrias: e assim vem a fallecer grande numero de gente, perdendo-se os Soldados, e a despeza, que para elles se tem feito. A segunda perda, a que deraõ causa as Nãos grandes, foi a vinda, e por isso foi muito maior, porque com esta occasião se perde o fructo, e retorno de todo o Comércio da India, a razão he porque quanto maiores são as Nãos, tanto concorre a ellas mais gente, cuidando que vão mais seguros, e as carregão com tanta confiança de roupas, e caixaria, que não sómente vem entulhadas, e quasi maciças com o recheio, mas ainda no Convés he às vezes tão grande o numero de caixas postas humas sobre as outras, que fica a caixaria mais alta que o Castello da Popa, e para sahir da Proa à Popa, he necessario su-

subir pelas caixas como por hum monte. Isto não sómente lemos em muitas relações de naufragios, mas de presente mo testificou o Senhor Bispo eleito de Cranganor Francisco Barreto, que passou na Nào em que veio. Pelo que, ou estas Nãos se perdem totalmente, ou padecem grandes perigos nãs tormentas, chegando cá por milagre, depois de ter alojada toda a fazenda ao mar, como se tem visto por experiencia tantas vezes, e particularmente no anno de 91. e 92. em que partiraõ da India (2) 17. Nãos, 2. Galeões, e huma Caravella, e 2. Nãos novas, e destas vinte, e duas embarcaçoens, só chegaraõ a Lisboa as Nãos S. Christovaõ, e S. Pantaleaõ, que por serem as peores, vinhaõ descarregadas, e as outras vinte se perderaõ.

Estas duas perdas causadas pela grandeza das Nãos, foraõ de tanto pezo, que puseraõ a todo o Reyno em grandes apertos porque com morrerem tantos Soldados na viagem, foi necessario mandar todos os annos muita mais gente

(2) *Companhia Oriental fol. 180.*

te á India , e com os muitos naufragios , que em todo o tempo d'ElRey D. Manoel se não tinhaõ visto , ficou ElRey D. Joaõ (3) taõ falto de cabedaes , e drogas , que veyo a quebrar no anno de 1544. com tres milhoens de divida em Flandes , para cuja fatisfação empenhou o Patrimonio Real na maior parte dos juros , que lhe hoje vemos.

Conhecido este grande mal da grandeza das Nãos pelos do Conselho d'ElRey D. Sebastião , que succedeo a ElRey D. Joaõ seu Avô , procuraraõ remediar , e atalhar taõ manifesto danno , porque não sómente se perdia em huma Náo inestimavel riqueza, mas muita gente, Fidalgos , Soldados de grande valor , Pilotos , Mestres , Marinheiros , Artelharia , e Bombardeiros , gente toda feita nesta Carreira , que tanto neste Reyno , como na India , faziaõ muito notavel mingoa ; e assim ordenando ElRey hum Regimento para a Casa da India , (4) que anda impresso no anno de 1570. mandou nelle a folhas 217. que nenhuma Náo da India fosse mais que de 300. até

(3) *Companhia Oriental fol. 109. n. 95.*

(4) *Regimento da Casa da India fol. 217.*

atè 400. Toneladas , como se vê das palavras seguintes : *E porque sou informado, que as Nãos, que haõ de andar na Carreira da India , convem serem de menos porte do que eraõ as que ategora serviaõ por se poderem mais facilmente apparellhar, e carregar, e haverem mister menos gente para as marear, e invernando fazerem despesas , que será causa de se poderem fazer , e armar mais Nãos para andarem na dita Carreira.* Ordeno, e mando, por estes, e outros respeito, que me a isso movem, *que todas as Nãos, que daqui em diante se fizerem por conta da minha fazenda , ou de partes , assim neste Reyno, como na India , para haverem de andar nesta navegaçaõ , naõ passe cada humã dellas de 450. Toneladas ; nem seja de menos de 300. que fui informado , que era o porte , que deviaõ ter para mais commodamente , e com menos risco , e despesa navegar.* Esta ordem d'ElRey se seguiu em quanto elle viveo com taõ acertado successo , que nenhuma destas Nãos em seu tempo padeceo naufragio , como se vê da memoria das viagens das Nãos , tirada dos livros da Casa da India , que anda impressa , e se
apre-

apresentou ao Conselho no anno de 1622.

Depois d'ElRey D. Sebastião, entrou ElRey D. Philippe o Prudente, que quando se tornou para Castella quiz deixar arrendada a pimenta a mercadores, e assim mesmo a fabrica, e concerto das Nãos, para saber com certeza quanto lhe rendia a Casa da India. Com esta occasião desejando os Contratadores da pimenta lograr-se dos annos dos seus contratos, pretenderaõ mandar vir grande quantidade della, e para isso accrescentaraõ a grandeza das Nãos, como se tinha feito em tempo d'ElRey D. João, e porque o concerto de Nãos taõ grandes era notorio, que lhes havia de custar muito mais caro aos Contratadores do apresto dellas, porque senaõ podiaõ tirar a monte para se concertar, como as Nãos menores, introduziraõ a que-rena Italiana, para que sem tanto custo seu, emendassẽ as Nãos, estando dentro na agoa.

Destes dous principios se tornaraõ a seguir os inconvenientes antigos, e ainda maiores; porque com a grandeza, e carga sobeja das Nãos, tornaraõ a ser tantos os naufragios, que de tres Nãos, que

que partem da India , raramente che-
gaõ as duas a salvamento, e o concer-
to da querena he de tão pouca impor-
tancia, que ficaõ as Nãos verdadeiramen-
te sem remedio , e reparadas sómente
no exterior. Estas são as causas de se
terem perdido tantas Nãos do tempo
delRey Felippe para cá , que se veio
a cuidar, que era isto algum misterio ,
naõ havendo outro mais que este erro
fatal da grandeza demasiada das Nãos ,
e do superficial concerto das querenas.
Em razão deste danno tão prejudicial ,
por muitas pessoas praticas deste Rey-
no, se escreveo por vezes contra elle ,
sendo o primeiro Joaõ Bautista Lava-
nha , no naufragio da Nào Santo Al-
berto , (5) onde diz estas palavras. *Tal
foi a perdição desta Nào Santo Alber-
to , taes os successos de seu naufragio ,
causado naõ das tormentas do Cabo da
boa esperanza , pois sem chegar a elle
com prospero tempo se perdeu , mas da
querena , e sobrecarga , que como a es-
ta Nào , assim a outras muitas no pro-
fun-*

(5) Naufragio Santo Alberto fol. 15.

fundo do mar haõ sepultado , ambas poz em pratica a cobiça dos Contratadores , e Navegantes ; os Contratadores , porque como seja de muito menos gasto , dar querena a huma Nào , que tirala a monte , folgaõ muito com a invençaõ Italiana , a qual posto que serve para aquelle mar de levante , a cujas tormentas , e tempestades pòdem pairar Galès , e aonde cada outo dias se toma porto. Neste nosso Occeano he o successo huma das causas da perdiçaõ das Nãos , porque àlem de se apodrecerem as madeiras ; posto que sejam colhidas em sua sazam , com a continua estancia no mar , e desencadernarem-se com as voltas da querena , e grande pezo de tamanhas carracas , calafetando-as por este modo recebem mal a estopa por estarem humidas , e pouco enxutas , e quando depois navegando , são abaladas de grandes mares , e combatidas de rijos ventos , despedem-na , e abertas daõ entrada à agoa , que as fofobra , e assim tem mostrado a experiencia , que quando desta danosa invençaõ senaõ uzava , fazia huma Nào dez , ou doze viagens à India , e agora

ra com ella não faz duas. O mesmo disserão outros muitos zelosos do bem commum, até que ultimamente se de-
raõ no Conselho dous grandes Memo-
riaes impreslos no anno de 1622. em
que se mostrou com evidencia, que a
grandeza que se utava nas Nãos era em
danno da Fazenda, da Milicia, e do
Estado do Reyno. Pelo que vistos estes
Memoriaes, se mandou deixassem as
Nãos grandes, e se tornassem a fazer
Nãos pequenas, e em effeito se fize-
raõ, e tiveraõ excellente successo, e
no anno de 1633. as Nãos pequenas
que se fizeraõ, foraõ à India em qua-
tro mezes, e meio, e voltaraõ em cin-
co mezes, cousa que nunca aconteeo
a Nào alguma grande. Porém os homens
do mar, e mais officiaes, como são in-
teressados na grandeza das Nãos, por-
que quanto são maiores, tanto maior
he o espaço de sua liberdade, ou de
seu lugar, para o venderem, tornaraõ
a persuadir aos Ministros, que convi-
nha fazerem-se Nãos grandes, e não pe-
quenas, e assim o diraõ sempre, por-
que são suspeitos na materia; e elles fi-
zeraõ fazer a terceira cuberta taõ alte-

rosa , que enfraquece as Nãos , e os Camarotes se tem tornado em cameras. Com tudo por se dar satisfação à gente do Mar , se deve fazer boa conta dos Soldados , e Fretes , que se lhes devem dar nesta viagem , que não convem sejaõ menores , que os que os Ingleses , e Olandezes dão aos seus Marinheiros , antes com vantagem. E se nas Nãos pequenas ficaõ defraudados , e levando menos , que os estrangeiros , isso se lhes deve suprir em dinheiro , e em os forrar de alguns direitos , mas não em lhes acrescentar os lugares com que ElRey perca as suas Nãos , pois mais interessa a Fazenda Real em irem as suas embarcações a salvamento , que nos suprimentos , que a esta gente se lhe pòde acrescentar.

Finalmente as vantagens , que as Nãos pequenas levaõ às Nãos grandes , são muito notorias , porque as Nãos pequenas são muito mais ligeiras , navegaõ menos quartas , e com qualquer vento , e pedem menos fundo , e para as pelejas são de muito mòr effeito. As Nãos grandes pelo contrario andaõ menos , porque navegaõ em mais quartas , não se

se movem fenaõ com vento largo , pedem muito fundo , com que perigaõ em muitos portos , e naõ servem para a guerra , como he notorio , e o nota Joaõ Botero , quando trata das forças delRey de Polonia , dizendo que por as Armadas da Christandade pôem de ordinario suas forças em vasos grandes , perderaõ muitas vezes as occasiões , que houveraõ de alcançar , se foraõ embarcações mais ligeiras , e o mesmo nos tem acontecido com os Olandezes , que por os seus Baixeis serem Galeões , sempre ficàraõ superiores às nossas Nãos , quando se encontraraõ com ellas.

O caso he que cinco Galeões , ou Nãos pequenas , custãõ tanto como tres Nãos grandes , e vindo cinco Baixeis destes que dizemos juntos , vem humia Armada muito poderosa , e vindo tres Nãos , vem tres Carracas muito fracas , as quaes depois de duas viagens se mandaõ desfazer na Ribeira , e os Galeões , pòdem servir depois de muitos annos , assim nas viagens , como nas Armadas da Costa ; porèm o que sobre tudo se pòde considerar , he que de cinco Navetas , que partem da India , todas che-
gaõ -

gaõ ao Reyno , fenaõ quando Deos co-
nhecidaamente nos quer castigar , e par-
tindo tres Nãos de Goa , he quasi mi-
lagre chegarem cà todas , por quanto
do mefmo porto de Goa , por fua gran-
deza , e immenfa carga faem já perdi-
das , como aconteceo à Nào Reliquias ,
que dando à vella , fe foi ao fundo ,
antes de fahir do porto de Cochim.

Por conclusaõ de tudo nos pòde fer-
vir de demonftraçaõ desta verdade o ex-
emplo , que vemos nos Olandezes , os
quaes com os Galeões eflaõ feitos Se-
nhores do Commercio da India , por-
que as embarcações ordinarias em que
navegaõ , naõ passaõ de 500. Tonela-
das. E ainda que algumas vezes ufaõ
de outras maiores , e que chegaõ a 800.
podem-no fazer fem tanto rifco , como
nòs , porque a fua carga naõ he de rou-
pas , ou caixaria , fenaõ de Drogas co-
fidas em fardos , e nenhuma fazenda vai
fóra de feu lugar , porque a carrega-
çaõ corre pelos Ministros de fua bolla ,
e naõ pela cobiça dos noffos Marinhei-
ros , que cofumaõ carregar as noffas Nãos
à fua vontade. Pelo que naõ exceden-
do ordinariamente os Navios de fua
Fro-

Frotas de 450. Toneladas, ha mais de 50. annos, que fazem viagem, sem saberem quasi, que cousa he naufragios, nem perderem Galeão da Carreira, e todàs as vezes que se encontràraõ com as nossas Nãos, ficaraõ superiores na peleja, como temos dito, assim por serem mais os seus Galeões, que as nossas Nãos, como pela ventagem da ligeireza. Por estas razões lhes rende tanto o Commercio da India, que saõ hoje os mais poderosos mercadores de Europa; e sem algum Principe entrar em sua companhia, só com os ganhos do Commercio, que todos os annos lhe chega a salvamento nos Galeões, saõ bastantes a sustentarem a guerra na India, e no Brasil contra Sua Magestade, com taõ grandes Armadas, e numero de Soldados, que não ha Principe fóra de Espanha, que atégora pudesse fazer outro tanto.

Alèm destas cousas bem sei, que ha outras muitas, para se as Nãos perderem: porèm a demasiada grandeza, e as querenas saõ os defeitos mais ordinarios, e mais faceis de remediar, e que tem occasionado mais naufragios, que

todos os outros juntos. Pelo que totalmente convem, assim, para conservarmos o Commercio, como para prevalecermos contra os Olandezes, que se deixem estas fataes Nãos de summa grandeza, e tornemos aos Galeões, e Nãos pequenas, com que este Reyno alcançou o Senhorio da India, pois he axioma certissimo dos Filósofos, e Politicos, que as cousas permanecem, em quanto se conservaõ as causas, que as produziraõ. E deste modo evitarà Sua Magestade, ver cada anno perder as suas Nãos com tantos milhares de cruzados de cabedal, e tantos Vassallos seus, que tanto lhes custàraõ aos pôr na India, e tornar embarcar para Portugal. E os Officiaes, Marinheiros, e Passageiros das Nãos, escusaráõ de botar com seus mesmos braços ao mar aquellas riquezas, que adquiriraõ com taõ compridos trabalhos, e riscos, e o que he mais, perder as vidas, despedaçados nos penhascos das Costas bravas da Ethiopia, ou escapando daqui, ás mãos dos Cafres, e de cruelissimas fomes, dando sepultura a seus corpos nos ventres dos Tigres, e

ou-

outras semelhantes fêras dos ardentes desertos da Caffaria.

DISCURSO VIII.

SOBRE A PEREGRINAÇÃO.

OS desejos de peregrinar por diversas Provincias são quasi communs a todos na primeira idade; por onde convem saber as occasiões, em que sómente esta resolução pôde ser util, e os grandes inconvenientes, que se seguem do contrario, para com esta demonstração se atalharem semelhantes intentos, que muitas vezes desordenão o curso mais acertado das acções da vida. Opinião recebida he entre os Filósofos naturaes, que as varias constellaçoens, e sitios das terras são a causa da differença dos engenhos, e inclinações dos homens. Porque como cada região cria naturalmente particulares plantas, e fructos, da mesma maneira produz em seus habitantes diversos temperamentos, dos quaes procede serem a certos costumes, artes, e sciencias inclinados. O mesmo affirmão Plató, e Aristoteles, e parti-

N

cul-

cularmente o Poeta Latino, quando appropriando só aos Romanos a Politica, diz :

*Excudent alii spirantia mollius aera ,
Credo equidẽ vivos dacent de marmore vultus ;
Orabunt causas melius , ceterique meatus
Describent radio , & surgentia sydera dicent ;
Tu regere Imperio terras , Romane , memento ,
Hæ tibi erunt artes , &c.*

Por esta razão, vendo antigamente alguns Varões de grande entendimento quam limitada era a noticia, que cada hum podia alcançar na patria, e que as Sciencias, e artes floresciaõ em varias partes do Mundo, emprenderaõ grandes peregrinações; e correndo muitas Provincias, tornavaõ à propria terra cheios destas mercadorias, e verdadeiras riquezas.

Estes foraõ, como diz Plataõ, os celebrados trabalhos de Hercules, que sendo grande Filosofo, e querendo alcançar a perfeição de todas as sciencias, escolheo por companheira, antes a virtude mal vestida, que a lascivia enfeitada; e vencendo em si os effeitos animaes de leaõ, javalî, e cervo, que se lhe opunhaõ ao caminho, buscou a Prometheo no Caucazo, a quem dizem

to-

tomou a Aguia pela noticia, que elle lhe deu desta Constellação celeste. E passando a Africa, aprendeo de Athlante o curso dos Ceos, e Planetas, com o nascimento, e occaso das Estrellas, figuradas dos Poetas naquellas maçaãs de ouro, que só podia colher Athlante; o qual por esta causa dizem, lhe poz os Ceos às costas. E assim foi elle o primeiro, de cuja boca sahio o conhecimento da Via Láctea, até então não alcançado dos Astrologos, e outras muitas cousas, que os Poetas nos contaõ, disfarçadas em suas doutas fabulas. Isto mesmo fizeraõ Solon, Licurgo, Democrito, e outros muitos. Pelo que nenhum homem era tido por grande entre os antigos, senão depois de largas peregrinações. Por onde Homero preferio este titulo a todos os outros de Olysses, quando invocando Caliope, lhe diz:

*Dic mihi Musa virum capta post tēpora Troiaē,
Qui mores hominū multorū vidit, & urbes. &c.*

Porém ninguem peregrinou com tanto fruto, nem mereceo mais gloria nesta materia, que Pythagoras, e Plataõ, os quaes tratando com os Sacerdotes do

Egypto , e Chaldea , com os Magos da Persia , Gymnosophistas da Ethyopia , Bracmanes da India , e com os mais insignes Varões de sua idade , nos deixáraõ o conhecimento das sciencias taõ perfeito , que elcufaraõ depois a seus discipulos Aristoteles , e Architas outro semelhante trabalho. Donde daquelle tempo por diante floresceraõ as sciencias em Grecia , e naquella parte de Italia , que tambem chamaraõ Magna Græcia com tanta ventagem das Provincias , em que nasceraõ , como ordinariamente fazem as plantas dispostas noutra terra ; e como se vio nos pomos Persicos , oliveiras , cerejeiras , e platanos , que antes , e depois della vieraõ.

Com estes exemplos se mostra claramente , que só por razaõ de alcançar as sciencias , e artes necessarias ao common , e particular , se deve sair da patria , e que sendo o lugar , em que as letras se professem , perto , se elcufa buscar o apartado , e longe ; pois assim o fizeraõ os Gregos , e os Romanos , os quaes com o dominio do mundo trouxeraõ tambem à Cidade os melhores engenhos delles ; de modo que
em

em tempo de Trajano os mais apren-
diaõ em Roma ; e no de Theodosio nin-
guem já hia a Athenas , como logo dá a
entender S. Hieronymo , e outros da-
quelle tempo. O mesmo se vio em Fran-
ça , depois de fundada a Universidade
de Pariz , e em Elpanha , quando se re-
formou pelos Reys Catholicos a de Sa-
lamanca , e em Portugal a de Coimbra
por ElRey D. Joaõ III. Conhecidos saõ
no mundo os illustres engenhos , que
em todas estas Universidades floreceraõ ,
sem sahirem dellas a outras partes. Pe-
lo que havendo na Provincia de cada
hum escolas , onde com conhecido lou-
vor se leaõ , e ensinam as Sciencias , naõ
he necessario illas buscar com peregrina-
ção a outras partes : *Frustra enim
fit per plura , quod potest fieri per pau-
ciora* ; como diz o Axioma do Filoso-
fo , que neste particular , como em todas
as cousas moraes , tem seu lugar.

Com tudo algumas artes ha , que
ainda , que o especulativo dellas se
possa ensinar nas Escolas , he necessario
totalmente para sua perfeição pratica-
rem-se com o exercicio ; destas he huma
a Arte Militar , a qual ainda , que se pos-
sa

sa ler nos estudos por parte da Politica, não se pôde alcançar perfeitamente, sem primeiro se exercitar. Donde dizem Tullio, e Plutarco, que com razão se rio Annibal em Epheso da oração, que o Filosofo Phormião lhe fez sobre o officio de Capitão, e doutrina da guerra, sem ter nunca hido a ella, como tambem elegantemente o refere o nosso Poeta Portuguez (1) a ElRey D. Sebastião, dizendo.

*De Phormião Philosopho clegante
Vereis como Annibal o escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava, e lia.
A disciplina Militar prestante,
Não se aprende Senhor na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senaõ vendo, tratando, ou peleijando.*

Por tanto os que ouverem de servir a Republica na Milicia, e quizerem alcançar nella a reputação, devem de a hir exercitar, e aprender nos Exercitos, seguindo-os fóra da patria, quando nella os não ouver, ou embarcando-se muitas vezes nas Galès do mar Mediterraneo, e nas Armadas do Occeano, e India

(1) Camcens canto 10. est. 153.

dia Oriental , que saõ as escolas em que hoje florece esta pratica.

O mesmo diremos daquella parte da eloquencia , que trata da linguagem ordinaria , a que os Latinos chamaõ , *Sermocinatio* , e da Ethica , que pertence aos costumes proprios urbanos com que hum homem se faz perfeito Cortesaõ , os quaes se professaõ com perfeiçaõ na Corte do Principe sómente (donde o mesmo Cortesaõ tomou o nome) ou quando a Corte he totalmente diversa da lingua , e costumes do outro Reyno , na Metropoli da Provincia ; porque aqui estaõ em seu ponto os estylos , e cortesias , com que os homens se devem tratar huns aos outros. Aqui nascem os trajos polidos , de que se deve usar na Cidade , Casa , e campo , e aqui sómente se pratica a pureza da lingua natural. A perfeiçaõ da qual , como quer o Conde Balthasar Castilhioni , està no uso mais recebido , e praticado da Corte ; pois nos outros povos fóra della vemos conservarem-se outros vocabulos , e taes , que quando seus moradores vem à Metropoli , usaõ taõ necessariamente das palavras do tempo de Evandro (por di-

zer assim) como o outro em Macrobio as usava de proposito.

Tambem he parte effencial da Politica a noticia da Provincia em que cada hum nasceo , e cuja administração lhe pôde em todo , ou em parte cahir em forte , porque mal se pôde governar aquillo , que senão conhece. Pelo que importa grandemente ver , e andar todo o Reyno , ou a melhor parte delle , e saber de cada região , e lugar o sitio , poder , abundancia , commercio , e costumes , e tudo o mais necessario para poder depois usar de cada cousa em seu lugar. (2) DelRey Francisco de França se conta ; (3) que andando à caça lhe de- raõ aviso , como o Emperador Carlos V. vinha marchando com hum poderoso Exercito contra elle ; o que ouvindo , reparou hum pouco cuidando , e subitamente despachou recados para varias partes do Reyno ; mandando trazer de humas Provincias gente , e de outras armas , de outras bastimentos , apontando os caminhos , rios , e portos , porque

ca-

(2) l. 1. *Satur. c. 5.* (3) *Chronica de Carlos 5. 2. p. l. 23. §. 25.*

cada cousa havia de vir, como se tivera todo o Reyno presente a huma só vista; e assim dentro em meia hora, e sem descer do cavallo, em que estava, ordenou outro Exercito, com que resistio à potencia do Emperador, e conservou seu Reyno. O que mal podéra fazer sem grandes difficuldades, e muito espaço de tempo, se o não tivera andado, e passado todo, e notando as particularidades d'elle com grande consideração. A mesma noticia pois, he necessaria no conselheiro do Principe, ou em qualquer outro ministro superior da Republica. Estas peregrinaçoens, que temos referido, são sómente as que cada hum, segundo sua profissão, he obrigado a fazer; e com que poderá sahir varaõ perfeito nas letras, na Corte, e nas armas. Porque sem outras maiores alcançaraõ nas letras este louvor, Aristoteles, e Demosthenes em Grecia, e Virgilio, Torcato, e Ariosto em Italia, dos quaes o ultimo (4) o confessa de si mesmo claramente, dizendo em huma das suas Satyras.

Vif-

(4) *Satyra 3.*

*Visto ho Toscana Lombardia Romagna:
 Quel monte che divide , i quel che serra
 Italia , i un mare , il altro che là bagna
 Questo mi basta , il resto de la terra ,
 Senza mai pagar l'hoste , andro cercando.
 Con Tolomeo , sia il mondo in pace , o in guerra.
 E tuto il mar senza far voti . quando
 Lampeggia il Ciel sicuro in su le carte ,
 Verrò , piu che su i legni volteggiando.*

E por deixar os estranhos , o mesmo succedeo aos nossos João de Barros , e a Luiz de Camoens neste Reyno (porque a jornada , que este fez à India , não foi para aprender as letras , senão as armas) nem o Conde Balthasar Castilhioni obriga ao seu Cortesão a maiores jornadas , sendo assim , que o orna de tantas perfeições , que parece impossivel achar-se fogeito daquellas partes. Do mesmo modo foraõ tidos antigamente por insignes Capitaens Pirrho , e Philippe de Macedonia sem verem mais Provincias , que aquellas , em que se exercitáraõ nas armas ; e modernamente em Espanha , o Graõ Capitaõ Gonçalo Fernandes , Antonio de Leiva ; e dos nossos o Conde D. Nuno Alvares Pereira , Nuno Fernandes de Ataide , D. Francisco de Almeida , Affonso de Albuquerque , e outros ,

tros ; deixando os Italianos , que seria largo referir. E na Corte Hypolito de Este , Lourenço de Medices , e Jacobo Senazaro em Italia. Pelo que consta claramente , que todas as outras jornadas , que além destas se intentaraõ são voluntarias , e ordenadas , não por obrigação , senão pelo gosto de cada hum.

Com tudo fazendo-se esta peregrinação voluntaria em tempo , e idade conveniente , e por pessoas , que se saibaõ della aproveitar , sem duvida lhes será de muito fructo , e ornamento : porque nellas se aprendem muitas cousas , e principalmente o sofrimento dos trabalhos , e paciencia , e o viver com temperança , como já disse Democrito. *Vita frugalitatem docent , ossa quippe , & thorax herbaceus , famis , & laboris dulcissima medulla sunt.*

A idade , e tempo , em que estes caminhos se devem intentar ha de ser até aos 25. annos , em que se acaba a adolescencia , assim porque até entãõ dà a natureza forças para sustentar o trabalho do caminho , alegria , e vigor para se continuar ; como porque tambem esta he a idade propria de aprender. O tempo

po ha de ser desoccupado de outro maior encargo , como o mostra Plutarco , quando diz : *Quibus nihil domi boni est, dulcis est peregrinatio*. Pelo que são mais dignos de reprehensão os que deixão os ministerios publicos , que tem a seu cargo por esta curiosidade , contra os quaes diz Tulio a Rufo : *Urbem mi Rufe cole, & in ista luce vive, omnis enim peregrinatio (quod ego ab adolescencia judicavi) obscura, & sordida est ijs, quorum industria Romæ potest illustris esse*. De maneira , que com estas condições poderá ser de bom effeito a peregrinação , ainda que as que se fazem por causa de Religião , e de venerar os Santuarios , em todo o tempo e idade são louvaveis , e piissimas. Posto que até os Monges Giravagos , que havia antigamente , e gastavaõ toda a vida , visitando as Celas dos Anacoretas por diversas Provincias do mundo , foraõ mui reprehendidos dos Santos Patriarcas Bento , e Bruno , e em opposição sua , ordenàraõ o grande recolhimento de seus mosteiros. Porém o bom successo nas vagueações voluntarias aconteceo rarissimas vezes ; porque como estes desejos

nal-

nascão pela maior parte do animo vago ,
 inquieto , e inconstante , ficaõ sendo os
 meios e fins das jornadas semelhantes aos
 principios em que se fundaraõ. E assim
 das cousas , que Seneca louva a seu ami-
 go Lucilio , he naõ lhe ver estes inten-
 tos : *Bonam spem , diz elle , de te con-*
cipio quod non discurreis , nec locorum
mutationibus inquietaris : ægri animi
jaclatio ista est. Primum argumentum
bene compositæ mentis existimo posse con-
sistere , & secum morari. Mas porque
 muitos encobrem este vicioso appetite
 com o louvavel desejo de alcançar per-
 feitamente a Ethica com o conhecimento
 proprio , e melhoramento de costumes :
 lerà necessario , que particularmente ve-
 jamos o pouco fructo , que dellas se co-
 lhe , e os grandes males , que daqui
 nascem , para que se acabe da entender ,
 quanto se enganaõ os que cuidaõ , que nes-
 tas peregrinações sómente consiste toda a
 sabedoria , e boa reputação de hum ho-
 mem. De huma , e outra cousa , tratando
 particularmente o mesmo Seneca in-
 signe Phylosopho moral , diz : *Quid per*
se prodesse peregrinatio cuiquam potuit ?
Non voluptates illa temperavit , non

cupiditates refrænavit , non iras repressit , non indomitos amoris impetus fregit , nulla denique animo mala eduxit , non judicium dedit , non excussit errorem , sed ut puerum ignota mirantem ad breve tempus rerum aliqua novitate detinuit ; cæterum inconstantiam , quæ maximè agra est lacescit mobilior , leviorque reddidit ipsa jaëlatio . Itaque qui petierant cupidissime loca , cupidius deserunt , & avium modo transuolant , citiusque quàm venerant , abeunt . Peregrinatio notitiam dabit gentium ; novas tibi montium formas estendet , inusitata spatia camporum , & irriguas perennis aquis valles , & alicujus fluminis sub observatione naturam , sive ut Nilus æstivo incremento tumet ; sive ut Tigris eripitur ex oculis , & actò per occulta cursu integrè magnitudini redditur ; sive ut Mæander Poetarum omnium exercitatio , & ludus implicatur crebris anfractibus , & sæpè in vicinum alveo suo admittus , ante quam sibi influat , flectitur . Cæterum neque meliorem faciet , neque saniozem . Iter studio versandum est , & inter Authores Sapientiæ , ut quæ-
si-

sita discamus, nondum inventa quæramus. Sic eximendus animus ex miserrima servitute in libertatem asseritur. Quandiù quidem nescieris quid fugiendum, quid petendum, quid necessarium, quid supervacuum, quid justum, quid honestum non erit hoc peregrinari, sed errare, nullam tibi opem feret iste discursus, peregrinaris enim cum affectibus tuis, & mala te tua sequuntur. Utinam quidem sequerentur, longius abessent, nunc fers illa, non ducis. Itaque ubique te premunt, & paribus incommodis urunt. Medicina ergo, non regio quærenda est, fregit crus, aut extorsit articulum, non vehiculum navemque conscendit, sed advocat medicum, ut fracta pars jungatur, ut luxata in locum reponatur. Quid ergo animum tot locis fractum, aut extortum credes locorum mutatione posse sanari? Maius est illud malum, quàm ut gestatione curetur. Peregrinatio non facit medicum, non oratorem, nulla ars loco discitur. Quid ergo sapientia res omnium maxima in itinere colligitur?

Estas sentenças, que por serem proprias

prias desta materia , quiz referir tanto ao largo , são todas gravíssimas , e dignas de as trazermos diante dos olhos , e na memoria sempre. O mesmo que Seneca , quiz tambem dizer Horacio : *Cælum non animum mutant , qui trans mare currunt.* E o outro : *Congressus sapientum confert prudentiam , non montes , aut maria.* E da mesma opiniaõ são quasi todos os modernos. Pelo que não hà que duvidar , que os mais destes dejesos de ver terras são viciosos , e indignos de varaõ prudente. Quanto mais , que se em algum tempo se pôde escusar a noticia do mundo adquirida pessoalmente , he neste nosso Seculo , em que o conhecimento delle està em grão taõ sobido com tantos livros , que nos mostraõ aos olhos , não só as Provincias , e Reynos , mas ainda as proprias Cidades , e Povos com tanta perfeiçaõ , e com tal particularidade , que he impossivel hum caminhante por mais curioso , e intelligente , que seja , alcançar a menor parte destas cousas , vendo , e andando , como em casa se conhecem todas , lendo , e estudando. Porque os que caminhaõ não se pôdem deter muito nas

ter-

terras por onde passaõ , e doutras , nem sempre achaõ , quem lhes dè inteiras , e certas informações. Porém o que estuda , logra com toda a quietação , e repouso dos trabalhos alheios , e aquella particular materia em que cada hum dos Authores empregou muitos annos de estudo , alcança perfeitamente em pouco tempo. Donde succede muitas vezes a alguns destes , que vem de Veneza , Roma , Pariz , e outras partes , perguntarem-lhe os que cà leraõ , as cousas daquellas Cidades por particularidades dellas : a que elles não sabem responder , nem ainda entender o que lhes perguntão. Deixo já nos trabalhos immensos dos caminhos , os gastos excessivos , as inclemencias do ar , e os perigos da vida , que acompanhaõ estas peregrinações , por razão das quaes cousas compara ordinariamente o Elpirito Santo na Escriptura Sagrada a vida humana , à peregrinação , e chama patria ao Paraíso Celeste , em que se goza a visão Beatifica , significando no nome da patria a Bem-aventurança , e no da perigrinação , toda a pena , e tormento ; porém he tal a condigão de muitos , que estimaõ tan-

to mais a mesma cousa , quanto mais lhe custa , o que não he digno menos de condemnação , que se hum Capitão despresasse a vitoria certa por lhe não custar sangue , e a estimasse mais por a alcançar com morte de muitos Soldados ; por taes podemos julgar hoje os que podendo facilmente na Patria.

Sò por puro engenho ; e por sciencia

Ver do mundo os segredos escondidos.

Como diz o nosso Poeta , os vão buscar por meio de tantos trabalhos , para depois de correrem o mundo contarem , que viraõ o Labiryntho de Creta , e Cidades inteiras com seus moradores de pedra , e hum carcere em que estavam trescentos mil presos , e que o Espirito Santo apparece nas tormentas em forma de fogo , e que viraõ em certas paragens andar o Sol , e a Lua as avesas , com outros semelhantes , movidos só das apparencias da vista , de que elles tanto calo fazem. Por tanto a verdade das sentenças de Seneca , a mesma experiencia mostrou sempre nestes peregrinantes , hum dos quaes , tornando depois de largo caminho a Athenas ; e achando-se em tudo tal como parti-
ra ,

ra , perguntou a causa a Socrates , o qual lhe respondeo , que nascia de se levar a si sempre comfigo ; e bem fora ainda , que tornaraõ sempre os mesmos , e naõ peiorados. Porẽm destes dizia Cattaõ , que viera todo o mal a Roma , e o mesmo entendia Antisthenes , quando affirmava , que todos os vicios de Grecia eraõ peregrinos ; porque daqui nascem os excessos dos trajos , a gula , e sobegidaõ dos banquetes , e soltura dos vicios , os jogos , as pompas , e ainda mil enfermidades contagiosas , lavrando tanto mais depreça estes vicios na Republica , quanto as pessoas , em que se vem , saõ mais conhecidas nella ; e pela noticia , que tem do mundo , mais authorisadas. Affaz ha que sentir disto em nossa Espanha , e neste Reyno particularmente , onde com os costumes estrangeiros vimos acabada a temperança , e inteireza antiga dos Portuguezes , e com ella o valor , e Imperio padeceraõ tambem grande naufragio. Pelo que com muita razãõ em algumas Respublicas bem ordenadas se prohibiraõ com severissimas leys estas peregrinações. Na dos Lacedemonios se conservava este costu-

me de modo , que mostrando hum man-
cebo Lacedemonio saber o caminho , que
hia para Pileas , foi diſſo reprehendido ri-
gorosamente. Os nobres Athenienſes ſe
preſavaõ tanto de não ſahir da patria ,
que por iſſo traziaõ continuamente hu-
ma cigarra de ouro na cabeça por di-
viſa , mostrando com iſto , que eraõ taõ
continuos nella , como eſte animal , o
qual entre todos os outros tem tal qua-
lidade , que ſe não muda nunca do ſi-
tio donde nalceo. O meſmo guardaõ em
noſſos tempos as familias clariffimas de
Veneza , dos quaes rariffimos ſaõ os que
vaõ fóra da terra , ſenaõ Enviados da
Republica. E o grande Imperio dos
Chinas ſe ſuſtentou por mais de dous
mil annos , não admittindo eſtrangeiros
no Reyno , nem ſe permittir aos natu-
raes ſahir da Provincia , ſenaõ com eſ-
treitiffima licença. Daqui ſe poderá en-
tender quanto mais dignos ſaõ de re-
prehenſaõ , os que intentaõ eſtes cami-
nhos ſó pelo goſto de ver varios luga-
res , pois tomaõ por deleite o deſterro
da patria , que todas a gentes julgaraõ
pela maior pena da vida ; como pelo
contrario o poder eſtar na patria por a
maior

maior felicidade della, segundo o nota excellentemente Claudio neste Epigrama.

Felix, qui patris avum transegit in arvis.

Ipsa domus puerum, quem videt ipsa senem.

Qui baculo nitens, in qua repravit arena,

Unius munerat sacula longa casa.

Illum non vario traxit Fortuna tumultu,

Nec bibit ignotas mobilis hospes aquas.

Non freta mercator timuit, non classica miles.

Non ranci lites pertulit ille fori.

Indocilis rerum vicina nescius urbis,

Ad spectu fruitor liberiore poli. (num.

Frugibus alternis, non Consule, computat an-

Autumnium pomis ver sibi flore notat.

Idem condit ager, soles idemque reducit,

Metiturque suo rusticus orbe diem.

Ingentem meminit parvo, qui gramine quercum,

Æquæcumque videt consensuisse nemus.

Proxima cui nigris Verona remotior Indi,

Benacumque putat littora rubra lacum.

Sed tamen indomitæ vires firmisque lacertis

Ætas robustum tertia cernit avum.

Erret, & extremos alter scrutetur Iberos,

Plus habet hic vitæ, plus habet ille viæ.

Do mesmo modo já Sophocles chamou antigamente só bemaventurado aquella, que sempre esteve no lugar onde nasceo; e disse que a mór fortuna de todas era não ver nunca a terra alheia.

O mesmo confirmou o Oraculo de Apol-

pollo , que por esta razão julgou por mais ditoso ao pobre Aglaão , que nunca se apartára de hum pequena herdade em que nascera , que o grande poder , e riqueza delRey Gyges. E finalmente assim o entenderão todas as gentes ; como se vé nos celebres Adagios : *Domus manendum : Domus amica : Domus optima*. Pelo que com razão teve Euripedes por miseravel o tempo em que se deixa a terra propria.

De tudo o que está dito se collige claramente como na patria, e com pouco trabalho póde cada hum alcançar a reputação de grande, e consummado em qualquer faculdade, ou arte, que professe. E pelo contrario com quantos trabalhos, gastos, e perigos se póde chegar a este gráo pelas peregrinaçoens. Por tanto deve cada hum de procurar de lançar de si estes pensamentos, porque além de não serem de proveito em cousa alguma, não cahirá na sentença de Santo Agostinho, que diz : *Odit patriam, qui sibi bene putat, cum peregrinatur*. Sendo assim, que o amor da patria he tão natural aos homens, que de todas

as gentes foi anteposto sempre à própria vida.

Fim do Discurso VIII.

M E M O R I A L

De alguns Cardeaes Portuguezes.

OS grandes desejos , que sempre tive de ver conservada a memoria dos Varoens illustres d'este Reyno , me obrigou hà annos a escrever o que pude alcançar dos Cardeaes Portuguezes. E posto que bem se vê neste Tratado a veridura da primeira idade , com tudo he tão pouco o que se tem alcançado nesta materia , que me não pareceo inconveniente dar com estas lembranças principio às vidas , que em varias occasioens tinha composto, para poderem usar destes notados , os que quizerem seguir semelhante argumento.

§. I.

S. Damaso Summo Pontifice.

FOi S. Damaso Portuguez , filho de Antonio , nasceo em Entre Douro ,
e

e Minho , junto a Guimaraens , ou no mesmo povo , como claramente o testificaõ os Breviarios Bracharense , e Ebo-rense antigos. E Joaõ Vaseu varaõ doutro , Joaõ de Barros Jurisconsulto nas suas Antiguidades de Entre Douro , e Minho c. 13. fallando de Guimaraens , onde além dos Authores , que por si allega , diz que duas legoas de Guimaraens , e huma de Braga estaõ no Couto de Pedralva humas casafas , e edificios muito antigos , e arruinados , os quaes tem por tradiçaõ antiquissima os daquelle lugar , que morou alli a mãy de hum Papa , que foi em Roma Santo , e que dalli se foi para là. O que além de ter authoridade pela tradiçaõ , concorda com o que lemos em sua vida , que foi enterrado em Roma com sua mãy , e irmãa ; as quaes parece deixáraõ sua patria , e assento natural , por viver em companhia deste Servo de Deos. Porém invejosos alguns Estrangeiros do lustre , e honra , que a esta Provincia resultava de ser mãi de taõ santo filho , no lo quiserãõ usurpar , para illustrar com elle suas Patrias ; como foi o Doutor Pedro Antaõ Beuter , que sem fundamento , por engrandecer

a sua , o faz de Barcellona ; e os Castelhanos , que contendem ser nascido em Madrid , e allegaõ com Marineo Siculo , o qual ainda parece sentir o contrario ; pois tratando no seu quinto livro mui particularmente dos Santos dos Reynos de Castella , e Aragaõ , naõ poem este , sendo taõ notavel ; e sómente falando de Madrid no livro segundo , aca-so diz estas palavras : *Est prater ea felicissimum Sancti Damasi Summi Pontificis meritis , qui Maioritanus fuisse perhibetur a multis*. E desta sua opiniaõ naõ dà mais razãõ alguma , nem mostra outros Authores , em que se funde , senaõ huma pedra moderna sem author , nem authoridade. Pelo que se vê claramente , que só suas paixoens particulares os fazem delviar da verdade conhecida. Temos àlem de tudo por nós Onufrio Parvino , o qual o nomea sempre Portuguez. E posto que no livro , que compoz de *Vitis Pontificum , & Cardinalium* , diga que era Egitanense , ultimamente no Chronicon dos Pontifices Romanos diz , que he de Guimaraens. E o Doutor Gonçalo de Ilhescas em sua vida confessa esta verdade , e diz estar

tido universalmente por Portuguez. O que parece he bastante para abonar a parte de nosso, em que tanto interessamos. De suas acçoens, e hida a Roma, e o mais que passou, até ser posto no Pontificado, hà pouca noticia. Onufrio diz, que seu antecessor Liberio o fez Diacono Cardeal; por morte do qual foi promovido ao Pontificado no anno 366. Foi insigne Pontifice, muito erudito nas Escrituras Sagradas, e por isso estimou tanto a S. Hieronimo: condemnou no Concilio Constantinopolitano as heresias de Eunomio, e Macedonio: fez outro Concilio em Aquileya: edificou em Roma, junto do Theatro de Pompeo, hum insigne templo ao Martyr S. Leurenço Espanhol com huns sumptuosos Paços, que servem de Chancellaria, e se chamaõ communmente S. Lourenço *in Damaso*, e o enriqueceo com muitas doçoens. Edificou outros fóra de Roma na estrada Ardeatina ad Catacumbas, chamado agora S. Sebastião, onde consagrou a Platonía, sepultura que foi algum tempo dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo. Achou muitos corpos de Santos, cujos sepulchros illustrou com elegan-

gantes epitafios. Deixou muitas obras escritas em prosa, e verso, principalmente de *Virginitate*. O que d'elle exta hoje, são cinco Epistolas Decretaes: hum Poema às sepulturas dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo: e as vidas dos Summos Pontifices Romanos até seu tempo; a qual obra depois supriroão Anaftasio Monacho Bibliothecario da Igreja Romana, e Guilhelmo tambem Bibliothecario, e Pandulfo Pilano, que tambem teve o mesmo officio. Ordenou se cantasse nas Igrejas alternativamente os versos dos Psalmos, e no fim de cada hum o Gloria Patri, &c, posto que já em algumas Igrejas havia este costume. Governou 17. annos, dous mezes, e 26. dias, e cheio de virtudes passou desta vida em Roma quasi de 80. annos, no de Christo 384. a 11. de Dezembro. Foi sepultado na Basílica, que elle edificou na vida Ardeatina; e depois transferido para a de S. Lourenço, que hoje se chama *In Damaso*, onde sobre sua sepultura se poz este epitafio, que elle em vida compoz.

Epitaphium Papæ Damasi, quod sibi edidit ipse.
Qui gradiens pelagi fluctus compressi amaro
Vivere qui præstat morientio semina terra?
Sol-

*Solvere qui potuit Lazaro sua vincula mortis
 Post tenebras, fratrem post tertio lumina solis.
 Ad superos iterum Maria donare sorori,
 Post cineres Damasum faciet, quia surgere credo.*

§. II.

O Cardeal D. Payo Galvão.

Pelos annos de 1221. floreceo o Cardeal D. Payo Galvão Conego Regular do Mosteiro da Costa, junto a Guimarens, donde era natural, e filho de Pedro Galvão, e de Dona Maria Paes. Foi Conego Regrante de Santa Cruz de Coimbra, e Mestre em Theologia pela Universidade de Pariz. Foi Mestre escola de Guimarens, e Embaixador de Obediencia a Roma por El-Rey D. Sancho I. O Papa Innocencio III. o creou Cardeal Diacono do titulo de Santa Maria *in Septisolio* no anno de 1206. e no de 1211. foy Cardeal do titulo de Santa Cecilia, e no de 1215. Cardeal Albanense. O Papa Honorio III. o mandou Legado Apostolico com a Cruzada à Conquista da Terra Santa no anno de 1219. e no anno de 1225. foi Legado do Imperador Federico II. Com grand-

de fatisfação foi Legado nas guerras da Terra Santa em tempo de João Breno Rey de Chipre, e por ser Portuguez lhe pareceo, que em seu tempo se havia de tomar a Tera Santa por huma prophecia, que dizem hà, que hum natural da ultima Espanha a hà de restituir, segundo se vê da Historia de Basilio João Hclora na continuacão da Terra Santa lib 3. cap. 2. e se confirma com a memoria do livro dos Obitos do Mosteiro de S. Vicente de fóra de Lisboa no primeiro de Junho, onde se acha deste Cardeal expressa menção.

§. III. *O Cardeal D. João Froes.*

O Cardeal D. João Froes foi natural de Coimbra filho de Alvaro Froes Senhor de Mayorca, e Alhadas no territorio daquella Cidade de D. Elvira Cidiz tambem Senhora de terras. Foi Conego Regular de Santa Cruz de Coimbra, e sendo Bispo Sabinense, e Legado Apostolico consagrou a Igreja do mesmo Mosteiro em 7. de Janeiro de 1228. como consta de hum letreiro da mesma Igreja, e pelo livro dos obitos de Santa Cruz falleceo aos 9. de Agosto de 1236. A no-
ti-

ticia deste Cardeal deu o Licenciado George Cardoso a este Reyno , como muitas outras de que está cheio o seu Agiologio , obra tão insigne , e de tanto estudo , que se pôde admirar igualmente o zelo , e piedade , com que está composta , e o immenso trabalho , com que seu Author tirou das trevas do esquecimento tantas noticias de gloriosos Santos , com que Deos tem illustrado a este Reyno , e avantejado a muitos outros de Europa.

§. IV.

João 20. ditto 21. Summo Pontifice.

João 20. ditto vulgarmente 21. foi natural de Lisboa da Freguezia de S. Juliaõ , filho de Juliaõ , donde tomou o patronimico de Juliaens ; posto que nas obras que compoz sómente se intitula *Petrus Hispanus*. E Onufrio lhe chama tambem Pedro Perez. Foi Arce-diago de Vermuin na Sè de Braga , e D. Prior de Guimarens apresentado por ElRey D. Afonso III. no anno de 1273. Foi doutissimo Varaõ , particularmente nas Mathematicas , e Medicina ; creou

o Bispo Cardeal Tusculano Gregorio X. no Concilio Geral Lugdunense no Pentecostes do anno 1274. Teve o nosso Cardeal a estimavel circumstancia de ser creado pelo Papa S. Gregorio X. e ter por companheiros a S. Boaventura , a Fr. Pedro de Tarantasia , que depois foi Papa Innocencio V. a Fr. Vifdomino de Vifdominis , que alguns dizem que foi eleito Papa , e que morreo no dia da sua eleiçaõ , e Fr. Bertando de S. Martinho Arcebispo de Arles , a quem concedeo Clemente IV. que trouxesse diante de si a Cruz à maneira do Summo Pontifice. Era já neste tempo Arcebispo de Braga , como o diz Joaõ de Barros Jurisconsulto em hum Prologo de certa obra que compoz , e dedicou ao Cardeal Infante D. Afonso , sendo Arcebispo de Braga , e Comrendatario do Mosteiro de Pedroso , no qual lhe mandou fazer , e reformar o Cartorio ; e nesta obra , que contém o numero das Escrituras daquella casa (que são muitas , insignes , e antigas) diz fallando em muitos deste Reyno , que foraõ eminentes em virtudes , e letras , estas palavras. *Da Cidade de Lisboa foi natural*

ral o Papa João XXI. que primeiro se chamou Mestre Pedro Hispano, e que primeiro foi Physico, e fez Summulas da Logica, que hoje se lêm; e assim outras muitas obras, do qual Pedro Hispano eu achei neste Cartorio huma Epistola, assellada do seu sello, que elle escrevia sendo Cardeal, estando em Perosa aos Officiaes de Braga, sendo tambem eleito Arcebispo de Braga; cuja vida foi pelos annos do Senhor 1270. Atèqui João de Barros.

O tempo, em que parece succedeo nesta dignidade, devia de ser o primeiro anno de 1274. porque este foi o ultimo do Arcebispo D. Sancho de Braga, a quem elle succedeo.

Por morte de Adriano I. foi eleito Summo Pontifice em Viterbo aos 20. de Setembro de 1276. Teve grande cuidado de prover os beneficios da Igreja em pessoas benemeritas por virtude, e letras. Intentou fazer huma insigne jornada para recuperar, e libertar a Casa Santa; e a pozera por obra, se a vida lhe não faltàra. Mandou fazer hums ricos, e sumptuosos Paços em Viterbo (que então era o assento ordinario das
Cor-

Cortes dos Pontifices) que foraõ a causa de sua morte ; porque estando vendo hum quarto , que se tinha acabado de novo , se veio o edificio abaixo , e o maltratou de maneira , que dahi a seis dias deu o espirito ao Senhor com grandes mostras de devaçã a 16. de Maio de 1277. Viveo outo meses no Pontificado , e cinco dias ; naõ creou Cardeaes. Estã sepultado na Igreja de S. Lourenço em huma sepultura ordinaria com este Epitafio *Joanni Lusitano 21. Pontificatus Max. sui mense 8. Moritur 1277.* Deixou escritas muitas obras cheias de grande erudição , principalmente em Medicina o livro , que se intitula , *Thesaurus pauperum* ; e outro *Canones Medicinæ* , e outros alguns ; compoz tambem certos *Problemas* , como os de Aristoteles ; e as *Summulas* , que se lem em muitas Escolas de Filosofia com seu nome. Viveo este Pontifice em tempo delRey D. Afonso III.

§. V.

O Cardeal D. Martinho.

DOm Martinho Bispo de Lisboa foi creado Presbytero Cardeal no anno 1383. aos 13. de Dezembro em Avinhão por Clemente VII. que se chamava Papa, da qual parcialidade era este Bispo, como se vê da Chronica del-Rey D. João I. p. 1. o qual foi morto pelo povo, por não querer mandar repicar os sinos da Sè em favor do Mestre de Aviz em Lisboa. Onufrio no seu livro dos Cardeaes lhe chama Portuguez, ainda não falta, quem o tem por Castelhana.

§. VI.

O Cardeal D. João Afonso de Azambuja.

DOm João Afonso de Azambuja foi filho de Afonso Esteves Cavalleiro, Reposteiro Mòr del-Rey D. Pedro, e irmão de João Esteves o Privado. Foi feitura del-Rei D. João I. e da sua facção, em quanto duraraõ as guerras de Castella. Em seu principio foi Conego
de

de Evora , e Prior da Igreja de Monção em Entre Douro , e Minho ; e depois da Alcaçova de Santarem. ElRey D. João o mandou a Roma por duas vezes a buscar a sua dispensação para poder casar : a primeira , sendo ainda Prior da Alcaçova em companhia de D. João Bispo de Evora ; e a segunda , sendo elle já Bispo de Silves , juntamente com João Rodrigues de Sá ao mesmo negocio. E não sómente neste particular , porém em todas as cousas importantes , que naquelles tempos succederão , usou sempre ElRey muito de seu Conselho , e pessoa , por ser sujeito de muitas partes , e grande authoridade.

Foi Bispo do Algarve dous annos , do Porto sete , de Coimbra quatro , e ultimamente Arcebispo de Lisboa sete , e meio : foi creado Cardeal de S. Pedro ad Vincula , do titulo de Santa Eudoxia em Roma por João XXIII. anno 1411. a 6. de Junho , e lhe ficou o Arcebispadado em Encomenda. Fundou em Lisboa sendo Arcebispo , o Mosteiro do Salvador de Religiosas da Ordem de S. Domingos , a quem deixou por seu herdeiro , cujo padroado tem hoje os descendentes.

dentes de João Esteves o Privado irmão do Cardeal, posto que uiaão appellido de Noronha. Morreo em Bruges, vindo de Roma para Portugal a 23. de Janeiro de 1415. mandou trazer seu corpo ao Mosteiro do Salvador, e nelle está sepultado na Capella Mór da parte do Evangelho: os Padroeiros apresentão hum Vigario, e dous Capellaens, que dizem Missa quotidiana pelo Fundador; na sepultura tem este letreiro: *Senhor D. João Arcebispo de Lisboa, e Cardeal de Roma, Barão sabedor, e virtuoso.* Na Sè de Evora fazem hum Anniuersario aos 24. de Janeiro por este Prelado, o qual lhe mandou dizer Alvaro Dias Pestana Conego da mesma Igreja, seu criado que foi, e feitura sua; no qual lugar do livro dos Anniversarios se refere muita parte desta relação; e diz que morreo a 22. de Janeiro de 1415. e que foi creado Cardeal a 3. de Junho de 1411.

§. VII.

O Cardeal D. Pedro da Fonseca.

DOm Pedro da Fonseca foi filho de Pedro Rodrigues da Fonseca Alcaide Mór de Olivença , e de Ines Botelha parenta da Rainha Dona Leonor de Portugal ; por occasião do qual parentesco seguiu Pedro Rodrigues as partes da Rainha Dona Beatriz , e D. João o I. de Castella , para onde se foi , e lá o fez ElRey seu Guarda Mór , deixando elle em Portugal muitas Villas , e lugares , de que era Senhor. Quando se Pedro Rodrigues foi de Portugal , já levava a Pedro da Fonseca seu filho , ainda que pequeno ; e assim posto que se criou em Castella , lhe chama sempre Onufrio Portugalense , e os Authores Castelhanos o confessão.

Foi Bispo Portuense , e depois o creou Cardeal Benedicto XI. que de antes se chamava Pedro de Luna , nas Temporas de Setembro , anno 1409. Era já neste tempo Benedicto declarado por não Papa , e deposto pelo Concilio de Pisa , a quem elle não quiz obedecer.

Du-

Durou D. Pedro em sua parcialidade ; até ultimamente ser deposto pelo Concilio de Constancia no anno de 1417. ao qual pertinazmente resistindo , foi desamparado de quasi todos os seus Cardeaes , e D. Pedro da Fonseca se foi para Martinho III. (a quem ordinariamente chamaõ V.) o qual o confirmou na Dignidade em 17. de Março de 1419. e conhecendo bem suas partes , o mandou por seu Legado a Constantinopla , quando o Imperador Manoel lhe mandou dizer por sua Embaixada , que a Igreja Grega queria vir em uniaõ com a Latina. Nesta Legacia se ouve o Cardeal com tanto acordo , e prudencia , que trouxe os Gregos a Italia ao Concilio de Ferrara , que depois se passou para Florença contra os Prelados de Basilea , que com grande instancia pretendiaõ levar os Gregos ao seu Concilio. Morreo depois em Vicovaro a 20. de Agosto de 1422. Está sepultado em Roma em hum Capella junto da grande de Pio IV. que serve de Choro ; tem a sepultura cinco Estrellas em alça , que saõ as armas dos FONSECAS , e este Epitaphio :

Hor-

*Hortus in Hesperiiis Præsul dignissimus oris
 Fonseca è prole Petrus , lux , gloria magni
 Sanguinis , & patrii superexaltator honoris ,
 Hic jacet : è sacro titulum Michaelē recepit
 Cardineum ; cujus sapientia clarnit altas
 In laudes sensati animi , mirabilis iste
 Doctor erat , divina colens , & amator honesti ,
 Mente pius , recti prudens , moderator & æqui.
 Venit amara dies , qua diræ syncopa mortis ,
 Heu patrē hunc rapuit , Domini labentibus annis
 Mille , quadringentis , bis denis , atque duobus ,
 Dum vegina Dies Augusti panderet astra.
 Spiritus in Cælo tecum sacer Angele vivat :*

§. VIII.

O Cardeal D. Antão Martins de Chaves.

DOm Antão Martins de Chaves sendo Deaõ de Evora , foi eleito Bispo do Porto pela vacancia de D. Vasco Bispo da mesma Igreja , quando foi transferido para a de Evora pelos annos de 1424. atè 25. Foi D. Antão insigne Prelado de muita virtude , e sciencia , e grande defensor da liberdade Ecclesiastica , como bem o mostrou em hum Concilio , que o Papa Martinho V. mandou ajuntar em Braga no anno de 1426. para a conservação da izençaõ dos Ministros Ecclesiasticos , os quaes com a

licença, que a guerra traz consigo, andavaõ mui opprimidos dos Capitaens, e Soldados, em quanto as guerras del-Rey D. Joaõ I. duraraõ com Castella; e para remedio de taõ grandes males se ajuntaraõ dous Concilios neste Reyno, hum em Braga, e outro em Lisboa, e no de Braga, em que se D. Antaõ achou presente, se ordenaraõ muitas cousas tocantes à liberdade Ecclesiastica, e mostrou bem nelle este Prelado o valor, que em si tinha.

Depois no anno de 1434. foi mandado D. Antaõ por ElRey D. Duarte ao Concilio Geral de Basilea em Companhia do Conde de Ourem D. Affonso, que depois foi Marquez de Valença. Assistio em Basilea todo o tempo, que durou aquelle Concilio, atè que o Papa Eugenio IV. o revogou, e o transferio para Ferrara para onde veio, por obedecer aos mandados Apostolicos. Pela qual razaõ, querendo-lhe depois o Pontifice agradecer seus trabalhos, o creou Presbitero Cardeal, estando em Consistorio no Concilio Geral de Florença a 15. de Janeiro de 1439. dando-lhe o titulo de S. Chrysogono.

Viveo depois em Roma alguns annos, aonde edificou, a hospedaria, e dotou o hospital de S. Antonio dos Portuguezes, e lhe deu os Estatutos, que hoje guarda: na qual obra merece certo grande louvor; porque além do serviço, que nella fez a Nosso Senhor, applicando-lhe muitas rendas para ajuda, e refugio dos naturaes deste Reyno, que naquellas partes andaõ, foi occasião para que os outros Portuguezes, que naquella Corte viveraõ, deixassem suas fazendas à mesma Casa, como que cada dia se vai augmentando mais, assim as boas obras, que nella se fazem, como a reputação, e honra da nação Portuguesa; na qual Igreja se mandou sepultar aquelle insigne Doutor, e santo Varão Martinho de Aspilcueta Navarro, o qual não sómente nos costumes em vida, mas ainda na morte, quiz mostrar com esta sepultura o amor, que sempre tivera a este Reyno, e a seus naturaes.

No Cartorio do Cabido da Sè de Evora està a copia de huma carta, que o Cabido escreveu a este Cardeal, em que lhe mandava pedir alcançasse do Summo Pontifice hum Breve para o Ca-
bi-

bido administrar a fabrica da Igreja, lembrando-lhe que os Bispos fazião este officio, como elle vira no tempo que servira esta Sè. E ainda que consta, que o Cardeal impetrou esta graça para o Cabido; não parece que teve de todo effeito, e os Prelados ficàraõ com a posse della. Morreo depois o Cardeal em Roma a 11. de Julho de 1447. està sepultado em S. João de Latraõ, onde estão huns orgãos, que segundo tradiçaõ deu elle àquella Igreja, e tem este Epitafio.

Sepulchrum D. Antonii Cardinalis Portugalensis, qui obiit Romæ die 11. mensis Julii anno a Nativitate Domini MCDXLVII. cujus anima requiescat in pace. Amen.

§. IX.

D. Luiz do Amaral.

ELRey D. João I. mandou por seu Embaixador ao Concilio de Basilea D. Luiz de Amaral Bispo de Viseu, o qual se partio deste Reyno no anno de 1433. (que foi o em que ElRey morreo) havendo já dous, que o Concilio
era

era começado ; fez o caminho por Bologonha , aonde então estava o Summo Pontifice , e por occasião da morte delRey D. João , que o mandava , se deteve naquella Corte , até chegarem o Conde de Ourem , e o Bispo do Porto D. Antão , aos quaes , e a elle mesmo D. Luiz mandava ElRey D. Duarte por seus Embaixadores ao proprio Concilio.

Partiraõ no anno seguinte de 1434. Juntos todos em Basilea , foi tido em grande reputação entre aquelles Prelados , o Bispo D. Luiz por sua grande virtude , constancia , e inteireza , pela qual razaõ o elegeraõ os Prelados de Basilea por hum dos Embaixadores , que mandaraõ a Grecia ao Emperador de Constantinopla João Paleologo , que a Manoel seu pai tinha succedido com intenção de reduzirem os Gregos à uniaõ da Igreja Catholica Romana , e os trazerem ao Concilio de Basilea. Partio desta Cidade o derradeiro de Fevereiro de 1435. e o foraõ acompanhando até fóra da Cidade o Conde de Ourem , e o Bispo do Porto com outros Padres do Concilio , como tudo particularmente se refere em hum livro grande escripto de
maõ ,

maõ , que chamaõ de varias cousas , que foi da Guardaroupa do Cardeal , e Rey D. Henrique , e hoje està na Livraria do Collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus da Cidade de Evora , em que està escrita esta jornada do Conde de Ourem , e tudo o que em Basilea passou muito ao largo por hum seu criado , que em todo o caminho o acompanhou.

Vindo de Grecia , intentou levar o Concilio de Basilea por diante a respeito do Papa Eugenio IV. com outros Bispos , que em Basilea estavaõ. Para cujo effeito foi mandado outra vez do Concilio ao Emperador de Alemanha Alberto II. no anno de 1438. mas por neste tempo andar o Emperador mui occupado na guerra , que queria fazer ao Turco em favor do Despote da Servia , naõ se pôde tomar meio , em que os Concilios viessem a concordia ; antes com a morte de Alberto tomaraõ os de Basilea nova licença contra o Papa Eugenio , e ousaraõ a proceder contra elle com censuras ; até que ultimamente depois de passados os termos dellas , pronunciaraõ contra elle sentença de privação

ção da dignidade Papal ; e havendo a Sede por vacante , entraraõ em nova eleição de Pontifice. Mas vendo que dos Prelados , que no Concilio estavaõ , sómente Ludovico Arelatense era Cardeal , acordaraõ de dar-lhe 32. adjuntos para Eleitores 8. de cada nação ; entre os quaes na de Espanha entrou o Bispo D. Luiz. Desta eleição sahio por Papa Amadeo , Duque , que tinha sido de Saboya , o qual tendo-se por legitimo Pontifice , se quiz chamar Felix V. e se coroou neste anno de 1439. Depois creou por vezes Cardeaes , e fez todas as mais cousas , que aos Summos Pontifices convinhaõ. E na quarta creação , que foi a sua ultima anno 1443. no mez de Abril , creou Presbytero Cardeal ao Bispo D. Luiz. Durou a Scisma até o anno de 1449. em que o Emperador Frederico III. acabou com o Antipapa Felix cedesse de algum direito , que ao Pontificado podia ter. Em gratificação da qual cessaõ o Papa Eugenio o fez Deaõ dos Cardeaes , e lhe deu muitos outros honrados cargos. E dos 24. Cardeaes , que tinha creado , confirmou sómente tres. Porém já a este tempo era de-

deposto , ou morto o Bispo D. Luiz ; porque no anno 1444. D. Luiz Coutinho era já Bispo de Viseu , de modo , que sua morte foi pouco depois de sua creação.

§. X. *O Cardeal D. Gemes.*

O Cardeal D. Gemes foi Filho do Infante D. Pedro Regente destes Reynos , e de Dona Isabel sua mulher , filha do Conde de Urgel D. Gemes , e netta delRey D. Afonso III. de Aragoã. Depois de ser preso na batalha de Alfarrobeira (em que seu pai morreu) se foi para sua tia a Infanta D. Isabel Duquesa de Borgonha , sendo ainda de mui pouca idade. Vindo depois a Roma houve a perpetua administração do Arcebispo de Lisboa ; e foi creado Cardeal de Santa Maria in Porticu na primeira creação , que o Papa Calixto fez anno 1456. no primeiro dia de Outubro , em que creou sómente tres ; convem a saber dous sobrinhos seus , a este Senhor. Duarte Nunes de Leão , e outros homens graves , e de letras , dizem que foi Cardeal do titulo de Santo Eustachio ; não sei com que fundamen-

mento, porque Onufrio sempre lhe chama de Santa Maria in Porticu na particular historia, que dos Cardeaes compoz. Porém segundo todos os nossos, lhe dão o titulo de Santo Eustachio; podia bem ser que succedesse nelle por morte de algum outro Cardeal mais antigo.

Foi Principe de grande modestia, gravidade, engenho, e erudição, de cujas partes Eneas Sylvio, que depois foi Summo Pontifice Pio II. faz honradissima menção, fallando da primeira criação do Papa Calixto na sua Europa cap. 58. com estas palavras: *Tertius fuit Jacobus de Portugalia Regio sanguine natus, in quo ea modestia, ea gravitas, id acumen ingenij, id studium literarum, is amor virtutis emicuit; ut quamvis juvenis adhuc, tardius tamen opinione omnium ad eam dignitatem ascenderit.*

Sendo de idade de 25. annos, e 9. meses, morreo em Florença a 19. de Setembro de 1459. com nome de castissimo; e he tido nesta Cidade em opinião de Santo. Jaz sepultado na Igreja de S. Miniato, que he dos Frades de S.

S. Bento , situada fóra dos muros da Cidade , na qual está o Crucifixo , que se inclinou a S. João Gualberto Author dos Ermitaens de Valumbrosa. Tem na sepultura este letreiro.

*Regia stirps, Jacobus nomen, Lusitana propago
Insignis forma, summa pudicitia.*

*Cardineus titulus, morum nitor, optima vita,
Ista fuere mihi, mors juvenem rapuit.*

*Vixit Ann. XXV. Mens. XI. Dies X. ob. A.S.
MCCCCLIX.*

§. XI.

O Cardeal D. George da Costa.

DOm George da Costa foi natural de Alpedrinha lugar do Bispado da Guarda, nasceo no anno de mil quatro centos e sessenta , foi varaõ dotado de grande engenho, virtudes, e altos pensamentos em seus principios , foi Lente de Santo Eloy de Lisboa , donde era Reytor hum tio seu varaõ de grande virtude, e Mestre que foi da Infanta Dona Catharina , filha d'ElRey D. Duarte: e por respeito deste seu tio , e suas boas partes , o admittio a Infanta à sua familia: foi esta Princeza de muita virtude, que
nun-

nunca quiz casar, nem fez alguma hora mudança nos trajos; teve porèm sempre grande casa, e Capella; e afeiçãoando-se muito às letras, e procedimento de D. George, lhe deu algumas Igrejas rendosas; depois das quaes fez com ElRey D. Afonso V. seu irmão o appresentasse no Deado de Lisboa, donde servindo-se ElRey delle em cousas de mais momento, o mandou a Roma com negocios de muita importancia, a que elle soube dar taõ bom despacho, que vindo a este Reyno, movido ElRey de sua rara prudencia, e governo, lhe deu grande parte na administração, e regimento delle, tendo sempre muito credito em seu Conselho, e usando sempre delle em todos os negocios de paz, e guerra, que se offereceraõ em seu tempo. Achou-se com ElRey em Gibraltar, quando no anno de 1464. se vio com ElRey D. Henrique o IV. de Castella; e em suas mãos juraraõ ambos os Reys de guardarem bem, e como deviaõ os acordos, que no proprio lugar entre si fizeraõ; no qual tempo era já D. George Bispo de Evora; posto que poucos meses depois, e quasi no mesmo anno

Q

foi

foi transferido para o Arcebispado de Lisboa, na qual dignidade fez muitos serviços a ElRey D. Afonso, o qual o enviou a Castella por seu Embaixador, quando ElRey D. Henrique lhe pediu, que lhe mandasse seus Embaixadores, para tratar os casamentos, que pretendia, convém a saber entre a Infanta Dona Izabel sua irmã com o mesmo Rey D. Afonso, e a Princeza Dona Joanna sua filha com o Principe D. João. Aos contratos dos quaes desposorios já tinha sido presente, e padrinho em Gibraltar. Foi a esta Embaixada com todo o estado, e acompanhamento conveniente à pessoa, e dignidade, que representava; posto que não teve este negocio effeito. Depois na empresa, que ElRey D. Afonso commetteo da conquista de Castella, o acompanhou sempre com muitas gentes à sua custa, e com sua pessoa.

Com estes serviços, e partes, crescendo cada dia mais em authoridade com ElRey D. Afonso, foi à sua instancia creado Presbytero Cardeal do titulo dos Santos Marcellino, e Pedro, por Sixto IV. no primeiro de Janeiro de 1476. Com a grandeza destas dignidades, e com a valia, que com ElRey tinha, era

tanta sua authoridade no governo do Reyno, que veio a ser pouco grato ao Principe D. João, como homem, que não quiz ser nunca governado por outrem. Pela qual razão se lhe mostrou contrario, e lhe chegou a dizer palavras tão asperas, que por viver seguro, e sem molestia, se foi occultamente para Roma; pouco depois da chegada delRey D. Affonso de França.

Em Roma foi mui accito ao Papa Sixto IV. e lhe deu o Arcebispado de Braga, que teve juntamente com o de Lisboa, até que no anno de 1487. o renunciou em seu irmão uterino D. George. Valeu tambem muito com Innocencio VI. que a Sixto succedeo, e de Presbytero Cardeal o fez Bispo Cardeal Albano.

Era já neste tempo tão grande sua authoridade no Collegio dos Cardeaes, que morto Innocencio, esteve mui perto de o elegerem em Summo Pontifice; porque dividindo-se todo o Collegio em duas parcialidades, huma dellas seguia a Afcanio Esforçia, que procurava o Pontificado para Rodrigo de Borja Vicecancellario, e a outra seguia ao Cardeal de S. Pedro, que declarava querer fazer

Pontifice ao nosso D. George. Porém posto que os que seguiaõ esta parte, fossem os mais antigos, e graves do Collegio; a outra, que tinha grande poder, e muitas Personages levaraõ ao fim seu designio, creando Pontifice ao Vice-Chancellor, que se chamou Alexandre VI. o qual lhe teve sempre grande respeito, e o fez Bispo Cardeal Tusculano, e depois Portuense, e de Santa Rufina.

Em vida deste Papa lhe mandou pedir muito ElRey D. Manoel, que a D. Joaõ II. havia succedido, se viesse para este Reyno, para lhe ajudar a administrar o governo d'elle; conhecendo bem, que pela muita prudencia, e experiencia, que nelle havia dos negocios daquelle tempo, e das cousas passadas, lhe seria de grande proveito tello junto consigo. E tanto fez com elle por cartas e mensageiros, que lhe prometteo de vir. Pelo que mandou ElRey a Roma Pedro Correa Fidalgo de sua casa, para o acompanhar no caminho, e negociar com o Papa algumas cousas por meio do Cardeal. Mas depois de Pedro Correa ser em Roma, a chou já a D. George mudado do proposito, dando
por

por escusa sua idade , e mã disposição , e sobre tudo não lhe querer o Papa para isso dar licença , e o querer ter apar de si , pela necessidade que tinha de seu conselho , e ajuda nas cousas , que lhe compriaõ. E assim encomendando-lhe muito Pedro Correa os negocios , que levava , se tornou para o Reyno. Eraõ estes negocios , que ElRey lhe mandava encomendar as dispensaçoes do voto de castidade , que faziaõ os Commendadores da Ordem de Christo , e de S. Bento de Aviz , o qual o Cardeal despachou facilmente com o Papa , e as Bullas mandou depois a ElRey , cousa que elle estimou muito , porque atè entãõ senãõ pode nunca alcançar ; posto que muitos de seus antecessores fizeraõ com os Summos Pontifices grandes instancias nesta materia.

Com os grandes redditos destas Prelasias , e de outras muitas , que teve em varias Provincias de Elspanha , e beneficios , que provia de todo Portugal , deixou a todos seus parentes ricos , e em grandes dignidades , a outro irmão seu , chamado D. Martinho renunciou o Arcebispado de Lisboa ; e do mesmo modo

do proveo em outros ricos beneficios muitos criados, e amigos seus, e casou suas irmãs com Fidalgos mui illustres, e principaes, e seus irmãos da mesma maneira. E em quanto a vida lhe durou em lembrança do que devia à Infanta Dona Catharina, trouxe por divisa humas rodas de navalhas. As mesmas vi esculpidas numa antiga alampada de prata, que ainda alcancei na Capella Mór da Sé de Evora, a qual o Cardeal mandou fazer sendo Bispo desta Igreja.

Tambem tenho hum medalha grande, em que está esculpido ao natural com hum letreiro à roda, que diz: *Georgius Cardinalis Portugalen*. George Cardeal de Portugal: e da outra parte tem a imagem de hum mulher com hum Anjo defronte, que numa mão tem hum livro, e a outra aponta para o Ceo com o letreiro: *Theologia*, donde parece que esta foi a sua empresa, denotando o grande affecto que tinha à sciencia da Theologia, e contemplação das cousas divinas.

Morreo em Roma a 19. de Setembro de 1508. sendo de idade de 102. annos; jaz sepultado na Igreja de Nossa Senhora

ra de Populo na Capella de Santa Catharina; dentro da qual no alto da parede está hum vulto de marmore com este letreiro.

Georgius Episcopus Albanens. Card. Ulixp. dum se mortalem animo voluit, vivens sibi posuit.

Abaixo deste vulto, e letreiro está huma caixa grande de marmore com estas letras.

Georgius Lusitan. Episc. Portuens. S. R. E. Card. Ulixp. virtutis doctrinaeque ergo in Regiam adscitus, ac multis domi, forisque praeclaris facinoribus editis, ad Regnique procuracionem proventus á Xisto IV. in Senatum adlectus, Romanque adscitus, magnam ingenii, pietatis, prudentiaeque laudem adeptus sub Julio II. Pontifice Maxim. quem unicè dilexit, & observavit, annum agens secundum supra centesimum obiit M.D.VIII.

§. XII.

O Cardeal D. Affonso.

O Cardeal D. Affonso foi filho do Rey D. Manoel. Sendo de idade de 8. annos, lhe mandou o Papa Leão X.

X. o Capello de Diacono Cardeal do Titulo de Santa Luzia , e juntamente o fez Protonotario Apostolico, e Bispo Targitano; foi creado em Roma a 27. de Junho de 1517.

Depois teve o Titulo de Cardeal de S. Braz, e ultimamente de S. Joaõ, e S. Paulo. Foi neste Reyno Bispo de Viseu , Arcebispo de Lisboa, Abbade de Alcobaça , e perpetuo administrador do Bispado de Evora; cujo governo teve em seu nome D. Fr. Henrique Frade Franciscano Bispo de Ceita Primaz de Africa , como se elle intitulava.

Em todas as Prelacias que teve, se houve com grande governo, e usou de homens eminentes em todas as materias, e em seu serviço. Foi Principe de grande virtude , e amou muito as letras , e seus professores , de que elle não alcançou pequena parte. Morreo em Lisboa a 21. de Abril de 1540. e está sepultado no Real Mosteiro de Belem , na Capella que chamaõ do Cardeal , e tem este Epitafio.

Heu quot in Alfonso viduantur honore Tiaræ!

Plorat Ullisipo , Roma , rubensque toga !

Visenses pueri , quos ipse fide erudiebat ,

Solaque congaudent æthera cive suo.

§. XIII.

§. XIII.

O Cardeal D. Miguel da Silva.

Dom Miguel da Silva foi filho de Diogo da Silva de Menezes, e de Dona Maria de Ayala filha de Diogo de Ferreira, Senhor das Ilhas de Lançaróte, Forte ventura, e Gomeira nas Canarias. Era Diogo da Silva Ayo delRey D. Manoel, sendo ainda Duque de Beja, e assim depois que succedeo no Reyno, em gratificação de seus serviços, o fez Conde de Portalegre, Senhor de Gouvea, Celorico, e S. Romaõ, e muitas outras Villas, e Lugares; e lhe deu o officio de Mordomo Mór, e o fez seu Veador da Fazenda, e Escrivaõ da Puridade. D. Miguel seu filho sendo moço, o mandou ElRey estudar a Pariz, aonde neste tempo costumavaõ hir aprender todos os Nobres deste Reyno; para o qual effeito sustentavaõ os nossos Reys hum Collegio naquella Universidade, em que todos estudavaõ. Sahio D. Miguel muito douto na sciencia, que aprendia, e muito mais nas humanidades, e elegancia da lingua latina. Pelo quê não se conten-

tentando de dar mostras das flores de seus estudos sómente em Pariz, se foi a Bologonha, e depois a Roma no anno de 1530. onde communicou todos os homens eminentes daquelle tempo; dos quaes sendo recebido com grande applauso, os deixou tão afeiçoados á sua agradável benevolencia, que lhe ficaraõ chamando em Roma *Il. nostro Michele*. Aqui se encontrou com Hieronymo Osorio (Bispo, que depois foi do Algarve) e como combinavaõ ambos na erudição, e elegancia latina, se foraõ a Veneza, por saberem, que naquella Cidade se tinhaõ junto muitos engenhos raros daquelle tempo sobre a correcção de Plinio, e chegados a ella, dizem que deu D. Miguel grandes mostras da viveza de seu engenho; porque ordinariamente emendava dous, e tres lugares, em quanto os outros emendavaõ hum. Foi além disto insigne Poeta latino, e tinha tal graça nesta faculdade, que disseraõ por elle em Pariz, que assim como Hieronymo Osorio levava a vantagem a todos em descrever qualquer cousa na prosa, D. Miguel a não concedia a ninguem em fazer o mesmo no verso.

Aca-

Acabados os estudos, vindo a este Reyno, assim pela valia de seu pai, como por seus proprios merecimentos, o fez ElRey D. Joaõ III. do seu Conselho, e lhe deu a Abbadia de S. Tirso em Riba de Ave, com outros muitos beneficios; e ultimamente o apresentou no Bispado de Viseu, e o mandou por seu Embaixador a Roma, onde esteve muitos annos. E tornando a este Reyno, lhe deu ElRey o mesmo officio de Escrivaõ da Puridade, que seu pai tivera.

Movido neste tempo o Summo Pontifice Paulo III. das partes, letras, e virtudes, que em D. Miguel conheceo, o quiz fazer Cardeal; porém ElRey D. Joaõ III. por alguns respeito de estado, o não consentio nunca; de modo que posto que D. Miguel aceitou a mercê do Papa sendo creado Presbytero Cardeal da Basilica dos doze Apostolos a 5. de Setembro de 1539. na 7. creação, com tudo não se publicou por então, até ver se em alguma maneira consentia ElRey aceitasse esta dignidade. Porém nunca se pôde alcançar d'elle esta licença. Pelo que desenganado D. Miguel, se partio escondidamente para Roma

ma o anno de 1541. não dando a El-Rey os papeis, que como Escrivão da Puridade em seu poder tinha, por fazer com maior segredo sua jornada. ElRey tanto que soube della, teve grande paixão, e parecendo-lhe, que sempre D. Miguel desfiriria ao que elle mandasse, o enviou chamar por cartas suas, em que lhe dizia se viesse logo para elle sem detença alguma, e por lhe tirar o receio, que podia ter, o segurou por hum seguro Real, que para isso lhe mandou. Mas D. Miguel, que estava bem inteirado do desgosto, que ElRey tomára com sua ida, e quanto sempre lhe repugnara aceitar elle o Capello, não se atreveo a apparecer outra vez ante elle. Do que ElRey se houve por tão deservido, que logo o desnaturalizou de seus Reynos, e o privou de todas as mercês, que lhe tinha feitas por huma carta sua, dada em Lisboa a 26. de Janeiro de 1542. e nesta desgraça delRey ficou sempre.

Chegado a Roma, foi logo publicada a sua Creação, que até então estivera secreta, e o festejou grandemente o Summo Pontifice Paulo III. e todo

do o Collegio dos Cardeaes , com quem foi sempre mui grande sua authoridade, por as raras partes , que nelle havia , com que levava a benevolencia de todos ; e tal era a opiniaõ com que estava tido na Corte Romana (ou por melhor dizer) em toda Italia , que não achou o Conde Balthasar Castilhoni , a quem com mais razaõ poderse dedicar o seu livro do Perfeito Cortesaõ , que a elle ; e assim o escolheo entre todos os Varoens famosos (de que aquelle tempo foi taõ abundante) por elle representar mais ao vivo todas as perfeiçoens , que no verdadeiro Cortesaõ imaginava.

Depois disto foi muitos annos Legado de Ravena ; huma das principaes Legacias do Estado Ecclesiastico, e era tal a ordem, e expediencia , que dava aos negocios , que ainda hoje anda em proverbio na Curia a audiencia de Viseu. Depois do titulo dos doze Apostolos , com que foi criado , teve o de Santa Praxedes , e Julio III. o fez Presbytero Cardeal de Santa Maria Trans Tiberim , junto da qual Igreja viveo nuns sumptuosos Paços , que ainda hoje con-

conservado seu nome. Teve votos para o Summo Pontificado. Morreo em Roma a 5. de Junho de 1556. e está sepultado na mesma Igreja de seu Titulo.

§. XIV.

O Cardeal D. Henrique.

O Infante D. Henrique foi filho do Rey D. Manoel, e da Rainha Dona Maria, sendo de 14. annos se fez Clerigo, e o primeiro Beneficio que teve, foi o Priorado de Santa Cruz de Coimbra. Depois no anno de 1522. lhe derao o Arcebispado de Braga, que possuio com outros Beneficios, até que por morte de seu irmao o Infante D. Afonso foi feito Bispo de Evora; creando no mesmo anno o Papa Paulo III. esta Igreja em Arcebispado Metropoli, de Sylves, e Ceita, e depois se lhe acrescentou Elvas. Foi creado Cardeal do Titulo dos Santos quatro Coroados pelo Papa Paulo III. em Roma na undecima creação a 16. de Dezembro de 1545. Foi Legado á Latere neste Reyno, em quanto viveo. Teve do mesmo

mo-

modo o Officio de Inquisidor Mór, e levantou quatro Casas do Santo Officio; convém a saber, Lisboa, Evora, Coimbra; e Goa. Reformou as Religioens neste Reyno, e fez muitos Mosteiros, e Casas de Oração; entre os quaes foi celebre a Universidade, e o Collegio do Espírito Santo da Cidade de Evora. Por a infelice morte delRey D. Sebastião succedeo na Coroa deste Reyno, anno 1578. e morreo em Almeirim no de 1580. no derradeiro de Janeiro, onde esteve seu corpo depositado até o de 1582. em que ElRey D. Felipe de Castella o mandou levar a Belém, onde está sepultado, e tem o seguinte Epitafio.

*Hic jacet Henricus gemino diademate clarus,
Quod Patrio sceptro Purpura juncta fuit.
Conditur & Regnū pariter cum Rege sepultū,
Ut foret imperii vitæque, morsque sui.*

§. XV.

O Cardeal D. Virissimo de Lancastro.

FOi filho de D. Luiz de Lancastro, Commendador Mór de Aviz, e de Dona Filippa de Vilhena, filha de Manoel de Vasconcellos Regedor da Justiça.

ça. Nasceu em Lisboa, e foi Bautizado na Igreja Parroquial de Santos a 9. de Julho de 1615. Foi Doutor em Canones pela Universidade de Coimbra. Foi Conego, e Thesoureiro Mór da Sé de Evora, Deputado, e Promotor do Santo Officio da Inquisição da mesma Cidade, lugar de que tomou posse em 19. de Novembro de 1644. Foi Inquisidor da mesma Inquisição, e tomou posse em 16. de Março de 1649. donde veio para Inquisidor de Lisboa, e tomou posse em 7. Julho 1660. Deputado do Concelho Geral, de que tomou posse em o primeiro de Abril de 1664. Foi Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II. e por elle nomeado Bispo de Lamego, que não aceitou. Foi Arcebispo, e Senhor de Braga, Primaz de Elpanha. Tomou posse por Procurador em 8. de Julho de 1671. Entrou naquella Cidade em 3. de Novembro do mesmo anno. Visitou a sua Diocese com muita diligencia, e caridade. Administrou o Santo Sacramento da Confirmação a innumeraveis pessoas de hum, e outro Sexo. Residio na sua Igreja até 27. de Março de 1677. em
que

que veio para Lisboa , e foi provido no lugar de Inquisidor Geral , deixando a Cidade de Braga muito sentida de perder hum tão benigno Senhor. No lugar de Inquisidor Geral logrou occasiões de mostrar além do zello da Fè , todas as virudes moraes , de que foi dotado. Em 12. de Setembro de 1686. o creou o Santo Pontifice Innocencio XI. Cardeal da Santa Igreja Romana. A eminençia da Dignidade nunca dantes vista em Portugal dos que então viviaõ , lhe não diminuhio a sua natural affabilidade , pela qual era amado de todos. Continuou em dar Ordens todos os Domingos na sua Capella a todos , os que tinhaõ privilegios para tomalas extra tempora com grande commodidade dos ordinandos , não só deste Reyno , mas dos visinhos , donde vinhaõ muitos atomar Ordens a Lisboa , que elle dava a todos com tanto gosto , que dizia , que nisso não fazia favor , mas que o recebia. Ainda sendo muito velho se levantava muito cedo para estudar na sua copiosa Livraria , e assim era tão versado nas materias Canonicas , que nenhum ponto se lhe allegava Author algum ,

R

que

que elle não accrescentasse a allegação com muitos outros, sem que a applicação lhe fizesse damno à saúde, que conservou robusta até a ultima idade, em que assaltado de hum violento achaque se rendeo à cama, e em poucos dias de doença deu muitos exemplos de piedade, e de todas as virtudes. Achava-se naquelle tempo em Lisboa o Reverendissimo Padre Fr. João de Alvim Ministro Geral de toda a Ordem dos Menores, Successor de S. Francisco, que tinha vindo a vizitar as Provincias deste Reyno, Varão prudentissimo, e de santa vida, e foi significar ao Cardeal o quanto era sensivel para toda a sua Religião, o estado, em que se achava sua Eminencia, e o Cardeal o recebeu com as expressões de humildade christãa, que pudera fazer o menor subdito daquelle grande Prelado. Conservando sempre a constancia do animo, recebeu todos os ultimos Sacramentos com tal piedade, que edificou a toda a Corte. Em todas as Casas Religiosas se faziaõ Preces pela vida daquelle Principe, que excedeo a todos no amor às Sagradas Religiões; mas se lhe não alcançaraõ hu-

humã vida mais dilatada , conseguiraõ-lhe humã morte santa , pela qual entregou a alma nas mãos do seu Creador em 13. de Dezembro de 1692. Aberto o seu Testamento se achou cheio de disposições pias , e prudentes : entre outras mandou , que se lhe fizesse humã Capella no Adro da Igreja de S. Pedro de Alcantara de Lisboa com outenta mil reis de renda perpetua para a fabrica della , e que nella se lhe dissessem quatro Missas quotidianas perpetuas , deixando por cada humã a esmolla de quarenta mil reis cada anno. Foi a sua morte sentida em todo o Reyno pelas muitas , e singulares virtudes , com que se tinha feito amavel a todo elle. Mandou-se sepultar no Atrio da Igreja de S. Pedro de Alcantara do Mosteiro dos Capuchos da Santa Provincia da Arrabida , da qual tinha sido grande bemfeitor , adonde o seu corpo foi levado por entre duas alas de Religiosos de todas as Ordens , que ha em Lisboa , que principiando na porta do Palacio da Inquisição , acabavaõ na dita Igreja , tendo todos vèlas acesas. Ao mez se lhe fez hum solemniissimo officio na mesma Igreja.

ja , funebre , mas ricamente adornada ; com elevadíssimo Mausoleo cheio de luzes. Prêgou naquellas honras o Illustríssimo Bispo de Pernambuco D. Fr. Francisco de Lima da Ordem de N. Senhora do Monte do Carmo com a sua costumada elegancia , e erudição.

§. XVI.

O Cardeal Luiz de Souza.

Foi filho de Diogo Lopes de Sousa , segundo Conde de Miranda , Governador do Porto , Presidente do Concelho da Fazenda , do Concelho de Estado de Portugal na Corte de Madrid , e da Condesa Dona Leonor de Mendoga. Nasceu na Cidade do Porto em 16. de Outubro de 1630. No de 1639. foi com a Condesa sua Mãe para Madrid , adonde desde o anno antecedente estava o Conde seu Pai , que alli falleceu em 27. de Dezembro de 1640. vinte e sete dias depois de se ter aclamado em Lisboa ElRey D. João IV. Neste tempo já Luiz de Sousa era Menino da Rainha no Paço de Castella , aonde continuou até o anno de 1646. em

em que em companhia da Condeſſa viu-
vã , com permiſſão delRey D. Felippe
IV. voltou a Portugal. Em Lisboa eſtu-
dou Latinidades no Collegio de S. An-
tao da Companhia de Jeſus. Declarou-
ſe logo por elle o favor do Principe D.
Theodozio , augmentado pelo amor dos
Livros , em que era muito ſemelhante
ao Principe , Luiz de Souſa , que ten-
do ſó dez annos , começou a diligencia
de juntar Livros , em que perſeверou por
toda a vida , comprando naquella ten-
ra idade os primeiros trez , que ainda
que de materias agradaveis aos annos
pueriz , forão principio da copioſiſſima ,
ſelecta , e celebrada Livraria de Luiz
de Souſa , que para ajuntalla , fez huma
larga peregrinação. Não tendo comple-
tos vinte e hum annos , partio para Ro-
ma em 8. de Fevereiro de 1651. no
Pontificado do Papa Innocencio X. No
anno de 1653. lhe chegou a funeſta no-
ticia da morte do ſeu adorado Principe
D. Theodozio , ſuccedida em Alcantara
de Lisboa a 15. de Maio daquelle
anno , a qual fez nelle tanta impreſſão ,
que teve grandes impulſos de entrar na
Cartuxa , para ſe retirar totalmente do

mun-

Mundo , e morrer para elle , seguindo do modo , que lhe era licito , ao Principe defunto. Mas a Divina Providencia , que destinava Luiz de Souza para Principe da Igreja , lhe tirou os pensamentos daquella estreita clausura , e a que sempre conservou hum grande amor , pelo qual tinha resolutos nos ultimos annos de sua vida doar à Cartuxa de Laveiras , no Termo de Lisboa , a sua grande Livraria , e lhe começou a fabricar hum capacissima Sala para a collocar , a qual ficou imperfeita , e a meditada doação sem effeito. Testemunhou publicamente o sentimento da morte do Principe D. Theodosio com erigir em Roma hum Monumento perene à sua memoria , com esta inscripção.

T U M U L U S

Serenissimi Principis Lusitanie

T H E O D O S I I

Ornatus virtutibus , oppletus lacrimis

Illius in mortalitati

ALUDUVICO DE SOUZA

Comitis Mirandæ filio

Uno ex intimis Aulae

Ereclus.

No

No qual em elegantes versos latinos choraõ aquella lamentavel perda as quatro partes do Mundo , a que se estende o Imperio Portuguez. Em Roma estudou Luiz de Sousa os Sagrados Canones , em que se graduou Doutor. Ainda se achava naquella Corte ao tempo da morte de Innocencio X. a 8. de Janeiro de 1655. e no da eleiçaõ de seu successor Alexandre VII. exaltado ao Summo Pontificado em 7. de Abril do mesmo anno. Do qual obteve o Deado da Sè do Porto , com o qual sahio de Roma em Setembro do dito anno , e depois de visitar a Santa Casa do Loreto , passou a Veneza , e dahi a Alemanha , Flandes , Olanda , e Pariz. Restituído a Portugal em 26. de Setembro do anno seguinte de 1656. foi Governador do Bispado do Porto , e Governador da mesma Cidade , e da sua Relaçã ; occupando estes tres lugares com admiravel inteireza, prudencia , e desinteresse. Em 1669. o nomeou ElRey D. Pedro o II. (sendo ainda Principe Regente , e Governador deste Reyno) para a dignidade de Capellaõ Mòr , e o Papa Clemente X. o fez Bispo de Bona. Sagrouse na
Ca-

Capella Real em 14. de Junho de 1671. Em 17. de Setembro de 1675. foi nomeado Arcebispo de Lisboa. Tomou posse em 22. de Janeiro de 1676. Fez magnificas obras no Palacio Archiepiscopal. Alcançou para Lisboa o Jubileo do *Laus perenne*, e hia visitar todas as Igrejas, em que elle se achava por todo o circulo do anno. Duas vezes foi Provedor da Misericordia, hum a no anno de 1674. e outra no de 1683. em ambas fez aquelle officio com grande assistencia, piedade, e generosidade. Reedificou o Templo de Santa Catharina de Ribamar, de Religiosos da Santa Provincia da Arrabida, com todo o primor da Architectura. No Real Mosteiro da Batalha na Capella de S. Miguel fez o sumptuoso Mausolèo para que fez trasladar em 24. de Maio de 1691. os ossos do Conde seu Pay, como testemunha a inscripção, cuja elegancia compete com o polido da obra, como sahida da penna do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providencia, Academico da Academia Real, Varaõ bem conhecido no Mundo pela sua celebre, e admiravel obra do Vocabulario Portuguez em dez

tomos de folha, e outras muitas obras de grandicissima estimação, que imprimio, e deixou manuscriptas em Latim, e Portuguez.

Em 30. de Agosto de 1679. foi feito do Concelho de Estado. Foi creado Cardeal da Santa Igreja Romana, pelo Papa Innocencio XII. em 21. de Junho de 1697. Trouxe-lhe o Barrete D. Joronymo Colona, que por isto teve de pensão duzentos mil reis no Bispado de Miranda. E perguntando-lhe o Senhor Rey D. Pedro II. se havia continuar no Officio de Capellaõ Mór, sendo Cardeal, elle lhe respondeo, que se a Purpura lhe houvesse de ser embaraço para servir a Sua Magestade naquelle Officio, por nenhum caso a aceitaria. Morreo piamente em 4. de Janeiro de 1702. Mandou-se sepultar na Capella de Nossa Senhora da Piedade da Terra Solta na Claustro da sua Sè, para a qual tinha Tribuna do seu Palacio no pavimento da Capella, em huma sepultura raza, em cuja campã, que he de pedra negra, mandou esculpir por Epitafio estas palavras: *Sub tuum præsidium*. Fizeraõ-se-lhe as honras na sua Sè, com a magnificencia devida a tal

Prin-

Príncipe : prégoú nellas o Reverendíssimo Padre Fr. Rodrigo de Lancastro , da Ordem dos Prégadores , hoje do Concelho de Sua Magestade , e do Geral do Santo Officio , por suas virtudes , letras , e alto Sangue , acredor das maiores dignidades. Trataõ do Cardeal Luiz de Sousa , Manoel de Sousa Moreira no Theatro Genealogico da Casa de Sousa. O qual he hum excellentè obra , e em que se està vendo a boa eleição do Cardeal Sousa , porque a mandou fazer por hum dos mais discretos homens de seu tempo , que era Secretario do Padroado Real , e depois foi Abbade das Chans , e ultimamente da Igreja de Sambade , adonde morreo sendo Academico da Academia Real , na Provincia de Traz os Montes. Mandou o Cardeal imprimir esta excellentè obra na Impressão Real de Pariz , no anno de 1694. em folha de grande papel , a qual enche mais de mil paginas , he livro muito adornado de estampas , com os retratos de todos os Senhores da Casa Sousa , desde o seu principio atè aquelle anno , tudo feito com tal primor , que pareceo querer competir a arte Typografica com a elegancia

cia do estylo, sacrificando-se huma, e outra a elevação do Assumpto daquella obra. O Padre Daniel Papebrochio da Companhia de Jesus, lhe dedicou o quinto tomo da grande obra intitulada: *Acta Sanctorum Maij*, e a Dedicatoria he hum elegante Panegirico do seu Patrono; nella celebra tambem a sua famosa Livraria; à qual o sobredito Padre D. Rafael Bluteau dedicou o seu segundo tomo das suas Primicias Evangelicas, e he a Dedicatoria não só hum Panegirico daquella Livraria; mas hum grande theatro de toda a erudição. Faz tambem honorifica memoria de Luiz de Sousa Jorge Cardozo, no terceiro tomo do Agiologio Lusitano, no commentario de 15. de Maio letra G. pag. 283. tratando do Principe D. Theodosio; e este Author accrescentou, e enriqueceo muito a dita Livraria do Cardeal, com os preciosos Manuscriptos, que lhe deixou, os quaes tinha junto com grande trabalho, despesa, e desvelo em trinta annos: em ordem à composição da nunca dignamente louvada obra do Agiologio Lusitano de tanta gloria de Deos, e honra deste Reyno, de que deixou impressos tres tomos

mos dos seis primeiros meses do anno; e nos taes Manuscritos a materia disposta para os outros seis.

§ XVII.

O Cardeal Nuno da Cunha de Ataíde.

HE filho de Luiz da Cunha de Ataíde, Senhor de Povolide; Castro Verde, e Paradella, e de sua mulher Dona Guiomar de Lancastro, filha de D. Alvaro de Abranches, do Conselho de Estado, e de Dona Maria de Lancastro. Nasceu em Lisboa no anno de 1664. em 8. de Dezembro, (e não em 7. de Agosto, como erradamente trazem alguns livros impressos em Roma.) Foi Baptizado na Igreja de S. Jozè, em cuja Parochia està o Palacio de sua Casa, pelo Senhor D. Verissimo de Lancastro Deputado então do Conselho Geral do Santo Officio, e depois Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, Inquisidor Geral de Portugal, e Cardeal da Santa Igreja Romana. Foi seu Padrinho do Baptismo Luiz de Vasconcellos, e Sousa, Conde de Castello Melhor, do Conselho de Estado, Reposteiro Mòr, e Escrivão da
Pu-

Puridade delRey D. Afonso VI. e Madrinha, a Senhora Dona Elvira Maria de Vilhena, Condeffa de Pontevel.

Estudou Latinidades em Lisboa com insignes Mestres. Estudou Filosofia na mesma Cidade, na Aula do Mosteiro da Santissima Trindade, e em Coimbra tomou o grão de Mestre em Artes. Sendo naquella Universidade Porcionista do Collegio de S. Paulo, estudou os Sagrados Canones, em que fez exame privado. Foi Conego da Sè da mesma Cidade. Em moço acompanhou a seu Tio Paterno Nuno da Cunha, Conde de Pontevel, na jornada, que fez a França, para dahi passar a Inglaterra, para cuja Corte hia por Embaixador extraordinario. He comendador de Santa Martha de Bornes da Ordem de Christo.

Foi Deputado da Inquisição de Coimbra, de que tomou posse em 2. de Novembro de 1691. e em 29. de Julho do anno de 1692. entrou a ser Promotor da mesma Inquisição; em 8. de Abril de 1692. tomou posse no lugar de Deputado da Inquisição de Lisboa; desta foi tambem Inquisidor, e tomou posse do lugar em 5. de Abril de 1700. foi De-

pu-

putado da Junta dos Tres Estados. Sendo nomeado Bispo de Elvas, não aceitou. O Senhor Rey D. Pedro II. o nomeou Capellão Mór em 14. de Setembro de 1704. o Papa Clemente XI. lhe deu o Titulo de Bispo de Targa. He Inquisidor Geral nestes Reynos, e suas Conquistas, lugar de que tomou posse em 6. de Outubro de 1707. He do Concelho de Estado, e Cardeal da Santa Igreja Romana, creado em 18. de Maio de 1712. pelo mesmo Papa Clemente XI. por cuja morte partio de Lisboa para Roma ao Conclave em 9. de Maio de 1712. O Papa Innocencio XIII. que então foi eleito lhe deu o Chapeo em 10. de Junho do mesmo anno, com o Titulo de Santa Anastasia, de que tomou posse em 21. de Julho do mesmo anno, e o fez das *Congregações de Bispos, e Regulares, de Propaganda Fide, dos Ritos, e da Consistorial*. Esteve em Roma com grande credito da Nação Portugueza, assim pelas suas letras, e piedade, como pela sua magnificencia. Restaurou a Basilica de Santa Anastasia, fazendo nella magnificas obras, e augmentos, de que agrade-cido o Cabido della, em 2. de Março de

1722. determinou , que naquella Igreja se fizesse todos os annos , até o fim do mundo , especial memoria do seu grande Bemfeitor , e mandou gravar em hum marmore huma larga inscripção para eterna lembrança de tudo isto , que traz o doutissimo Director da Academia Real Portugueza D. Manoel Caetano de Souza no seu *Catalogo Historico dos Summos Pontifices , Cardeaes , e Bispos deste Reyno* , onde se pòde ver. A grande devação , que tem à Gloriosa Santa Barbara Virgem , e Martyr , o moveo a solicitar em Roma , e conseguir do Papa Innocencio , logo que chegou à Curia , que neste Reyno se pudesse rezar della com liçoens proprias , e rito Duplex , sendo dantes simples , e deu para a sua Ermida do Castello de Lisboa huma fermosa alampada de prata. Voltou a esta Corte em 22. de Outubro de 1722. aonde foi recebido por S. Magestade, por toda a Corte , e Nobreza com as demonstrações de estimação , que sempre mereceo.

§. XVIII.

O Cardeal D. Jozè Pereira de Lacerda.

FOi filho de Francisco Pereira de Lacerda, e de sua mulher Dona Antonia de Brito, Fidalgos illustres. Nasceu na Provincia de Alentejo, na Villa de Moura em 7. de Junho de 1661. Estudou Canones na Universidade de Coimbra, em que tomou o grão de Doutor, foi Oppositor às Cadeiras, e lêo algumas por substituição. Foi Promotor, e Deputado do Santo Officio na Inquisição de Evora, lugares de que tomou posse no anno de 1691. em 10. de Dezembro véspera de S. Damaso Pontifice Portuguez. Na mesma Inquisição foi Inquisidor, lugar de que tomou posse em 2. de Setembro 1692. Largou o serviço do Santo Officio. Foi Prior da Igreja Parochial de S. Lourenço de Lisboa, na qual succedeo ao Eminentissimo Senhor D. Thomaz de Almeida, hoje Cardeal Patriarcha de Lisboa Occidental. Foi nomeado Prior Mór da Ordem Militar de S. Tiago em 12. de Setembro de 1709. Tomou posse do Priorado Mór no Convento de Palmella
em

em 4. de Novembro do mesmo anno. Foi nomeado Bispo do Algarve em Novembro de 1715. Foi Sagrado em Lisboa na Igreja do Mosteiro da Santissima Trindade em 30. de Agosto de 1716. pelo Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha, sendo assistentes os Illustrissimos Senhores D. Luiz Simoens Brandaõ, Bispo de Angola, e D. Manoel da Silva Francez, Bispo de Tagaste, e Coadjutor do Arcebispado de Lisboa. Foi Executor da Bulla Aurea para a Creação do Patriarcado de Lisboa Occidental. Foi creado Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana pelo Papa Clemente XI. no Consistorio de 19. de Novembro de 1719. Trouxe-lhe o Barrete Cardinalicio Monsignor Sacripante, o qual recebeu na sua Capella em 3. de Novembro de 1720. Nos principios de Maio de 1721. o nomeou S. Magestade do Conselho de Estado. Em 9. do mesmo mez, e anno se embarcou em Lisboa para Roma, a entrar no Conclave, a que tinha sido convocado pelo Sacro Collegio; por morte do Papa Clemente XI. A 10. de Junho do mesmo anno, estando já em Roma, lhe deu o Papa Inno-

cencio XIII. que tinha succedido a Clemente XI em 8. de Maio , o Chapeo ; e a 16. do mesmo mez lhe deu o Anel Cardinalicio , e o Titulo de Santa Susana , do qual tomou posse no mesmo anno em 11. de Agosto , dia da mesma Santa. E aos 7. de Setembro seguinte tomou posse do lugar de Protector da Capella do Santissimo Sacramento da mesma Igreja.

No mesmo anno lhe consagraraõ humma festa Academica de Letras , e Armas os Porcionistas do Collegio Clementino , que sãõ Fidalgos da primeira Nobreza de Italia ; e no mesmo anno se imprimiraõ em Roma as obras , que nella se recitaraõ , todas em louvor do Summo Pontifice , delRey Nosso Senhor D. Joaõ V. e do mesmo Cardeal, com a relaçaõ da mesma festa. Foi das Congregaçoens do *Concilio Tridentino* , da *Immunidade Ecclesiastica* , do *Indice* , e das *Indulgencias*. A Academia dos Arcades , da qual hoje he Protector ElRey Nosso Senhor , elegeo a sua Eminencia por acclamaçaõ , e lhe deu o nome Retimo Sidiانو.

A Roma lhe chegáraõ os rogos dos
mo-

móradores do Reyno do Algarve , seus subditos , pedindo-lhe , que declarasse dia Santo de guarda na Cidade de Faro , e seus arrebaldes o dia 4. de Dezembro dedicado a Santa Barbara Virgem , e Martyr , a qual elles tinhaõ escolhido por sua Protectora , para se livrarem dos terremotos , e tempestades , que padeciãõ ; calamidades , que naõ experimentaraõ depois de terem recorrido ao seu patrocínio ; o que sua Eminencia lhes concedeo no anno de 1725. como Bispo que he daquelle Reyno , com que ambos estes Eminentissimos Cardeaes cooperaraõ em Roma para os maiores cultos , e veneraçoes da Gloriosa Santa Barbara. Alli entrou em Conclave por morte do dito Papa Innocencio com os mais Cardeacs , e com elles fez a prudentissima eleiçaõ do Santo Padre Benedicto XIII. em 29. de Maio de 1724. que dantes era Cardeal Vicente Maria Ursini Arcebispo de Benevento da Ordem de S. Domingos. Viveo em aquella Curia admirando-a com as suas Letras , erudiçaõ , e acçoens generosas. Voltou para Portugal em Setembro do anno de 1728. e chegou a esta Corte em Dezembro , aon-

de affistio algum tempo , e recolhendo-se ao seu Bispado , se applicou a satisfazer às obrigações do seu Pastoral Officio. Entrou na Visita Geral , e em 26. de Abril de 1738. administrando o Sacramento da Confirmação se começou a sentir tão mal , que encarregando a visita a Miguel de Ataíde Corte Real , Conego Penitenciario da Sè do Algarve , e Vigario Geral do Bispado , se recolheu a Loulè em 23. de Junho , e a 24. dia de S. João entrou no seu Palacio na Cidade de Faro , em que sem embargo de multiplicados remedios se aggravou de forte a doença , que muitas vezes se confessou , e comungou por devoção , até que em 25. de Setembro recebeo o Senhor por Viatico , que acompanhou o Cabido , de quem se despedio com grande ternura , e com muitas lagrimas de todos , mandando-se fazer preces pela sua saude. A 29. do dito mez amanheceo com tanta melhoria , que se entendeo , que estava livre de perigo ; mas às dez horas da noite se achou tão privado de repente dos sentidos , que hum Medico Castelhana , que lhe affistia , começou a chamar pela fami-

mi-

milia dizendo, *acudan que se muere el siervo de Dios*, e assim espirou sendo de idade de 77. annos, tres mezes, e vinte e dous dias. No dia 30. foi levado o cadaver aos hombros de Sacerdotes por entre duas alas dos Soldados do Regimento daquella Praça á Sè, e se celebrou Missa Solemne, e se lhe deu sepultura no jazigo dos Prelados daquella Diocese. A 20. de Outubro se lhe celebraraõ na mesma Cathedral Solemnissimas Exequias, em que fez a Oraçaõ funebre o Padre Fr. Joze Lobo Mercenario Descalço, natural do Reyno do Algarve. Sendo o Cardeal ainda D. Prior de Palmella foi S. Magestade àquelle Convento sem ser esperado; sahio a recebello com a Communidade dos Freires, e lhe fez de repente hum taõ douta pratica, que subio muito no Real conceito a sua sciencia. No anno Santo de 1725. fez no seu Palacio em Roma hum Hospicio para doze Clerigos pobres, que fossem a ganhar de Espanha aquelle Jubileo.

§. XIX.

O Cardeal D. João da Mota e Silva.

N Asceo na illustre Villa de Castello Branco em 14. de Agosto de 1685. fazendo-a ainda mais celebrada com o seu nascimento. Começou a estudar Theologia na Universidade de Evora, e continuando os mesmos estudos na de Coimbra, nella tomou o grão de Doutor. Sua Magestade que Deos guarde, attendendo às suas letras, e procedimento, que são as bases das maiores felicidades, o nomeou Conego Magistral da insigne Collegiada de S. Thomè. No tempo em que Monsignor Firrão (hoje Cardeal da Igreja Romana) se achava em Lisboa, fez no seu Palacio humas Conferencias, em que se tratavaõ materias dos Concilios, e se faziaõ eruditissimos discursos, para o que convidou as pessoas mais doutas, que havia na Corte. Entre ellas foi hum a o Conego João da Mota, e Silva, que mostrou em elegantes papeis o muito que estava adiantado em hum estudo, que não costuma ser mui frequente nas Es-

pa-

panhas , e na facilidade de escrever em latim , como tinhaõ por obrigação os que discorriaõ.

A sua literatura , modestia , e gravidade o fizeraõ de tal modo aceito a Sua Magestade , que pela sua Real nomeação o creou Cardeal a Santidade de Benedicto XIII. no Consistorio de 26. de Novembro de 1727. Trouxelhe o Barrete Monsignor Lercari , que hoje he Legado de Avinhaõ. Foi ouvida esta noticia com applauso commum , porque Sua Eminencia merece a geral estimação do Reyno pelo seu agrado , cortesia , e affabilidade. Delle faz memória o Padre Fr. Agostinho Fabri da Ordem dos Prègadores na primeira continuação de Roma Santa , impressa em Ausbourg em 1729.

§. XX.

O Cardeal D. Thomaz de Almeida.

N Alceo em Lisboa , aonde foi baptizado em casa de seus Pais os segundos Condes de Avintes D. Antonio de Almeida , Governador do Reyno do Algarve , do Conselho de Estado , e
Guer-

Guerra , e Dona Maria Antonia de Borbon , e tomou os Santos Oleos na Parochia de Santa Engracia. Depois de estudar Filosofia com o Padre Manoel Vieira no Collegio de Santo Antão da Cidade de Lisboa , passou a Coimbra , aonde foi Porcionista no Collegio Real. Estudou Canones , e sendo Deputado do Santo Officio na Inquisição de Lisboa , foi despachado para Dezembargador da Relação do Porto , donde veio para a Casa da Supplicação , em que teve a serventia de Aggravos. Foi Prior da Igreja de S. Lourenço , aonde para memoria da sua piedade mandou fazer hum Capella a S. Thomaz de Villanova , o arco da Cappella mor , e os dous Altares Callateraes dedicados hum ao Senhor Jesus , e outro à Conceição da Senhora. Foi Deputado , e Provedor da Fazenda , e Estado da Rainha , Sumilher da Cortina , Cavalleiro da Ordem de Christo , Deputado da Mesa da Consciencia , e Ordens , Chanceller Mór do Reyno , Secretario das Mercês , e Expediente , e ultimamente de Estado.

Attendendo ás suas grandes virtudes , e merecimentos a Magestade do Senhor
Rey

Rey D. Pedro II. de saudosa memoria o nomeou Bispo de Lamego, e sendo confirmado pelo Papa Clemente XI. foi sagrado na Igreja de Nossa Senhora da Graça em 3. de Abril de 1707. pelo Bispo Inquisidor Geral Nuno da Cunha de Attaide (hoje Cardeal de Santa Anastasia) sendo Assistentes D. Fr. Antonio Botado, e D. Fr. Pedro de Foyos, aquelle Bispo de Hypponia, e este de Bona, ambos Irmãos, e Eremitas de Santo Agostinho.

Havendo tomado posse deste Bispa-do pelo seu Provisor o Reverendissimo P. Fr. Antaõ de Faria Monje de S. Bento, que depois foi dignissimo Geral da sua Congregação, entrou na Cidade de Lamego em 22. de Maio do dito anno, e foi recebido com todas as demonstraçoens de alvoroço, e alegria, que se deviaõ à sua pessoa, e affabilidade.

Chegado a Lamego, teve noticia que o Bispo de Viseu D. Jeronymo Soares trazia com o seu Cabido gravissimas contendas, que haviaõ sahido a autos publicos depois de fulminadas repetidas censuras. Era a causa de taõ escandalosa perturbação hum Conego da mesma Sé, que sendo conhecido pelos seus compa-
nhei-

nheiros, o não era pela sinceridade do Bispo. Estranhou o nosso Bispo tão indignas demandas, como quem em poucas horas, e sem paixão havia examinado o principio, e sem dar parte da sua resolução a ninguém, foi a Viseu a serenar huma tormenta, que havia tempo perturbava aquella Diocese. Soube o Bispo de Viseu da visita que não esperava, e veio mais de huma legoa a esperar tão zeloso hospede. Voltaraõ para a Cidade com todas as demonstraçoens de cortezania, e da conversação foi a principal parte a presente discórdia. Deputou o Cabido dous Conegos, que vieraõ visitar o Bispo de Lamego, a quem recebeu com a sua costumada urbanidade. Havia-se queixado o Bispo da contumacia dos seus Capitulares, agora se queixaraõ os Capitulares do injusto procedimento do seu Prelado. Ouvidas huma, e outra parte entrou a compollas o Bispo de Lamego, e feito arbitro de tão dilatados litigios pelo Bispo, e pelo Cabido poz termo àquelles pleitos com satisfação dos litigantes; e como a sua jornada não tinha outro fim senaõ o da paz, concluida ella, voltou aos negocios da sua Igreja.

Em

Em vinte , e hum mez que foi Bispo de Lamego , deixou da sua generosidade repetidos argumentos , porque na Cathedral para receber mais copiosa luz , lhe abriu seis grandes janellas , fez as grades do Cruzeiro , as portas da Igreja , que pela qualidade do seu artificio são dignas de particular memoria , e lageando o Adro , que estava indecente , o guarneceo com grades de ferro , que lhe servem de adorno , e de reparo. Enriqueceo a Sanctistia de muitos , e preciosos ornamentos , e além dos materiaes para se fazerem as varandas do Claustro , lhe deixou mais de nove mil cruzados para obras. No Mosteiro das Chagas de Religiosas de S. Francisco fez o Mirante religiosamente magnifico , e no Convento de Santo Antonio dos Capuchos da mesma Cidade fez a Sanctistia , que adornou com peças de muito preço.

Por carta assinada pela Real mão em 30. de Maio de 1708. foi visitar a Coimbra o Collegio Real , em que havia sido Porcionista , e desta visita resultou acrescentar Sua Magestade , que Deos guarde , as rendas ao Collegio , devendo

do a tão benemerito filho hum notavel augmento na fazenda.

Em 26. de Setembro de 1708. vagára o Bispado do Porto por morte do virtuosissimo Prelado D. Fr. Jozé de Santa Maria, e por carta de 30. de Abril de 1709. nomeou ElRey D. Joaõ o V. nosso Senhor Bispo do Porto ao Bispo de Lamego, e logo por carta de 6. de Maio do mesmo anno lhe fez mercê o dito Senhor do lugar de Governador das Justiças daquelle Relação, e das Armas da Cidade, e seu districto. No mesmo tempo, em que o Cabido do Porto teve a noticia desta nomeação, por assentos de 15. e 17. de Maio elegeo ao Arcediago de Oliveira Luiz de Magalhens, para que da sua parte fosse a Lamego visitar, e dar os parabens a Sua Illustrissima. Foi absoluto do vinculo de Lamego, e confirmado no Bispado do Porto por Clemente XI. a 22. de Julho do sobredito anno de 1709. e mandando tomar a posse pelo seu Provisor o Reverendissimo Padre Fr. Antaõ de Faria, se lhe deo em 17. de Outubro. Chegou o Prelado a 30. passou o Douro, e se recolheo no Convento de Santo Antonio do Valle da
Pie-

Piedade de Religiosos Capuchos , aonde depois de cumprimentado, e assistido de toda a Nobreza, Relação, Officiaes de Guerra, e de Justiça, fez a sua entrada publica na Cidade em 3. de Novembro do mesmo anno, e a 9. começou a exercitar as occupações de Governador das Justiças, e das Armas com geral estimação de toda a Provincia.

Foi extraordinaria a pompa, e magnificencia, com que a opulentissima Cidade do Porto celebrou esta entrada. Houve tres dias de luminarias, de repiques, de excellentes encamifadas, e outras demonstraçoens de alegria, em que rompeo o alvoroço da Cidade, acrescentando a todo este applauso fazerem representar em hum dos pateos do Palacio Episcopal vistosissimas Comedias, o que tudo descreveo em outava rima Antonio Cerqueira Pinto, natural de Amarante, e morador na Cidade do Porto, pessoa digna de toda a estimação pelos seus estudos, e vastissimas, e profundas noticias das Antiguidades deste Reyno, em que he summamente versado com douda, e exacta critica, e que já em outro Poema do mesmo metro havia cantado a esclare-

re-

recida Ascendencia do Bispo D. Thomaz de Almeida.

Executando a piissima disposição de S. Magestade ordenou, que se celebrasse a festa de N. Senhora da Conceição com maior solemnidade que fosse possível, e para este fim se cantáraõ as Matinas em a noite antecedente, e no dia celebrou Missa de Pontifical com assistencia de toda a Nobreza, e do Tribunal da Relação.

Attendendo à grande necessidade, que havia de Synodo Diocesano, o celebrou no anno de 1710. com todas as formalidades, e nelle se dispuzeraõ muitas cousas pertencentes ao melhor governo do Bispado.

No mez de Maio de 1711. foraõ taõ repetidas as innundaçoens de agua, que temendo-se alguma esterilidade mandou o Bispo, que sahisse em Procissão pelas Ruas da Cidade, o Senhor d'Alem, com o qual tem aquelle povo bem fundada devoção pelos grandes beneficios, que tem experimentado da sua piedade. Fez-se a Procissão em 14. do dito mez, com a pompa, e Magestade, que em semelhantes occasioens se costuma; e como

mo naquelle anno era Ministro da Ordem Terceira de S. Francisco, para aplacar a indignação Divina, na noite de 21. do mesmo mez fez outra Procissão de preces, em que a Ordem Terceira, e os Religiosos foram descalços, de que compadecida a Divina bondade, restituiu a serenidade do tempo, não se experimentando o danno, que naturalmente se temia. Na mesma occasião padeceo aquella Cidade grande falta de peixe, e fazendo-se por esta causa segunda Procissão em 27. do dito mez de Maio, em que sahio outra vez a Imagem do Senhor d'Alem, se encaminhou à barra, e benzendo-a o Prelado, teve outra vez a Cidade do Porto a costumada abundancia.

Em 4. de Dezembro de 1711. nasceo em Lisboa Occidental a Senhora Infanta Dona Maria Barbara, hoje Princesa das Asturias, e em 21. do dito mez, em acção de graças, fez o Bispo D. Thomaz Pontifical, e Solemnissima Procissão, e como a esta solemnidade se unio a Trasladação do Santissimo Sacramento para a sua Capella na Sè, que se havia reformado com extraordinaria magni-

gnificencia , prègou neste dia o Conego Magistral da mesma Sé o Doutor Manoel dos Reys Bernardes, com a elegancia , acerto, e propriedade , que sendo nelle dotes naturaes , saõ a enveja de todos os que o ouvem, e lem os seus escritos.

Em 20. de Fevereiro de 1713. lançou a primeira pedra no arrogante, e magestoso edificio da nova Capella dos Terceiros de S. Domingos; obra de tanta Magestade , que havendo na Cidade do Porto grande numero de Fabricas Sagradas magnificamente edificadas, esta na sua proporção não he inferior a nenhuma.

Para a sua Cidade do Porto alcançou este zelosissimo Prelado de Clemente XI. pelo espaço de sete annos hum Jubileo com Lausperene em todo o tempo da Quaresma , a que logo se deu principio na Sé , no primeiro dia da Quaresma do anno de 1713. continuando-se pelas mais Igrejas dous dias em cada huma.

Em 16. de Julho do mesmo anno de 1713. que era o ultimo dia do Triduo, com que os Religiosos de S. Domingos
ce-

celebraraõ a Canonizaçaõ do Summo Pontifice Pio V. fez o Bispo o Pontifical com toda a grandeza, que pedia a Solemnidade daquelle acto.

Mandou rasgar, e abrir mais a porta de Carros, e o Postigo de Santo Eloy, intentando, que no Campo das Hortas, junto à Fonte da Arca, se fizesse huma nova Praça. Naõ teve effeito esta obra, mas teve-o o povoar-se aquelle sitio de muitas, e nobres casas, em que se vai dilatando a povoação com incrível grandeza. Na Igreja de Santo Antonio, que he dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de S. Phillippe Neri, mandou fazer hum grande Adro, que ennobreceo muito a quella fabrica, e nos pilares das grades se lhe gravaraõ as suas Armas.

Reformou a Quinta do Prado, accrescentando-lhe gallarias, e no Palacio Episcopal mandou abrir janellas em muitas Salas, e fez de novo a Casa da Camara Ecclesiastica, em cujo tecto estaõ printadas as Armas dos Almeidas.

Por ordem de Clemente XI. presidio em dous Capitulos Geraes da Religiaõ de S. Bento. Celebrou-se hum no Mosteiro de Santo Tyrso, e nelle foi eleito

Geral o Reverendissimo Padre Fr. Antão de Faria , Provisor do Bispado do Porto , e o outro se celebrou no Mosteiro de Tibaens , que he a Cabeça desta Monastica , e Illustrissima Congregação nos Reynos de Portugal.

Neste tempo determinou a Magestade delRei D. Joaõ V. Nosso Senhor illustrar a sua Corte com huma Igreja Patriarchal , que nos privilegios , e grandeza se distinguisse com incomparavel differença de todas as outras Cathedraes. Conseguiu esta graça da Santidade de Clemente XI. que lha concedeo por huma amplissima Bulla , chamada *Aurea* , expedida em Roma aos 7. dos Idus de Novembro , que he aos 7. do dito mez do anno de 1716. e por esta causa nomeou S. Magestade , que Deos guarde , ao Bispo do Porto D. Thomaz de Almeida Patriarcha de Lisboa Occidental , em 4. de Novembro do mesmo anno , e em 7. do dito mez o absolveo o Papa do vinculo de Bispo do Porto , e o confirmou em primeiro Patriarcha da mesma Cidade de Lisboa Occidental.

Chegada esta feliz noticia à Corte , mandou o Senhor D. Thomaz de Almeida-

meida tomar posse do Patriarcado pelo Arcediago da mesma Patriarchal Jozé Dionysio Carneiro , cujo acto se fez em 8. de Janeiro de 1717.

Era necessario que o Senhor Patriarcha tomasse a posse pessoal , e que fizesse entrada publica na sua Igreja , como dispoeem o Ceremonial dos Bispos. Para esta funcção , verdadeiramente magestosa , se destinou a tarde de Sabbado 13. de Fevereiro do anno já dito de 1717. Da Quinta do Duque de Aveiro , sita nas visinhanças da Parrochia de S. Sebastião da Pedreira , sahio o Senhor Patriarcha para a Igreja deste Santo , aonde o esperava montado a cavallo , toda a Nobreza de Portugal , e tomando o Coche , veio marchando com todo este lustro acompanhamento até à Igreja de Santa Martha , aonde apeando-se , tomou a Capa Consistorial , e pondo-se a cavallo continuou a marchar até às portas de Santo Antão , em que estava levantado hum excellenre , e bem adornado Altar. Aqui deixada a Capa Consistorial , se revestio de Pontifical com Capa , e Mitra de tella branca , e montando em huma mula ruça , cuberta com

hum gualdrapa de tella branca, o levou de redea seu Irmaõ D. Luiz de Almeida Conde de Avintes; ao fahir das portas de Santo Antaõ, o receberaõ de baixo de hum Pallio de preciosa tella os Vereadores dos Senados de ambas as Lisboas, e desta forte, por entre duas alas, que formavaõ as Communidades Religiosas, as Confrarias, e Irmandades de Lisboa Occidental, chegou à Santa Basilica Patriarchal, dando-lhe fim a esta vistossissima Ceremonia com o Hymno *Te Deum Laudamus*, solemnissimamente cantado.

Depois da posse começou logo a exercitar a Dignidade de Capellaõ Mór, que como consta da mesma *Bulla Aurea*, ha de andar annexa a quem tiver a de Patriarcha de Lisboa Occidental; e para lhe não faltar a authorisadissima circumstancia de Conselheiro de Estado, foi S. Magestade servido fazer-lhe dentro de poucos dias aquella mercê.

Tratou de visitar a sua Diocese, obrigação a que satisfez pessoalmente, como quem sabe o quanto emenda mais a vista, do que as informaçoes, não cessando depois em tempo algum de mandar Visi-

fitadores , que reformem os vícios com caridade , e não estrondo , porque as culpas , em quanto não degeneraõ em obli-nação , melhor se remedeiaõ com a sua-vidade , que com o rigor.

Para o sitio de Rinhafolles , que he contiguo ao Convento de Santo Antonio dos Capuchos , se haviaõ mudado os Padres da Missaõ , cujo principal instituto he ensinar as Ceremonias Ecclesiasticas aos Ordinandos. Sobre os principios desta obra entrou o Senhor Patriarcha a fazer nova despeza , e se vai continuando hum edificio , em que possaõ não só viver commodamente os Padres , mas tambem o grande numero de pessoas , que concorrem a aprender o Ministerio do Altar , e a fazer algumas vezes a utilissima devoção dos Exercicios Espirituaes , para o que mandou levantar no interior da Casa hum Oretorio , que não cede na grandeza ao primor do seu ornato.

No anno de 1721. deo o Senhor Patriarcha o dezejado principio à clausura do Mosteiro de N. Senhora dos Remedios de Campolide de Religiosos da Ordem da Santissima Trindade , para o
que

que mandou ao Seu Vigario o Illustrissimo D. João Cardoso Castello Arcebispo de Lacedemonia, que fosse benzer a Igreja, e logo sem mais dilação, sahiraõ as quatro Fundadoras do Convento de Santa Martha em 25. de Junho de 1721. Foraõ as Fundadoras a Madre Izabel Maria das Montanhas para Priora, a Madre Maria Jozefa de S. Felippe para Sub-Priora, a Madre Antonia Thereza de Jesu para Mestra da Ordem, que he o mesmo, que Mestra de Noviças, e a Madre Eufrasia Maria do Sacramento para Porteira.

Disposto tudo o que era preciso para a entrada das Noviças na tarde de 2. de Julho de 1721. em que se celebra a Visitação de N. Senhora a Santa Izabel, com assistencia da Rainha N. Senhora, e da Senhora Infanta D. Francisca, e de muita parte da Nobreza, e de hum extraordinario concurso de povo, se lançou o habito às primeiras Noviças, dando todos graças a Deos por verem concluida huma obra, a que havia pouco menos de hum seculo, que se lhe dera principio.

Mandou o Senhor Patriarcha fazer
Conf-

Constituições, que elle mesmo confirmou em 26. de Junho de 1721. as quaes se compoem de nove Titulos, que comprehendem cincoenta Capitulos, e se imprimiraõ em Lisboa Occidental na Officina de Jozè Antonio da Silva em 1726. em quarto.

Tambem para as Religiosas Descalças de N. Senhora da Conceição da Luz, que he da jurisdicção ordinaria, e fundado pelo piíffimo Varaõ Nuno Barreto Fuzeiro, àlem da Regra approvada pelo Papa Julio II. e modificada por Innocencio XII. mandou fazer Constituições, que constaõ de 37. Capitulos, que confirmadas em 8. de Julho de 1727. se imprimiraõ na mesma Officina no dito anno em quarto.

Tem a Mitra de Lisboa humas Quinta no lugar de Santo Antonio do Tojal, cuja Igreja, como diz a tradiçaõ, fez o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos, e lhe começou humas Torre, que depois acabou o Ascebispo D. Miguel de Castro. Com o progresso do tempo, e descuido estava esta Quinta, e Palacio quasi arruinado, e o Senhor Patriarcha a tem restituído, e renovado de

forte, que Igreja, e Palacio são dignísimos de se verem, não só pela grandeza, como pelo bom gosto.

Faltava a este grande Prelado a Purpura Romana, e no Consistorio de 20. de Dezembro de 1737. o creou Cardeal Clemente XII. e lhe mandou o Barrete por Monsignor Julio Saccheti Sobrinho de Monsignor Cavallieri Nuncio em Portugal, que chegou a esta Corte em 3. de Maio de 1738. Foi esta noticia sumamente estimada, e applaudida por toda a Corte, e povo, celebrando o premio das grandes virtudes, que venera no seu Prelado.

F I M.



N. 1.



N. 2.



N. 3.



N. 4.



N. 5.





12



13



14





N. 6.



N. 7.



N. 8.



N. 9.



N. 10







N. 11.



N. 12.



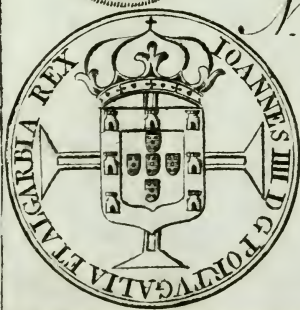
N. 13.

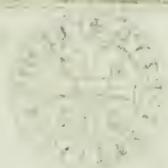


N. 14



N. 15

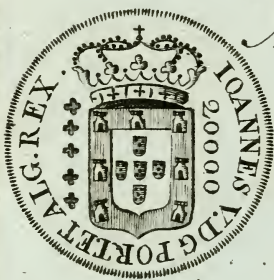




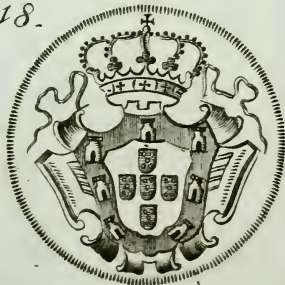
N. 16.

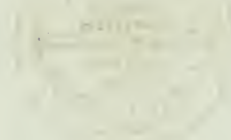


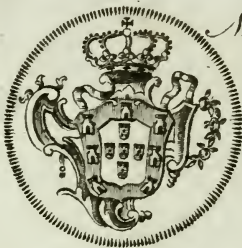
N. 17.



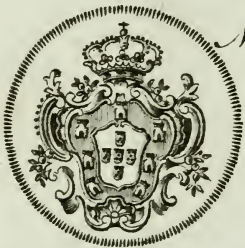
N. 18.







N. 19.



N. 20.



N. 21.





